



SENADO
FEDERAL

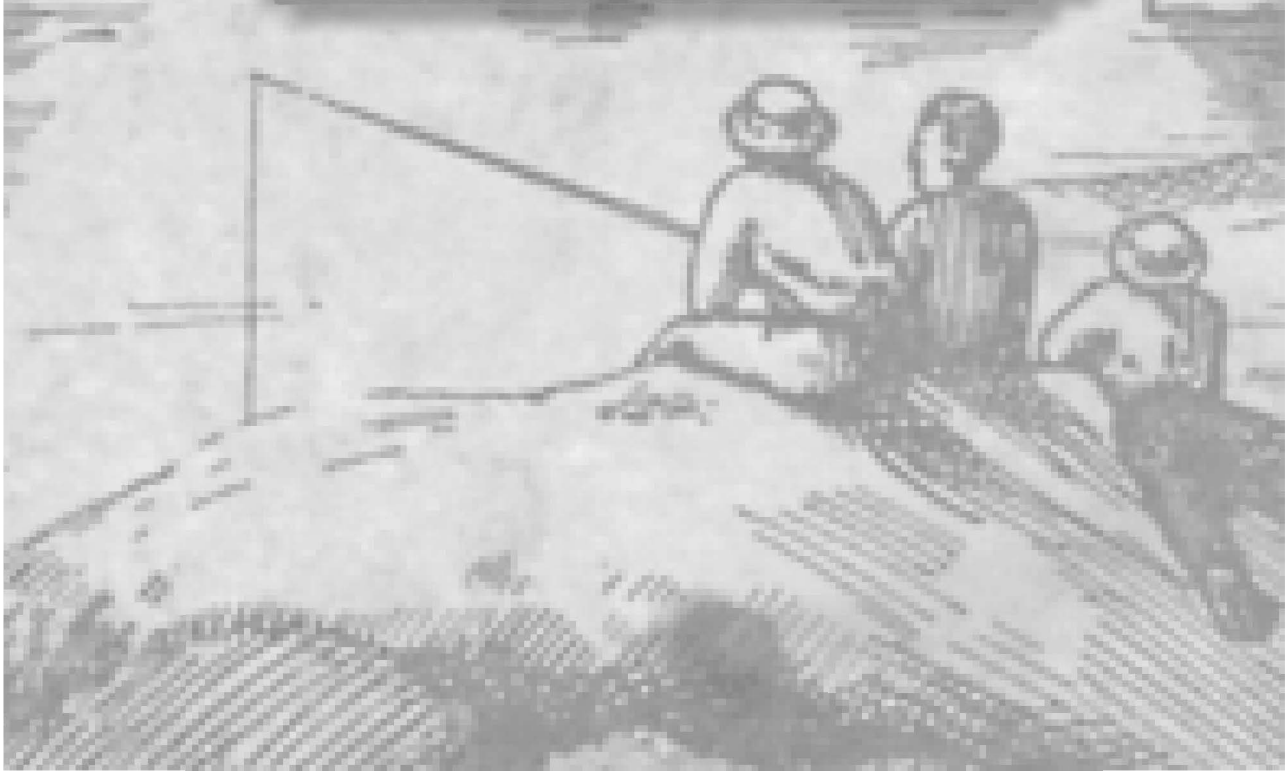


PAISAGENS
BRASILEIRAS

*Visconde de
Taunay*

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 89



.....

PAISAGENS BRASILEIRAS



Mesa Diretora

Biênio 2009/2010

Senador José Sarney

Presidente

Senador Marconi Perillo

1º Vice-Presidente

Senadora Serys Slhessarenko

2º Vice-Presidente

Senador Heráclito Fortes

1º Secretário

Senador João Vicente Claudino

2º Secretário

Senador Mão Santa

3º Secretário

Senadora Patrícia Saboia

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador César Borges

Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana

Senador Gerson Camata

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 89

PAISAGENS BRASILEIRAS

Visconde de Taunay



Brasília – 2009

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 89

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do País.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2009

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os Direitos Reservados

.....

Taunay, Alfredo de Escragnole, visconde de, 1843-1899.

Paisagens brasileiras / Visconde de Taunay. – Brasília :
Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

120 p. (Edições do Senado Federal v. 89)

1. Brasil, descrição. 2. Paraná, descrição. 3. Santa
Catarina, descrição. 4. Campanha eleitoral, Brasil, 1884.
5. Eleição, Brasil, 1886. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

PREFÁCIO

pág. 11

CURIOSIDADES NATURAIS DO PARANÁ

pág. 17

I – Os Buracos, a Lagoa, a Vila Velha,
a Gruta Santa, nos Campos Gerais

pág. 18

II – A Pedra Partida e a Gruta do Monge,
A Gruta do Tapiruçu, nos Campos de Curitiba

pág. 25

III – Gruta de Tapiruçu

pág. 27

IV – Salto Visconde do Rio Branco

pág. 31

V – Excursão no rio Iguaçu

pág. 35

IMPRESSÕES E REMINISCÊNCIAS DA COSTA SUL E DE SANTA CATARINA

I – As belezas da costa meridional brasileira. Cabo Frio. Campos.

Opiniões de D. Pedro II. Superagui.

Guilherme Michaud e seus desenhos. Sigwalt. O núcleo de Superagui.

Michaud, homem de real relevo

pág. 57

II – Digressões. Angra dos Reis e Parati. Galdino Pinheiro. A baía de S. Francisco do Sul. Os panoramas da costa catarinense. Itapocoroi. As minhas viagens pelo litoral de Santa Catarina com Manuel Moreira da Silva e outros amigos políticos. Episódios eleitorais. Abnegação inexcusável de Moreira

pág. 62

III – Campanha eleitoral de 1881. Cabala fatigantíssima. Recursos dos adversários. Viagem interrompida. Tomamos uma baleeira. Iminência de naufrágio. Na barra de Itajaí. Escapamos à morte. Ida aos Ganchos. Grandiosidade do litoral catarinense. Doçura das reminiscências destas viagens. Poema decantador da áspera cabala

pág. 66

IV – O pleito eleitoral de janeiro de 1886. Competidor terrível. Sobressaltos e ansiedade. Dificuldades com os correligionários durante a minha presidência do Paraná. Singular projeto de reforma da instrução pública. Palavras do Barão do Serro Azul. Sordidez da politicagem de aldeia. Manuel Eufrásio Correia. Suas grandes qualidades. As iras partidárias no Paraná. Dedicção de Manuel Moreira. O triunfo de 15 de janeiro de 1886. Morte do Barão da Laguna. Os grandes méritos deste ilustre servidor do Brasil. Amizade que me consagrava. Tocante prova de afeição. A campanha senatorial. A morte de Maneca Moreira

pág. 71

V – O Morro do Antão. Panorama admirável que do seu cume se desfruta

pág. 79

VI – A propósito da campanha eleitoral de 1884

pág. 82

AS CALDAS DA IMPERATRIZ

pág. 89

NOTAS

pág. 101

Índice Onomástico

pág. 117

À memória
do meu ilustre e pranteado amigo
Manuel Eufrásio Correia

.....

Prefácio

AFONSO DE E. TAUNAY

*H*Á NESTE VOLUME partes já publicadas em primeira edição e uma parte inédita.

As Curiosidades Naturais do Paraná inseriu-as o Autor no tomo 52 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o opulentíssimo repositório de coisas nacionais que tantos e tão notáveis tesouros encerra na sua quase centena de volumes.

Para o público, porém, e a não ser para alguns especialistas esta obra do Visconde de Taunay vem a ser inédita, manuseada Revista, como é, apenas pelos eruditos.

A terceira parte a que dei o nome Aspectos da Costa Sul e Santa Catarina é medita e está visivelmente incompleta. Não me consta haja sido publicada, muito embora esteja eu muito longe de ter conseguido o levantamento total dos artigos que seu autor espalhou pela imprensa brasileira, sobretudo pela do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Paraná e Santa Catarina.

No interessante e espirituoso prefácio do seu El Militarismo mejicano, e a explicar que durante quinze anos de jornalismo produziu um artigo diário se não dois, gaba-se Blasco Ibáñez de não pertencer à classe dos escritores que julgam “merecer ver prolongada em livros a existência circunstancial e efêmera do trabalho periodístico”. E a tal propósito conta que nem se deu ao trabalho de ajuntar os seus artigos e engraçadamente comenta: “Imagine-se el lector que me distingue com su benevolencia de que peligro se ha librado por mi falta de fervor colleccionista... Si yo fuese de los autores que creen defraudar a la posteridad cuando olvidan juntar en un volumen hasta las cartas enviadas a los amigos, a estas horas existirian treinta ó cuarenta libros de articules de Blasco Ibáñez, pues llevo producidos miles y miles, completamente olvidados que no sabría encontrar ahora, a unque me lo proponiere.”

Dava-se com o Visconde de Taunay o mesmo que com o célebre romancista espanhol. Em trinta anos de colaboração no jornalismo escreveu quicá uma dezena de milhares de artigos políticos, literários, históricos, de crítica, de arte, biografia sobre questões económicas e sociais, etc. Muitos me são inteiramente desconhecidos. Ainda há pouco o amigo Desembargador José Artur Boiteux assinalava-me a existência de uma série destes escritos, tratando de viagens e excursões em Santa Catarina, que me prometeu mandar copiar.

O que neste volume se publica provém de numerosas laudas com apontamentos desenvolvidos e truncados que coligi e onde se notam algumas soluções de continuidade.

Creio que o autor pretendia ampliar largamente estas notas, destinando-as a algum jornal fluminense ou paulista, em séries de artigos em que reunia as impressões de viagem à parte anedótica de sua vida, como tanto era de sua feição.

Foram traçadas a uma época em que ativamente colaborava no Comércio de S. Paulo, no Imparcial, jornais de S. Paulo, e na Gazeta de Notícias, Notícia e Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro.

À descrição do panorama desfrutado do alto do morro do Antão não tinha ainda dado a forma definitiva, quer me parecer. Julguei contudo interessante publicá-la tal qual está, pois não é desvaliosa. Um pequeno trecho desta parte é comum a um capítulo das Reminiscências políticas publicadas na Notícia e na Gazeta da Tarde entre 1896 e 1898. Deve ter sido transcrição, pois tudo me faz crer que estas Impressões sejam posteriores às Reminiscências.

Como houvesse encontrado no Diário Íntimo do autor umas linhas que se referem ao assunto destes escritos, transcrevi-as como anexo.

Às Curiosidades nacionais do Paraná dei uma ordem mais adequada à fatura moderna dos livros que evita a intercalação de grandes notas ao texto. Renovei-lhe ligeiramente também a ortografia que estava antiquada; o mesmo quanto à pequena notícia relativa às Caldas da Imperatriz.

S. Paulo, março de 1926.

CURIOSIDADES NATURAIS
DO PARANÁ

.....

Curiosidades naturais do Paraná

SE JAMAIS houve admirador incansável e entusiástico em seus incessantes arroubos das belezas e coisas da terra natal, foi, sem dúvida alguma, o meu querido e malogrado amigo de adolescência Manuel Eufrásio Correia,¹ cuja morte prematura, a 4 de fevereiro de 1888, a província inteira do Paraná lamentou com demonstrações de pesar nunca vistas, intensas, espontâneas, sem exceção de localidade e – direi quase – sem distinção de cor política, embora, de há muito, o tivessem os seus adversários identificado com todas as desafeições e malquerenças da luta partidária e de campanário.

Pois bem, quando, em meados de abril de 1886, voltei da viagem que acabara de fazer aos Campos Gerais, ao sertão e à cidade de Guarapuava como presidente da província do Paraná e a vários amigos contei embelezado as fundas impressões, que dessa longa digressão trouxera e talvez um dia descrevesse, uma das primeiras perguntas que me dirigiu Manuel Eufrásio foi: “Você viu os *Buracos?*” Respondi negativamente. “Pois deixou de apreciar coisa bem interessante. E a *Lagoa? A Vila Velha?*”

“Também não.” Então, no seu estilo fluente, colorido e imaginoso, que facilmente se guindava nas asas da eloquência, bosquejou-me ele

1 Vide a nota A, no fim do volume.

aqueles lugares e curiosidades e tal prestígio imprimiu à sua narrativa, tão enlevado deles me falou, que me incutiu o desejo de partir de Curitiba com aquele simples objetivo. De todo, porém, me faltou o tempo, quer pela acumulação de serviço nas vésperas de deixar a administração da província, quer pela urgência em vir ocupar o meu lugar de deputado na Câmara dos Senhores Deputados, e não pude realizar a projetada visita.

Tenho, contudo, hoje meios e ensejo de falar, por modo algum tanto exato e minucioso, das localidades, a que se referira com tamanho deslumbramento o meu velho amigo, guiado como sou pela relação que delas deu, em dias de março deste ano de 1889, e na *Gazeta Paranaense*, o inteligente e laborioso professor Sr. Nivaldo Braga, homem bastante entendido em várias especialidades literárias e científicas, espírito pesquisador e amante sincero da natureza e da pátria.

I

**OS BURACOS, A LAGOA, A VILA-VELHA, A
GRUTA SANTA, NOS CAMPOS GERAIS**

Com a denominação genérica e vaga de *Buracos* são conhecidas três profundas perfurações naturais do solo, que demoram na parte oriental da fazenda do Capão Grande e distantes uns vinte ou trinta quilômetros da cidade de Ponta Grossa, em cujo município se acham compreendidas.

Duas são fronteiras uma à outra, na direção de NE para SO, separadas por uma língua de terra de mais ou menos cem metros de largura; a terceira, ao sul daquelas, fica a um quilômetro de distância, podendo ser considerada vértice de um grande triângulo, cujas linhas são outros tantos canais subterrâneos, que se comunicam entre si e levam a água, que se divisa no fundo de todas três, a uma lagoa sita uns quilômetros mais ao sul.

Diz o Sr. Nivaldo Braga que “à primeira vista parecem restos das crateras de extintos vulcões”; mas para tanto fora necessário que ele nos tivesse tornado saliente a disposição troncocônica ou das escavações ou do terreno em torno, podendo, neste último caso, ser aquelas perfurações os canalículos de dejeção das matérias vulcânicas; mas é o mesmo observador que, pouco depois, acrescenta: “foram efeito do abatimento das camadas sedimentares do subsolo”.

Aliás, esta idéia de vulcões extintos não é no seu todo inaceitável. Logo à entrada dos Campos Gerais, apenas se galga a Serrinha, que constitui o degrau de separação com os Campos de Curitiba, vê o viajante belíssima prova da antiga ação plutônica e, depois, do prolongado acamamento netúnio no profundo recôncavo que fica à direita de quem sobe e na disposição pitoresca e caprichosa de muitos renques de pedras e rochas, ou agrupadas, ou soltas.

O primeiro dos *Buracos*, isto é, o mais ocidental, mede, segundo os cálculos do Sr. Nivaldo Braga, naturalmente aproximados,² de profundidade 170 metros e de boca 80, de E. a O. e 70, de N. a S., sendo as paredes formadas de camadas estratificadas de barro vermelho, cheias de anfractuosidades e reentrâncias, em que se aninham não poucas aves, como *corvos*, *curucacas*³ e outras. Vê-se no fundo, como que estagnada, grande porção de água coberta de um limo esverdeado escuro e ensombrada por arvoredos um tanto altos, água que o nosso informante, com sensível exageração, declara simplesmente de profundidade imensurável, quando talvez o contrário se dê, isto é, seja rasa e escassa em tempos normais.

O segundo *Buraco* é, mais ou menos, de idênticas proporções senão um pouco menores, observando-se também embaixo o mesmo depósito líquido, com aspecto igual ao do outro. O peão ou camarada, que acompanhava a excursão, afirmou que uma junta de bois nele caíra em certa ocasião e desaparecera com rapidez vertiginosa, indo, muito tempo depois, aparecer na *Lagoa* a ossada levada pelas águas de junção interna.

Quando o sol bate de chapa e perpendicularmente à direção desse grandioso poço, admira-se, quase a meio dele, lindíssimo e persistente arco-íris produzido pelos raios solares através do nevoeiro, que o despeñar de um filete d'água, a cair do lado direito, ali forma e constantemente mantém.

2 Na apreciação da superfície e do perímetro há visível engano.

3 *Curucacas* ou *curicacas*, diz o Sr. Visconde de Beaurepaire-Rohan, no seu *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, são aves ribeirinhas do gênero Ibis (*Ibis albicollis*). *Etym.* É voz onomatopáica. No Paraná as há muitas, e a sua presença nesses *Buracos* indica grande quantidade de peixes, ou aí, ou perto. Com efeito, na *Lagoa* encontrarão extraordinária abundância, como adiante veremos.

O terceiro é muito menor. O Sr. Nivaldo Braga nos diz que mostra ter 100 metros de profundidade, o que decerto já é respeitável, e 30 a 40 de boca. Recebe da borda austral um lagrimal.

Além destas três perfurações naturais, cuja constituição seria de interesse estudar com cuidado, outras existem nos Campos Gerais, como as da Capela do Tamanduá e do Campo do Buraco Grande, em que crescem palmeiras e alterosos pinheiros, cuja fronde de longe simula rasteiro vegetal, produzindo não pequena impressão e estranheza poder-se verificar de perto e medir-se com os olhos as formas de agigantadas árvores, entalis-cadas naqueles enormes tubos.

Supõe-se no Paraná, com visos de verdade, que todos esses *Buracos* se ligam entre si por condutos interiores, os quais levam as águas ao grande reservatório, chamado *Lagoa*.

Fica esta um tanto afastada e tem cerca de três quilômetros de perímetro, comunicando com o Ribeirão Quebra-Pernas, afluente do rio Tibagi, por um esteiro de três metros de largura e um de profundidade. Rodeada em suas barrancas, bastante altas, de espessa restinga e com fundo lodoso, em que se nota não pouca areia branca um tanto esverdeada, tem águas cristalinas e puras, que não são, contudo, potáveis por salobras e de sabor desagradável e picante, “devido”, diz o Sr. Braga, “à considerável quantidade de ácido carbônico, sendo por isto apropriada aos incômodos do estômago”, o que carece de confirmação. Navegável a canoas até ao rio Tibagi, distingue-se a *Lagoa* por sobremaneira piscosa, abundando nela peixes de boas dimensões e inúmeros cardumes de *douradinhos*, *pirapitingas* e outros, que à tona fazem cintilar ao sol as variegadas escamas, ao passo que *bagres*, *papa-terras*, *traíras* e mais habitantes do lodo nele buscam o alimento ou esperam escondidos e vigilantes a apetecida presa.

*

A leste dos *Buracos* e da *Lagoa*, a uns 30 quilômetros da cidade de Ponta Grossa, demora a chamada *Vila Velha*, assente no dorso de largo outeiro, compreendido nas terras da fazenda de criação do Barão de Gua-raúna, Domingos Ferreira Pinto. Nada mais é do que extensa e pitoresca pedreira desse grés vermelho, que os ingleses apelidaram *old red sandstone*, freqüente no terreno devoniano e cuja disposição estratificada e sujeita a

fáceis erosões e esboroamentos dá lugar a cortes, incisões, talhos, sendas, lascas, panos e lanços de muro, que simulam, com mais ou menos exatidão, ruínas de ciclópicos edifícios, torres, castelos, fortalezas, igrejas e catedrais e a que a imaginação popular imprime logo prestígio e significações peculiares, e, não raro, da maior elevação poética.

Na viagem a Mato Grosso vi, principalmente entre essa província e a de Goiás, muitos desses curiosos efeitos da ação demorada das águas em extensas bacias mediterrâneas, águas que acharam depois saída e escoamento, às vezes lento e gradual, outras violento e vertiginoso. Neste caso, os vestígios da passagem da massa líquida em sua impetuosa carreira são complicadas e singularíssimas formas de destruição – ora a deixar após si destroços e convulsões, ora a produzir rendilhados, gregas e arabescos, qual trabalho paciente, miúdo e artístico –, naquele outro, isto é, no abaixamento moroso e sucessivo das linhas de afloramento, são traços contínuos de rigoroso paralelismo e cada vez mais baixos, quase junto ao fundo dos vales, e a se prolongarem na encosta e no dorso de serras, morros ou outeiros isolados, muitas vezes separados por largas distâncias; assim, nas cadeias de montanhas da Cabeleira, S. Jerônimo e outras. Muitos pontos tiram seu apelido dessas configurações comumente belíssimas e capazes de impressionar até mesmo o selvagem ou o sertanejo, tão alheios, no geral, ao influxo estético das paisagens e à ação moral da natureza física com a qual vivem identificados e que não lhes merece a mínima atenção, por fazerem dela mais imediatamente parte.

Daí os nomes de Torres, Castelos, Arcos e Babilônia, pouso este na província de Goiás, que patenteia também sinais inconcussos de velhas erupções vulcânicas, pedra-pomes, ferro esponjoso, etc; daí em Mato Grosso, o esplêndido e monumental Portão de Roma,⁴ cujos alcantilados cortes, bem a prumo e majestosos, como que de repente transportam o espírito do viajante à Cidade Eterna, aquele centro, que por tantos séculos foi a capital do mundo conhecido e em que tudo era ou devia ser grandioso, colossal, quase sobre-humano!

4 Quem lhe deu essa denominação foi o sertanejo Perdigão. Encontrei-o em 1866, no caminho dos Pantanaís, entre Coxim e Miranda (Mato Grosso) e perguntei-lhe o que o levava a apelidar desse modo aquela passagem. “Pois então, respondeu-me sem vacilar, só em Roma é que pode haver um portão assim!”

A *Vila Velha* tem a frente voltada para N.O. e nessa direção se estende por quase um quilômetro, com mais ou menos 500 metros de profundidade. Para quem a contempla de longe, semelha restos de alterosa fortaleza; de mais perto, porém, mostra aspecto de grande e abandonada cidade, com ruas bem retas, cortadas em esquadria e formadas de rochas apumadas. No alto de alguns maciços que se agrupam, cresce verde e fino tapete de relva numas espécies de sotéias, donde se descortina muito bonita vista.

Em dois bairros distintos se pode dividir aquela pétrea cidade – a *Alta*, em pleno descampado; a *Baixa*, encravada em mata que fica próxima.

A algumas dessas ruas deu o Sr. Nivaldo Braga denominações de brasileiros ilustres por muitos títulos, como Senador Zacarias, primeiro presidente e instalador da província do Paraná a 19 de dezembro de 1853, separada como foi da de São Paulo e nos mesmos limites da antiga comarca de Paranaguá e Curitiba, Correia, Barão de Cotegipe e outros; e, aqui, não posso esquivar-me ao dever de cordialmente agradecer a delicada fineza que me dispensou, batizando uma das principais, e que tem nada menos de 20 metros de largura, com o meu insignificante nome. Às praças principais intitulou 13 de Maio, em honra à formosíssima lei da abolição, 29 de Agosto e 19 de Dezembro.

As ruas da Vila Baixa não ficaram também sem apelido e foram chamadas de Capanema, Beaurepaire-Rohan, Manuel Eufrásio, Ermelino de Leão e outros conspícuos cidadãos, ligados à província do Paraná por um sem-número de serviços e nobilitantes recordações.

Terminada a parte mais interessante da excursão, deixou o Sr. Braga de visitar outras curiosidades, menos faladas, embora também dignas de observação e estudo e, aliás, pouco distantes, tais como o *Sobrado* e o *Itacolomi*, onde há grandes lajedos naturais e dispostos como calçadas e que lembram pela feição, e simplesmente por isso, alguns pontos das célebres grutas basálticas da Escócia, segundo descreveram os companheiros de viagem, conhecedores exatos de todas as belezas dos Campos Gerais.

Era pouco o tempo para irem todos desfrutar a franca e grata hospedagem que lhes proporcionou o fazendeiro Domingos Ribas em sua

estância do Inácio Dias; e ninguém melhor do que eu sabe, por experiência própria, quanta delicadeza, espontaneidade e afagos há na cavalheirosa hospitalidade paranaense, principalmente quando exercida por essa extensa e importante família Ribas, da qual conservo as mais gratas recordações, obsequiados como fomos, eu e os meus, por ocasião da nossa visita à interessante cidade de Ponta Grossa, em começos de abril de 1886.

*

Grutas santas não faltam na província do Paraná, e não poucas localidades ainda se desvanecem de terem servido de abrigo mais ou menos demorado a personagens dignos de veneração, pretendidos milagreiros e varões desprendidos de todos os laços terrenos, que não passavam, contudo, de simples fanáticos, frades de origem duvidosa ou, às vezes até, de meros desertores do exército, que há um tempo se furtavam ao serviço das armas e à obrigação de ganharem a vida por meio do trabalho honesto e remunerado, conforme os seus préstimos e méritos.

Junto à povoação de São Luís, à entrada dos Campos Gerais, visitei uma dessas grutas, toda forrada de calcário vistoso e bastante claro, sem estalactites, nem estalagmites, bem enxuta e curiosa, já pela limpeza do chão e teto, já pela disposição da luz em seu interior, enfim em condições de não consentir aquelas medonhas alucinações próprias dos cenobitas, de que nos dá tão vigorosa e erudita descrição Gustavo Flaubert no seu peregrino livro – *Tentação de Santo Antônio*.

Perto da cidade da Lapa, há outra, credora ainda de muito respeito, motivo até de anual romaria e de que me ocuparei mais adiante. Nos Campos Gerais, porém, a mais célebre é a do sertão da Ribeirinha, a seis léguas da cidade de Castro e a duas e mais do bairro do Lago e dela nos vai dar notícia o Sr. Sebastião Paraná, no seu bem intencionado *Esboço geográfico da Província do Paraná*, transcrevendo, à pág. 122, o que dessa curiosidade narrou um seu comprovinciano, o Sr. Sebastião José de Madureira.

Afirma o Sr. Paraná, que essa gruta se chama ainda hoje *Gruta Santa* ou do *Monge* por nela ter vivido um indivíduo que lia uma Bíblia velha e se dizia enviado de Deus e acrescenta: “Conhecemos a história desse embusteiro, porém deixamos de mencioná-la aqui, por ser um tanto *peri-*

*patética*⁵ e burlesca” quando, entretanto estas duas razões eram motivo para contar-nos os feitos desse espertalhão, que de si deixara tão bela memória.

“A gruta”, diz o Sr. Madureira, “tem duas entradas que se comunicam; uma ao norte, outra ao sul. Na do norte, onde se acha uma cruz de madeira, começa-se a entrar, subindo-se uma infinidade de degraus, findos os quais se encontra um grande assento, seguindo-se imensa galeria de mais de 1.000 metros.⁶ Sessenta metros a dentro, pelo lado do norte, há uma clarabóia de dez metros de circunferência e, a cem metros da entrada do sul, outra. A tais aberturas chama o povo *Portas do Céu* e, de certo não deixa de impressionar no meio da escuridão aquela deslumbrante claridade.

“Por baixo da grande galeria corre um veio d’água cristalina. O pavimento é de pedra; mas há olheiras que permitem ver-se a linfa correr. Por elas também regurgitam as águas, que inundam totalmente a gruta, em tempos de cheia.

“É em forma de arco a entrada do Sul, tendo em redor delicado e fino rendilhado com bambolinas de pedra de variadas cores.

“Ao lado da galeria ficam vastos e bonitos salões. Um deles, porém, faz vezes de medonho calabouço pela sinistra escuridão que ali reina. Situado a 15 ou 20 pés do primeiro pavimento e no coração da gruta desce-se por degraus irregulares e nele se vêem três pedras compridas e em forma de remos que, tocadas por qualquer corpo metálico, produzem sons diversos, parecidos com os de sinos.

“Em toda a galeria central e suas dependências há muitas colunas e arcadas e enorme variedade de pedras de várias formas, como flores, ramos, frutas, castiçais com velas, etc. Descem inúmeras estalactites e surgem estalagmites muito alvas e com a leve transparência da cera branca. Uma pedra, especialmente, tem sido objeto de muita superstição por parte do povo, pois representa, olhada de certa distância, a imagem de Santana. Há outra pedra que lembra uma capivara deitada com os braços para diante.

5 Este qualificativo só por si merecia explicação.

6 Talvez haja exageração nesse cálculo.

Em uma parede, parece ver-se perfeita estante de livros. De outra, salienta-se um púlpito emoldurado com luzes e de muito gosto artístico.

“Por cima da entrada do norte, existe um vasto salão, de cujo teto pendem muitos candelabros cheios e circulares, quase todos com semelhança dos chamados balões de senhora. Não há ali estalagmites: o chão é completamente liso.”

II

A PEDRA PARTIDA E A GRUTA DO MONGE, A GRUTA DO TAPIRUÇU, NOS CAMPOS DE CURITIBA

A Pedra Partida e a Gruta do Monge são as duas curiosidades naturais que os habitantes da simpática, embora já um tanto velha, cidade da Lapa⁷ apontam como dignas de visita aos viajantes, que por lá aparecem. Também, no dia seguinte ao da chegada, 18 de fevereiro de 1886, dei-me pressa em atender à indicação e, com tempo fresco e um tanto encoberto, encetei, de manhã e na companhia de vários cavaleiros, o preconizado passeio.

Não há motivos de arrependimento. Logo à saída da povoação vê-se empinado e alteroso maciço de rochas cortadas a pique, todo ele de aspecto sumamente pitoresco, e o terreno em torno começa a subir. Uns dois quilômetros adiante, galgam-se declives já um tanto ásperos, e começa a aparecer vegetação mais robusta e frondosa, que contrasta com a dos campos daquela zona, em que até os pinheiros se mostram enfezados, raquíticos e cobertos de musgos e bromélias, prova evidente do seu estado doentio e da má qualidade do solo.

Daí a pouco, os cascos dos animais batem na rocha avermelhada, cristalina, de grés vermelho antigo, *old red sandstone*, toda estratificada

⁷ Em 1797 foi aquela povoação elevada a freguesia, em 1806 a vila com a denominação de Vila Nova do Príncipe e em 1872 a cidade, restituindo-se-lhe o primitivo nome. Por lei de 1870 é cabeça de uma comarca que contém os dois termos do Príncipe e Rio Negro. Demora a 25°45'52" de latitude o 6°32'18" de longitude O. do Rio do Janeiro. Está a 893 metros acima do mar.

e da qual se tiram as bonitas lajes (*paving stone*), que servem para o calçamento das ruas, de que tanto se ufanam os moradores da cidade.

Serpeia o caminho por entre grandes blocos da rocha metamórfica, em que bem se evidencia a ação geológica do fogo e da água e que apresenta interessantes pontos e aspectos, pela regularidade de cortes bem a prumo.

Mais um pouco e chega-se à chapada, em cima daquele paredão natural, gozando-se de perspectiva muito amena, larga e espaçosa de campos e campos, que se perdem longe e pairando os olhos por sobre a cidade da Lapa, cuja edificação, mais ou menos regular, muito ganha em ser observada assim das alturas.

Caminhando pela chapada pétrea, em cujas fendas crescem enfezadas *melastomáceas*, vai-se até uma grande solução de continuidade no terreno, rocha ou fenda não muito larga, mas extensa e de bonita conformação circular, devida a qualquer comoção do solo, que separou regularmente a rocha no sentido de alguma estratificação em arco, ou então a trabalho de águas, que na sua ação lenta, mas constante, faz, como se sabe, maravilhas de força e desagregação.

Não basta, porém, contemplar de cima para baixo essa curiosidade. É preciso também, no judicioso pensar dos guias, apreciá-la de baixo para cima e por isto pusemo-nos a descer por barrancos bastante perigosos, agarrados a cipós e tacuaras miúdas, uns atrás dos outros. Um desses apoios se partisse de repente, e a queda fora, senão mortal, pelo menos capaz de deixar semimorto quem dela se tornasse vítima.

Alcançamos afinal – não sem custo – o chão de um corredor estreito, mas nada úmido, em que mais se acentua a forma circular da separação do maciço, correndo paralelas duas curvas elegantes e bem traçadas, como se fossem bases inabaláveis de torreões de gigantesca fortificação.

O único incidente mais digno de nota que lá se deu à nossa chegada foi incomodarmos numeroso bando de pássaros que ergueu apressado vôo, a bater as asas na estreiteza das rochas e levantando estrídula grita.

Eram *tapemas*, espécie de andorinhões, branco-grisalhos, de cauda bipartida e que vivem um tanto à laia de gaviões, na caça contínua de insetozinhos e cobras: com o frio, emigram em bando.

Da *Pedra partida* fui à *Gruta do monge*, lugar de romaria durante a Semana Santa dos moradores das circunvizinhanças, pois ali morou não pouco tempo, em 1842, como anacoreta um velho padre ou tido por tal, chamado Agostinho Maria.

E para prova da ingênua devoção, lá se erguem umas quatro ou cinco cruzeiros rústicos e pesadonas, fincadas na rocha viva e cercadas de modestos *ex-voto* e velinhas de cera bruta, que as abelhas vão esfarelado, com a consciência de quem entra na posse de coisa que lhe pertence.

Nem sequer é gruta aquilo, porém sim mero ressaltado no corpo da pedreira, coberto por larga e saliente laje, que faz vezes de alpendre, de modo que o pobre do anacoreta tinha que suportar bons aguaceiros, quando tocadas as chuvas de encontro ao mal amparado abrigo.

Muito mais atenção do que as duas preconizadas curiosidades, merece a paisagem, que de todos os lados se descortina desse alto, amena, risonha, extensa, com suave gradação de cores róseas e roxas, cada vez mais esbatidas, em distantes planos e nos limites do horizonte vasto e sereno.

III

GRUTA DE TAPIRUÇU⁸

Foi a 10 de dezembro de 1885 que visitei essa gruta ainda mal conhecida e imperfeitamente explorada e sita no Município de Votuverava, umas 61/2 léguas de Curitiba, a rumo de N. e N. E.

É larga a entrada e dá em grande rampa, a cuja base corre com estrépito e por entre grossas pedras soltas um riacho de águas sobremaneira claras e frias.

Desde logo se faz completa a escuridão.

Acesos archotes e velas vêm-se uma abóbada irregular a destilar umidade, toda revestida de alvíssima camada de calcário. Caminhando para o interior, encontra-se chão muito áspero e irregular, pejado de blocos arredondados ou de configuração singular, começando a aparecer estalag-

8 Da anta grande.

mites, uns correspondentes a estalactites, outros a panos desdobrados ou concreções de forma radiantes, mais ou menos perfeitas.

O visitante, pulando com algum risco de pedra em pedra, já se abaixando e quase de cócoras, já se agarrando a proeminências escabrosas, algumas até cortantes, a subir sempre e deixando à direita e à esquerda galerias, chega ao segundo pavimento e penetra em sala não muito espaçosa, mas em que o agrupamento concrecionário e a disposição dos estalactites, sobretudo, são em extremo notáveis, figurando vários objetos e manufatos, que a imaginação popular foi denominando por aproximações mais ou menos exatas e felizes e que a luz artificial reveste de inúmeros pontos cintilantes do mais belo efeito cênico.

Do teto e quase a meio dessa nova sala, desce um como que feixe de canudos, que sustenta grandiosa concha invertida, toda cheia de estrias e terminada por pontas, que se vão afinando cada vez mais. E no extremo de cada uma delas brilha e refulge, tremulante como encantada gema, puríssima gota de água, que, antes de lá chegar, correrá rápida e viva pelos canalículos do sustentáculo e da concha.

Quanto dê a luz das velas, pois jamais ali se levam archotes a fim de ser poupado o ar respirável, observa-se por toda a parte, nos menores recantos, nos inúmeros nichos e nas reentrâncias do alvinitente revestimento o mais primoroso trabalho, imitando, já agulhas agrupadas, de todos os tamanhos e feitios, umas muito agudas, eretas, filiformes, outras curvas e grossas como tubos de órgão, já rendilhados, gregas, arabescos e labores de mil desenhos e conformações, caprichosos e tão delicados e peregrinos que não há olhos bastantes para admirar e colher de pronto; tudo, porém, molhado e a ressumbrar umidade e, portanto, em via de contínua transformação e mudança.

As estalagmites, que se erguem do chão, infelizmente quase lodoso, e que vão, com o incessante gotejar da água, caminhando ao encontro dos estalactites a descerem muito mais rapidamente⁹ da abóbada, são

9 O crescimento das estalagmites é muitíssimo mais lento do que o da estalactite. Basta lembrar que é ele devido aos depósitos de calcário trazidos por gotas d'água, que já correram por toda a estalactite e nela depositaram quase toda a substância da massa que tinham em suspensão.

umas grossas e cilíndricas como alvejantes frades-de-pedra, outras cônicas e afuniladas.

À direita de quem entra, há outro corredor ou galeria, que leva ao terceiro pavimento; mas tão empinada é a rampa, as paredes tão juntas e apertadas, o teto tão forrado de agudas pontas e agulhas e por tal modo resvaloso o solo, que raros se arriscam à perigosa tentativa, muito embora, segundo se diga, essa terceira sala a que se chega depois de curta subida seja ainda mais curiosa e bela do que todas as outras.

Na visita que fiz à gruta do *Tapiruçu*, acompanhado de umas vinte e cinco a trinta pessoas, ninguém passou além, mesmo porque um dos cavalheiros da comitiva, buscando caminhar sem vela e mais depressa do que convinha, escorregou e caiu em uma espécie de sumidouro de talvez quatro metros de altura. Felizmente não perdeu o sangue-frio; foi-se amparando com as mãos, agarrando-se às pontas dos estalagmites, que pôde alcançar e só se magoou nas costas, isso mesmo levemente.

Foi parar, mais rapidamente do que desejara, à sala de baixo e rolou ao lado do Dr. Ermelino de Leão, que, preocupado só com o exame que estava fazendo de umas concreções, lhe disse distraidamente: “Já sei que me trás o martelo!” “Qual martelo, qual nada! O diabo leve gruta, martelo e vocês todos!”, bradou o outro, a soltar engraçados gemidos de dor e maldições.

Este episódio, que terminou jocosamente, quando poderia ter dado lugar a lutuoso desastre, pôs fim à nossa visita, tanto mais quanto estávamos molhados da cabeça aos pés, não só por causa da umidade, que de todos os lados exsudava, como do violentíssimo aguaceiro que nos colhera entre a Tranqueira e a gruta, num descampado largo, em que não havia abrigo possível.

Às 10 horas da noite entrávamos em Curitiba.

Se a mão do homem, inteligentemente dirigida, se empenhasse em dar mais alguma comodidade ao ingresso daquela enorme caverna, melhorasse as suas condições internas e fizesse realçar as suas muitas belezas em vez de servir só para destruir, a poder de picaretas, alviões e martelos, as mais interessantes e bem lavrados estalactites e estalagmites, fora a gruta de *Tapiruçu* motivo de lindíssimo passeio e digna de ser apreciada por quantos chegassem ao planalto de Curitiba.

Dessa gruta deu também o engenheiro Monteiro Tourinho¹⁰ minuciosa descrição que passamos a transcrever, para que se torne mais completa a noção, que o leitor tenha, porventura, podido receber do que acaba de ler.

*

“Penetrando-se”, diz o engenheiro Monteiro Tourinho, “por uma brecha, que terá um metro de altura sobre quatro ou cinco de largura, desce-se uma ladeira, que vai ter ao *vestíbulo*. Assim se denomina um pequeno compartimento da gruta, frouxamente alumiado por tênue réstia de luz esverdeada, que uma fresta deixa passar. As particularidades arquitetônicas deste *vestíbulo*, a atitude extática dos visitantes, empunhando tochas e dispondo-se em renques, o monótono murmúrio de um regato que resvala à direita, tudo faz imaginar a capela gótica de um mosteiro, quando, a horas mortas, se prestam os últimos sufrágios a algum monge, que já não pertence à vida.

“Por escabrosa viela, inçada de agudos estalagmites, passa-se do *vestíbulo* para o *salão*, em que a abóbada é sustentada por grossas pilastras translúcidas, como alabastro, o que a torna semelhante às salas do rés-do-chão dos antigos castelos feudais. Num canto, acha-se a *Fonte misteriosa*, de águas tão puras e cristalinas, que bem poderia servir de morada à mais caprichosa náiade.

“Em uma das paredes do *salão*, uma abertura circular pouco acima do solo dá passagem para o segundo pavimento da gruta. O caminho que se segue é íngreme e tão baixo que só de rastos pode ser vencido. Felizmente é curto e logo se chega à *Nave*. Aí, fica-se em pleno domínio da arquitetura ogival, estilo sublime a que os arquitetos da Renascença, desdenhosamente, puseram a alcunha de gótico, porém que, no dizer de Oppermann, é a mais completa e mística expressão do catolicismo.

“Arrojamento de arcadas em ogiva e de colunatas, predominância das linhas verticais sobre as horizontais, severidade de formas, profusão e suntuosidade de ornatos e esculturas simbólicas, eis os característicos do

¹⁰ Vide a nota B.

gótico, que se podem contemplar na grande nave da *Gruta*. E, por pouco que se exalte a imaginação do visitante, impressionado por tantas maravilhas, descobrirá aqui um altar, ali nichos com imagens, acolá um púlpito e, dando com os olhos em um grande órgão de longos tubos prateados, ficará silencioso e quedo, como que à espera que o organista venha romper a solenidade religiosa, fazendo reboar pelas arcadas do templo os majestosos acordes do sacro instrumento.

“Ao sair da nave, topa-se um enorme estalagmite com a figura de um monstro diluviano. Interroga-se esse guardião do templo sobre a origem da gruta, ficará enigmático como a Esfinge. Além, as luzes das tochas, projetando-se sobre os estalagmites, produzem os surpreendentes efeitos de um poliorama. Dá-se um passo, vê-se um grupo de frades a rezarem; dá-se outro, transformam-se os frades em sátiros; chega-se mais perto e só se vê um incongruente acervo de rochas e toscas saliências troncocônicas e cilíndricas.

“Supõe-se que na gruta de Tapiruçu há terceiro andar, ainda não explorado, e é provável mesmo que existam muitas outras curiosidades ignoradas e por conhecer. Achando-se tão perto de Curitiba, não compreendemos por que não tem sido com mais freqüência visitada esta maravilha do Paraná.”

IV

SALTO VISCONDE DO RIO BRANCO

Assim se ficou chamando, na viagem que fiz ao sertão¹¹ e à cidade de Guarapuava, a magnífica e pouco falada, senão conhecida, catadupa formada do volumoso rio dos Patos poucos quilômetros acima da Barra Vermelha, seu ponto de junção com o rio S. João ao formarem o majestoso Ivaí, confluyente do Paraná.¹²

11 Chama-se *sertão*, no Paraná, a parte coberta de matas, em contraposição com os *campos*. Sertão de Guarapuava é, pois, o grande trecho de caminho, que compreende a serra da Esperança e toda a zona florestal, finda a qual recomeça a planura, mais ou menos cortada e descampada.

12 Vide a nota C.

Pretendem alguns que o Patos é o mesmo Ivaí, sendo aquele nome mudado, logo depois da queda. Dessa opinião é o Sr. Sebastião Paraná (*Esboço Geográfico do Paraná*, pág. 27). O rio dos Patos atravessa a estrada de Guarapuava entre a serra da Ribeirinha e a da Esperança. Seu aspecto no lugar da ponte é bellissimo, muito batido, encachoeirado, pejado de grossas pedras e já bastante avolumado.

Parti de Curitiba, na manhã de 29 de março de 1886, com a minha família, o chefe de polícia e outras pessoas. Fomos pernoitar em S. Luís de Porunã. No dia seguinte dormimos, na vila da Palmeira, a 31, na cidade de Ponta Grossa, a 1º de abril, na de Castro. Deixando ali a família, segui, a 3, para Ponta Grossa, e vila da Imbituva (Cupim), onde tomei condução com destino a Guarapuava. Nesse dia, pousamos junto à bela ponte do rio dos Patos em casa do cidadão Davi. A 6, almoçamos na Barra Grande e fomos parar, depois de quase vencidas oito léguas, no lugar chamado Bananas, transposta já a serra da Esperança pela bela e cômoda estrada de rodagem, feita com todo o capricho e muita economia pelos cuidados da repartição dos telégrafos. Só essa obra honra a atividade que preside aquela repartição. No dia 7, deixamos o ponto às 7 horas e, daí a duas léguas, transpúnhamos a vau o rio das Pedras, cujas enchentes são tão rápidas e temidas.

Uma légua adiante, passamos o rio das Mortes e chegamos à Borda do Campo, a 3/4 de légua de Guarapuava. Ali termina a mata, e chamado sertão de Guarapuava, e começam os campos daquele nome. Satisfiz-me viva e agradavelmente o aspecto da cidade, vendo-se de longe o efeito dos benefícios do virtuoso cidadão visconde de Guarapuava. O fato é que de mui distante se avista a torre da matriz levantada pelos seus cuidados e caridade e ouve-se o bater cristalino das horas no grande relógio, que ele mandou vir da Europa. No meio de festas e grato acolhimento decorreram dois dias, e, a 9 de abril, saí de Guarapuava, muito bem impressionado pelas belas condições de vida daquela esperançosa localidade, que poderá servir de capital à nova província, criada para dar mais desenvolvimento à zona central do Paraná. Descemos já noite feita a serra da Esperança graças ao esplêndido luar e fomos pousar à base, na confortável casinha do engenheiro Kalkmann. O dia 10 foi todo de chuvas, que tornaram muito escorregadias e perigosas as descidas dos

contínuos morros, já de si bastante penosos. Devagar, os fomos vencendo e caminhando até ao nascente povoado de S. João do Firmo, ao qual dei o nome de Capanema e, deixando a estrada à esquerda, visitamos o Salto Visconde do Rio Branco, depois de seis quilômetros de péssima picada e mais dois a pé em local muito escabroso e difícil. Só à noitinha foi que chegamos à ponte do rio dos Patos e à hospitaleira casa do Sr. Davi. No dia 11, sempre debaixo de muita chuva, alcançamos a vila de Imbituva, indo buscar abrigo na morada do nosso honrado amigo capitão Almeida, sogro de Luís Antônio Penteado, uns dos bons e alegres companheiros da viagem a Guarapuava. Tomamos aí os carros, voltando a Ponta Grossa, donde saímos, depois de muitas festas, a 14. Dois dias depois, a 16 de abril de 1886, estávamos em Curitiba.

Difícil é, por certo, encontrar-se, até mesmo no Brasil, tão pródigo de formosas e variadíssimas curiosidades naturais, coisa mais bela, mais cheia de grandeza e selvática magnificência do que a catadupa a que impus o nome do grande Paranhos.

Imagine-se copiosíssima e límpida massa líquida, atirando-se de golpe em precipício de 75 a 80 metros de altura e pulando uma muralha cortada a pique, cuja linha da aresta superior, toda crivada de fundas reentrâncias e grandes saliências, imprime as mais pitorescas e encontradas direções às águas, no momento em que o rio inteiro, como que presa de fatal desespero, se jorra de um ímpeto no abismo.

Por isso, os enormes e espumantes caixões ora formam larga e belíssima curva toda riscada de rugas paralelas como crespos de ondeante cabeleira, ora caem de súbito em bloco, a modo de peso inerte e que só obedece à gravidade, ou então se dividem em fios e filetes, mais ou menos encorpados, parecendo, uns, alvíssimos fitões a riscarem de branco a pedra negra, outros, uma série de aéreos flocos, que não atingem o fundo, se desfazem em nevoeiro, se pulverizam nos ares e desvendam nos raios do sol os graciosos e leves ancenúbios do arco-íris.

Além da disposição de toda a rocha talhada a prumo, que in-cute cunho novo o extraordinário a essa catadupa, há para o viajante que a contempla de cima para baixo, como nós a vimos, isto é, à boca do precipício, quando o rio galga o colossal obstáculo, há uma particularidade,

que empresta realce particular e nunca assaz admirado ao *Salto Visconde do Rio Branco*.

É um grande pano de muralha estratificado e saliente, que do lado de lá da curva mais opulenta em águas, se adianta bem para fora e serve assim de fundo ao cristalino jato, conservando-se sempre enxuta, pois a rigorosa convexidade da queda e sua rapidez são tais, que nenhum borrifo ou salpico dele se desprende.

E esse monólito, terminado por uma espécie de agigantada cornija, ainda mais sobressai, porquanto a seu turno ressalta de uma verdadeira cortina d'água formada por um jorro que se despeja do lado de trás, de maneira que aquele colosso pétreo figura de monstruosa coluna, cercada por todos os lados de imensos vulcões líquidos, sem nunca ser molhada.

A admirarmos tudo aquilo e mais a esplêndida vegetação das margens, as paredes ciclópeas e estratificadas de toda aquela cena, cuja nota alegre e vívida era dada pela florescência delicada e multicolor das *melastomáceas*, chamadas em toda a província do Paraná *aleluias*, ficamos mais de uma hora, considerando bem empregadas as canseiras a que nos havíamos sujeitado, a transitar por picadas impossíveis, a subir e a descer íngremes morros e a vencer trechos, em que os cavalos mal podiam ter-se de pé, tal a quantidade de pedras soltas e seixos rolados – tudo debaixo de contínuos e violentos aguaceiros.

Aliás, já alguns viajantes de nota ali haviam chegado os Srs. Barão de Capanema, o Dr. Weiss com o príncipe de *hohenlohe* e Barão Scholer, o engenheiro Odebrecht e vários outros, não muitos, pois esse salto é ainda pouco conhecido e quase nunca visitado, tendo havido necessidade de se abrir estreita trilha para termos caminho.¹³

Ainda aí tivemos valente e perdurável impressão. Foi quando, voltando-me para os companheiros de excursão, exclamei com voz forte: “Esta catadupa terá o nome de *Salto Visconde do Rio Branco*.” Então, uma

13 Dessa catadupa existe, contudo, já uma boa fotografia tirada, se não me engano, pelo engenheiro Weiss, construtor da bela e sólida ponte sobre o rio dos Patos.

saudade funda e repassada de gratidão pungiu o coração dos brasileiros que se achavam naquelas solidões; e todas as grandezas da natureza inconsciente, aquelas revoltas e estrondeantes águas, aquelas imensas rochas, aqueles solenes e alentados madeiros, tudo se abateu e ficou pequeno ante a estatura moral do estadista, cuja recordação esse glorioso nome evocava no meio de ínvios sertões!

V

EXCURSÃO NO RIO IGUAÇU

Mui rápida e penosa, mas interessantíssima, foi a excursão que fiz, como presidente da província do Paraná, até ao porto da União da Vitória, no rio Iguaçu,¹⁴ e mais além na estrada de Palmas umas duas léguas, completando em menos de sete dias quase 150 léguas de ida e volta, embora estorvado em meu regresso por violentos aguaceiros, que obrigaram em Campo Largo a uma parada, fora do programa por mim delineado.

Darei agora os pormenores dessa digressão, que tomou visos de verdadeira viagem, pondo em ordem ligeiros apontamentos e apelando para a memória, que sem dúvida por vezes me faltará. Uma coisa decerto ser-me-á de todo o ponto impossível: transmitir ao leitor as múltiplas impressões que me salteavam o espírito, quando, aos olhos embelezados ante mim se desdobravam as formosas perspectivas do Iguaçu, tão várias quanto novas, umas risonhas e amenas, outras grandiosas e solenes, já no seguimento da sua simples corrente, já depois da junção de grandes afluentes, como o Negrinho, Negro, Potinga, Timbó, tomando então largura de mais de 600 braças e espelhando em sua serena superfície o azul dos céus e a frondosa vegetação das margens. Para tanto é insuficiente a pena. Fora necessário o pincel de inspirado artista, que só nos enlevos da arte e na compreensão entusiástica do belo pode conseguir fixar em preciosa tela as seduções e os esplendores da grande obra da Criação. E aqui no Brasil, mais do que em outra qualquer parte do globo, se ostentam elas inexcédí-

14 Vide a nota D.

veis até a qualquer reprodução ideal, por mais esforços que faça o pintor em retratar os primores de tão extraordinária natureza.¹⁵

*

Às 5 horas da manhã de 3 de março de 1886, parti de Curitiba, levando por companheiros os Srs. Dr. Ermelino de Leão, Inácio Carneiro e Amazonas Marcondes, a quem couberam as honras de organizar tão bela e agitada digressão.

Sem novidade, chegamos às 8h30 da manhã à cidade de Campo Largo, onde o distinto Sr. João Ribeiro de Macedo nos esperava com o cavalheirismo e hospitalidade de que sabem dar contínuas provas os membros daquela família, tão respeitados em qualquer parte do Paraná, em que se achem estabelecidos.

Assim o Sr. José Ribeiro de Macedo, estabelecido serra abaixo na vila do Porto de Cima, ali goza de legítima influência, e o Coronel Antônio Ribeiro de Macedo, morador em Campo Largo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tem concorrido para a *Revista Trimensal* com interessantes trabalhos da sua lavra.

Às 10 horas da manhã, após almoço, em que nada faltou para ser legítimo banquete, recomeçamos a viajar, parando uns minutos em casa do Sr. Natel, no Itaquí, a uma légua mais ou menos de Campo Largo.

À 1h15 da tarde, cheguei a S. Luís, indo logo visitar a escola pública do sexo masculino, cuja frequência me agradou, pois encontrei 87 alunos, a alguns dos quais examinei distribuindo-lhes, quando saíam da aula, confeitos e doces, que aceitaram alegres e pressurosos.

S. Luís é o primeiro povoado dos Campos Gerais. Há ali um hotelzinho bem regular e asseado mantido pelo alemão Butin, um dos

15 É crítica exata feita a quantos artistas buscaram reproduzir em suas composições a natureza brasileira. Apesar de todo o talento que ostentam em suas belas obras Nicolau Antônio Taunay o malogrado Rugendas, Moreau, Barão de Taunay, Barandier, Vítor Meireles, Mota, Vinet, Pallière, e outros, não puderam jamais infundir aquele cunho de grandiosidade, e esplendor, aquela iluminação esplêndida, a variedade harmônica dos inúmeros verdes que fazem da paisagem em certas zonas do Brasil coisa única no mundo.

construtores da bonita ponte no rio dos Papagaios. Ao Sr. Butin tenho de agradecer a franca hospedagem, que por vezes graciosamente me dispensou.

Às 2h15, parti de S. Luís, e fui, com bastante descontentamento, notando *de visu* o estado em que se achava grande parte da estrada dos Campos Gerais, sobretudo nas aproximações da ponte dos Papagaios.¹⁶ Com efeito, esses trechos são péssimos, cheios de pedras destacadas, grandes buracos e elevados ressaltos, de maneira que os solavancos se multiplicam causando contínuo incômodo a quem viaja de carro.

O que mais me aborrecia como administrador era verificar o nenhum vestígio de trabalho, o mais leve sinal de serviço naquele lanço de estrada, quando, entretanto, a província estipulara não pequena quantia, para que essa via de comunicação estivesse em melhores condições. No Paraná há ainda péssimos hábitos, que lembram os tempos passados em que no Brasil a subida e descida de situações políticas representavam o começo dos abusos de uns e a cessação dos abusos dos outros, tudo acompanhado dos clamores fingidamente indignados e das retaliações da imprensa partidária.

Transpostos aqueles buracões e alcançados os Campos Gerais, fui observando, durante léguas e léguas, as célebres terras vendidas para a colonização russa, dolorosa prova da verdade do que fica dito, prova de tamanhas proporções e tais conseqüências, que repercutiu em toda a Europa e nos trouxe inúmeros desgostos e vexames.¹⁷

Vencidos assim 80,5 quilômetros até à Restinga Seca, deixou o carro a estrada geral e tomou, à esquerda, direção do caminho que leva à fazendola do Sr. Conrado Buhres, a $\frac{1}{4}$ de légua do porto Amazonas, no rio Iguaçu. Estende-se essa propriedade ao lado das terras da infeliz empresa

16 Repetidamente tenho feito menção dessa bonita obra-de-arte, construída por ordem do Presidente Lamenha Lins, pelos engenheiros Tourinho e Wieland, este ainda vivo. Mandei fazer duas grandes placas circulares de mármore cor-de-rosa, com inscrições em que se comemoravam os serviços prestados por aqueles cidadãos, administrador e engenheiros. Infelizmente, não se pôde executar a obra, ficando esquecida essa devida homenagem, mal deixei a presidência.

17 Vide a nota E.

Kitto,¹⁸ cujos desastres são tão conhecidos, terras na verdade ubertosas e que podem produzir excelente trigo, mas cuja colocação distante, ainda mais outrora do que hoje, dos centros de civilização e de consumo devia levar ao desespero os infelizes imigrantes. Também, dessa gente só restam três ingleses, que ainda não puderam ter existência sequer remediada e que vivem vida quase miserável em prédios arruinados do governo.

Quantas somas de dinheiro tem o Brasil perdido, quantas decepções sofrido e quantos males proporcionado a inúmeros entes, com o péssimo e anticientífico sistema de atirar levas de imigrantes em pontos ínvios, longe de todos os recursos e fora de quaisquer relações sociais! A grande razão há sido a fertilidade do solo, quando, entretanto, esta é mais uma causa de desespero e furor para o europeu, que vê os frutos do seu trabalho inutilizados e inaproveitáveis.

Para quem tem de viver do trabalho diário, muito mais vale um lote de terreno ruim e acanhado junto a uma cidade, do que opulentíssimas terras a cem léguas de qualquer centro de incitamento e socorro, porquanto os esforços do colono e lavrador têm de ser compensados sem demora, atuando o ganho sobre o seu moral.

Os nossos sertões e desertos só podem, só devem ser povoados – e o hão de ser – por imigração européia, que mui espontaneamente e por si caminhe da periferia para o centro, reflua do litoral e suas imediações para a zona interior. Os males, as peripécias e canseiras, que acometem o imigrante são tantos, tão diversos, tão grandes, que é necessário que ele não tenha, em terríveis momentos de desalento, que acusar a ninguém, e não possa atirar a responsabilidade de tudo quanto lhe suceda e de todas as esperanças falhadas, senão sobre si mesmo. Com toda a razão diz o escritor Daireaux: “Por mais belo e hospitaleiro que seja o país a que se acolha o imigrante, tantas são as decepções e dificuldades que aí o esperam, que emigrar, isto é, sair da sua pátria para ir localizar-se em outras terras, constitui a mais penosa e arriscada empresa, a que se pode atirar o homem.”

18 Foi esta empresa causa para nós de grandes amofinações internacionais. Por longo tempo estiveram afixados nos portos da Inglaterra cartazes, aconselhando aos emigrantes que fugissem de procurar o Brasil e narrando as misérias da colônia Kitto. Os primeiros colonos asseveravam que os sapos eram do tamanho de bacorinhos!

Justíssimas palavras, que, a cada momento, encontram confirmação no Brasil. Não há país algum no mundo que ofereça condições de atração como o nosso; e, entretanto, os primeiros momentos de estabelecimento são difficílimos, acabrunhadores e duros. Enquanto o governo não acoroçoar por todos os modos a organização de sociedades de imigração em quase todas as cidades, isto é, enquanto não confiar à iniciativa particular e à meiguice natural do gênio brasileiro o cuidado de bem-acolher o imigrante, e ajudá-lo em sua localização pronta e imediata, os recém-chegados muito e muito terão de sofrer. Que fim levaram todas as Sociedades de Imigração que criei na província do Paraná, algumas das quais prestaram serviços da maior relevância, como as do Paranaguá e Morretes, economizando ao Estado dezenas, senão centenas de contos de réis? Desapareceram, extinguiram-se à falta de qualquer prova de consideração e apreço do governo central. Quanta imprevidência e que ausência da compreensão de tão grave problema!

Foi, aliás, o Paraná testemunha de não poucos desastres em colonização por causa do péssimo sistema de isolar os imigrantes em ínvias regiões. Para prova, o Açungui, que se tornou teatro de verdadeira calamidade. Anteriormente se dera a malograda tentativa do ilustre Dr. Faivre, o qual levava habitantes dos arredores de Paris ao fundo dos sertões, para localizá-los na colônia Teresa, perto do rio Ivaí! O desespero em que se viu aquela pobre gente foi tal, que alguns recorreram ao suicídio, outros se dispersaram e morreram na miséria. Alguns que perseveraram e souberam vencer os primeiros anos de angústia e desalento deram afinal, mas muito tempo depois, razão às idéias e esperanças de Faivre, porquanto se tornaram mais ou menos endinheirados.

Em Guarapuava, encontrei curioso resto desse infeliz ensaio de povoamento do sertão paranaense; uma tal Mme. Dubois, de idade de mais de 80 anos, que me contou todas as desgraças daquela experiência e as resumiu do seguinte e engraçado modo: “Enfim, Senhor, para lhe dar idéia completa do que sofremos, basta dizer-lhe que não comi pão de trigo (*du pain blanc*) durante 22 anos!”

*

Em casa do Sr. Conrado Buhres, estive combinando com esse ativo e inteligente cidadão as bases de um contrato para o plantio do trigo

naquele local, chamado Portão, onde em épocas passadas tal cereal deu otimamente – uma das causas, aliás, das desgraçadas especulações de Kitto. O bom êxito seria, sem dúvida, de grande benefício a toda a província.¹⁹

Partindo na manhã de 4, às 5h45, do Portão, 20 minutos depois, chegamos ao porto Amazonas, que consta, por enquanto, de duas ou três casas, no fim de um campo ondulado. Depois, com declives fortes, começa a barranca, do alto da qual se avista, já bastante grosso em águas, o rio Iguaçu.

Aí estavam parados uns soldados doentes e presos, acompanhados por praças, mulheres e crianças, vindos da colônia do Chapecó e da comissão da estrada de Palmas, mandando eu contratar por 25\$, a condução em carreta dos enfermos e menores. A essa pobre gente liberalizou o Sr. Amazonas a carne de quase toda uma novilha, que foi então morta, sendo transportados para o vapor os pedaços mais escolhidos.

Às 8h30 da manhã, entrei no vaporzinho atracado à margem direita do rio e ainda ali atendi a várias pessoas que me foram procurar, presenteando-me o Sr. Amazonas com uma bonita bandeira nacional, que pela primeira vez flutuou naquelas solidões, arvorada como foi à proa da embarcação, no meio de foguetes e vivas dos que se achavam presentes.

Chama-se o vapor *Cruzeiro*, nome de uma das fazendas da mãe do Sr. Amazonas; mede 80 palmos de comprimento e 26 de boca; tem a força de 18 cavalos e cala 18 polegadas inglesas.

Traz em seu maquinismo a data de 1878, e foi comprado em 1882 no Rio de Janeiro. Pode carregar 800 arrobas e costuma rebocar uma grande lancha e cinco canoas.

A 17 de dezembro de 1882, foi lançado à água, e fez a sua primeira viagem a 27 daquele mês e ano.

19 Os resultados do tentâmen não corresponderam de modo algum à expectativa. Apesar de bem preparado o terreno, a primeira colheita não foi senão insignificante; a segunda radicalmente desastrosa, de maneira que o mesmo Sr. Buhres, consciencioso como é, desistiu das vantagens que os cofres provinciais lhe faziam. Um dos graves males que inutilizam as plantações de trigo é a ferrugem, moléstia parasitária que não ataca, contudo, o centeio e outros cereais congêneres.

É servido por cinco homens embarcados, ficando uns dois ou três em terra.

Gasta, nas três viagens por mês, 66 metros cúbicos de lenha, de cada vez, ou 36\$, a 600 réis o metro cúbico, levando dois dias para descer as 55,5 léguas do porto Amazonas ao da União da Vitória²⁰ e quatro para subir contra a corrente. A madeira mais empregada como combustível é o *branquillo*, abundantíssimo naquelas paragens.

O contrato, que tinha a empresa e pelo qual recebia 12:000\$ anuais de subvenção, começou a vigorar a 1º de julho de 1883, tendo o presidente de então, Carvalho, feito, em fevereiro daquele ano, uma viagem fluvial da vila do Rio Negro ao porto da União, e daí ao do Amazonas, subindo as águas do Iguaçú.

Já foi reformado o contrato, tendo terminado ultimamente. O interessado pediu renovação, que pende ainda de resolução do governo geral.

O estado de solidez e conservação do vapor *Cruzeiro* é visivelmente bom. Tem um toldo de madeira corrido e grandes panos alcatroados, de modo que verifiquei com meus próprios olhos a inexatidão do que se afirmava sobre as condições de absoluta falta de abrigo para os passageiros.

De toda a necessidade é, contudo, fazerem-se algumas obras, aliás fáclimas, para melhor acomodação dos viajantes, sobretudo senhoras e crianças, e proceder-se a uma limpeza geral, pois a embarcação está bastante suja.

Em todo o caso, é de louvar-se, e muito, a coragem e pertinácia com que o Sr. Amazonas Marcondes não só se abalançou aquele cometimento, como mantém semelhante empresa, que deu e dá progresso e vida social a muitíssimos pontos anteriormente desertos e inóspitos dos nossos sertões, em que vagueiam ainda temidos e indômitos bugres.

20 Provém tal denominação da *união* que ali se deu de duas turmas de exploradores, enviados a estudar os caminhos de Palmas e Guarapuava. O nome de *Vitória* é mais antigo, sendo já referido por Aires do Casal. Parece, também, que a junção aludida foi abaixo do ponto, em que hoje se levanta a povoação.

Por vezes, fiz justiça àquele espírito ativo e empreendedor, que apresenta um resultado real e palpável dos seus esforços, trabalho e boa vontade nessa luta incessante entre as aspirações da civilização e a natureza bruta e selvática, ante a qual recuavam decerto muitos homens de iniciativa e não pequeno valor.

Às 9 horas da manhã, depois de se lançarem n'água duas bombas de dinamite, que não mataram senão alguns *lambaris*²¹ e *taiabucus*, os mais freqüentes peixes dessa corrente, soltou-se das amarras o vapor *Cruzeiro* que, desfraldando a bandeira nacional àquelas agrestes brisas, começou a sulcar águas abaixo o rio Iguaçu.

Desde logo, são lindíssimas as paisagens que se desenrolam nas apertadas curvas do rio, por enquanto ainda estreito.

Nas margens, alteia-se copada vegetação, em que predominam, bem como por quase todo o percurso do rio, inúmeros *branquinhos*, elegantíssimos *cambuís*²² e outras *mirtáceas*, *angicos* e várias *acácias*, os *tarumãs*, de cerne quase indestrutível, mas formas tortuosas, e cujos frutos adocicados são tão apreciados dos pássaros, árvores, ali, menos que medianas, mas em Mato Grosso possantíssimos madeiros, os *cedros*, tão conhecidos na flora brasileira, de vez em quando muitas palmeiras *jerivás* e quase sempre *pinheiros*, ora destacados, ora em grupos, ora formando verdadeiras florestas, já no campo, já no alto e nas encostas das eminências, quase sempre um tanto distantes das bordas da água corrente.

Combinem-se agora em densa cortina todas as folhagens dessas e de outras muitas plantas, com um verde, que cambia da cor quase branca ao verde glauco e negro, passando por todos os matizes desde o

21 *Lambari* ou *alambari* – O rio Iguaçu não é muito piscoso, o que em geral acontece a grande número de afluentes do Paraná, neste ponto muito diferente de quantos afluem no Paraguai, extremamente abundante em pescado. Entretanto, junto às cachoeiras e nos remansos vastos há sempre mais ou menos fartura dos peixes comuns aos rios do interior. Disse-me o Visconde de Beaurepaire-Rohan que na província de S. Paulo, e portanto Paraná, sempre se diz *alambari*, ao passo que em Mato Grosso, *lambari*. Supõe que ambas as palavras sejam corruptela de tupi *arambary* (sardinha) ou *araveri*, como traz o dicionário tupi de Martins.

22 Vide a nota F.

gaio e verde-paris até ao verde-crê e às mais apertadas tintas; sobre aquele majestoso manto atirem-se a flux festões de *malpighiáceas*, cujos *samari-deos* vermelho-escarlates fingem rosários e fitas de flores; imaginem-se de permeio *bambus*, *taquaras*, *taquaríssimas*, *poçaúnas* e *caradás*²³ a tremularem em graciosas curvas, mal aponta qualquer aragem; cubram-se aqueles troncos e galhos de *barbas-de-velho*, umas cinzento-roxeadas, soltas como finos cabelos, outras miúdas, e compactas, pardacentas ou esbranquiçadas; contrastem-se as flexuosas folhas das palmeiras com a coma inteiriçada dos pinheiros; faça-se ressaltar de escuras sombras a coloração alegre, risonha, verde-amarela de infindos *salgueiros*²⁴ e de longe, de mui longe, terá o leitor pálida idéia das paisagens que, a cada momento, se descortinavam aos nossos olhos.

O primeiro ponto em que o vapor toma lenha é no lugar chamado Cerrito, fazendola à margem esquerda do rio, pertencente ao Major Coelho, cuja casa de morada um tanto espaçosa domina a barranca.

Provida a máquina de combustível, operação em que habitualmente se gastam quase 10 minutos, continuou-se a viagem em meio das belezas da natureza vegetativa de que procuramos dar imperfeita e descordada noção, enfrentando, a meia légua de distância do porto Amazonas, com uma bifurcação do Iguaçu, que aí forma dois largos canais, e uma grande e pitoresca ilha, a que dei o nome de *Lamenha Lins*²⁵ em honra ao benemérito presidente, que de 8 de maio de 1875 a julho de 1877 administrou a província.

Às 10h10, fronteava-se a barra do rio Palmeiras, e cinco minutos depois, vencia-se a apertadíssima volta do Castelhana, que mostra quão difícil seria aí a navegação por vapor de maiores dimensões.

Sinuoso o rio, e sempre com curvas mais ou menos acentuadas, navega-se, atendendo-se a esses acidentes, até um ponto, em que as suas

23 *Taquaríssima*, *poçaúna*, e *caradá* são gramíneas que dão ótimo pasto aos animais. Com os dois últimos e folhas de *jerivá*, não há cavalo que em pouco tempo não engorde muito, mostrando-se por eles muito ávido.

24 Os *salgueiros* são característicos nos trechos mais orientais do curso do Iguaçu. Depois de certa zona, em que são freqüentíssimos, desaparecem quase totalmente.

25 Vide a nota G.

águas fazem abrupta mudança de direção. Eram 10h45, e ao local sumamente característico e interessante, aformoseado por inúmeros pés de *jerivá*, deu-se o nome de *Volta do Dr. Ermelino*, em homenagem não só ao distinto magistrado, tão popular²⁶ em toda província, como também ao jovial e espirituoso companheiro de viagem, cuja alacridade e entusiasmo mal eram diminuídos e sopitados por forte bronquite, apanhada de véspera.

Às 11 horas, passávamos defronte da barra do rio Viramachado, em cuja boca, à margem esquerda, há um porto com sinais de freqüente passagem e canoas atracadas.

Defronte, à direita, empinam-se grandes paredões de grés em visível decomposição; e suas formas várias, mas um tanto regulares, a imitamem torreões e baluartes, grandes saliências e reentrâncias, panos como que ameaçados de próxima queda, tudo isso ocorreu para que lhes déssemos o nome de *Muralhas de Jericó*.

Em largo trecho, reaparecem esses muros; depois tornam-se mais raros e sobretudo muito mais baixos. Surgem então e com freqüência, do lado esquerdo, sendo aí a rocha impregnada de substâncias betuminosas, o que fez com que alguns exploradores se abalançassem a tentar a extração de petróleo e outros produtos carburetados, que se encontram nessas pedreiras, cuja forma é pronunciadamente xistosa.

Para tal fim se estabeleceram dois alemães no lugar chamado São Mateus. Até agora, porém, não produziu a tentativa resultado valioso e provavelmente abortará, transformando-se os industriais e pesquisadores extrativos em meros agricultores – o que, entre parênteses, vale muitíssimo mais.

À 1h30 da tarde, outro grande paredão à margem direita, com muitas casas de vespas;²⁷ construçõeszinhas curiosas e alvas, que dão mais

26 Foi o criador do *Museu Paranaense*, do qual ainda hoje é a alma e o conservador. Atualmente o Dr. Agostinho Ermelino de Leão tem assento na Relação de São Paulo.

27 No Paraná ouve-se comumente esta denominação de *vespa*, que em outras províncias é pouco empregada ou até desconhecida, substituída pelo de *caba* ou mais geralmente ainda de *maribondo*, sendo a outra destinada a uma espécie pequena e amarelada (*caba*), *caua* ou *tapiocaba*, de que é tipo o *caboclo*, cuja ferroadá é em extremo dolorosa. Muitas são as espécies, *beiju-caua*, *tatu-caua*, *turaba*, *tomba*, *inxu*, *iauara*, que fazem ninhos de diversas conformações, alguns muito singulares e elegantes.

graça ao aspecto geral das rochas, de cujo fundo escuro avermelhado ressaltam como manchas brancas.

Chama-se esse lugar *Corvo*, ficando perto a embocadura do rio da *Areia*, que outrora servia de porto.

Nublara-se, porém, o céu e começou a trovejar e a chover grosso, denunciando o toldo do vapor algumas goteiras um tanto fortes.

Às 2 horas, já sob copiosa chuva, passávamos por diante da lagoa Dourada, à margem esquerda, ficando outro grande paredão em frente, com a sua ornamentação de vespeiras. Desse ponto em diante, desaparecem esses muros avermelhados de grés, mostrando-se a rocha disposta toda em camadas mais ou menos altas e paralelas, infiltrada de matérias hidrocarbonadas e negras.

Meia hora depois, às 2h30, atracava o vapor junto à barra do rio do Pato, para abastecer-se novamente de lenha, sendo esse local já ocupado por quatro casinhas. Dali parte uma estrada, que leva à cidade da Lapa.

Depois de uma parada de meia hora, sempre com tempo brusco, continuou-se a descer, e já então os viajantes, abrigados pelos panos de estibordo e bombordo, mais se ocupavam em palestrar animadamente, do que em observar o que ia por fora, tendo, contudo, deixado ao homem do leme ordem expressa para que fosse apontando, em voz alta, aquilo que lhe parecesse mais digno de nota e menção.

Às 5h15, indicava-nos ele a boca do rio Passadous. Já aí se desanuviara o tempo. Cessado o forte aguaceiro, caiu uma tarde bela, serena e límpida, de pronto transmudada em noite escura e cerrada, cujas sombras eram agravadas pelos compactos maciços da vegetação, que por todos os lados nos cercavam. Assim mesmo continuou o vapor a descer e, às 9 horas, chegou à barranca de S. Mateus, encostando à margem para tomar lenha e ali passar o resto da noite.

É quase meio de toda a viagem, entre os portos Amazonas e União da Vitória.

*

Às 3h30 da madrugada de 4 de março, já estava o vapor pronto para seguir viagem e, desprendendo-se das amarras que o retinham à barranca de São Mateus, cortou logo o rio águas abaixo.

Vinha o dia nascendo claro, puro e fresco; e os primeiros clarões da madrugada acordavam os pássaros e aves próprias daquelas paragens, patos,²⁸ garças, socós, biguás,²⁹ *martim-pescadores*, e outros de hábitos aquáticos.

Cumpre, entretanto, observar que, em todo o trecho do rio percorrido de véspera, pouca animação notamos; bem raros animais de mais vulto e caça grossa. Só vimos em mamíferos, algumas *capivaras* (*hidrochoerus capibara*),³⁰ que se conservavam quase impassíveis a olhar para o vapor, sujeitas embora aos nossos tiros de inábeis caçadores. Como as águas haviam crescido e inundado as lagoas, conservavam-se os bandos longe das margens, não precisando, para se dessedentarem, sair dos lugares de pastagem. Foi pelo menos a explicação dada pelo Sr. Amazonas, prático de todas essas particularidades.

Três horas depois da partida, já com dia claro, às 6h30 da manhã, fronteava o vapor a importante barra do rio Negrinho,³¹ que deságua à margem esquerda, passando depois por defronte da grande ilha de mais de meia légua de extensão e em extremo frondosa, que separa aquela embocadura da do rio Negro, ilha a que o Sr. Dr. Ermelino deu o nome de *Taunay*, em honra ao presidente da província, soltando-se por ocasião do batismo uma girândola de foguetes.

Às 7 horas enfrentava-se com a boca do rio Negro, cujo considerável volume d'água traz tão notável contingente ao Iguaçu, que a largura deste quase dobra aí. Pouco adiante, outro grande rio, Potinga, entrega do lado direito as suas águas ao majestoso afluente, e é de ver-se o sítio pela muita beleza e solenidade.

28 Esses patos silvestres, muito parecidos com os domésticos têm plumagem verde-escura, bem carregada. São, por ariscos, mui difíceis de alcançar, embora tenham vôo pesado, igual e um tanto moroso.

29 Vide a nota H.

30 *Hidrochoerus capibara* de Erx-Leben ou *cabiaia* de Buffon. Domestica-se com facilidade, embora seja de natural arisca. A carne, que alguns caçadores comem, tem cheiro nauseabundo, de que são em extremo gulosos os peixes. De cor parda amarelada nas costas e esbranquiçada no ventre. Há uma espécie completamente branca. — Nunca a vi.

31 É mais um braço de bifurcação do rio Negro do que outra coisa.

Na barranca desse lado direito e por sobre a vegetação compacta da margem, ergue-se uma grande linha de palmeiras *jerivás*, que se destacam como atiradores no fundo de extensíssimo e alteroso pinhal, a figurar de temeroso e sombrio exército.

Eram 7 horas da manhã.

Meia hora depois, entrava o vapor em uma volta do rio muito desdobrada e longa de vencer-se, qual se gastam 45 minutos, o que quer dizer que, às 7h45 contemplávamos do lado de lá uma alterosa palmeira e um madeiro seco, que, no topo de uma eminência, servem de baliza aos navegantes.

A essa volta, que obriga quase constantemente à direção E, quando se deve sempre caminhar para O e que constitui, portanto, um dos fatos mais importantes e característicos da navegação do Iguaçu, deu o nome de *Volta do Visconde de Guarapuava*,³² em honra ao benemérito paranaense.

Enquanto a percorríamos, notamos a ilha do Matos com bonito herval pertencente ao cidadão Cordeiro, e um ponto pejado de pedras e bastante perigoso, chamado *Anta Gorda*.

Às 8 horas e 10 minutos, tornávamos a tomar rumo de O, passando, um quarto depois, por corredeira pouco sensível, aliás, chamada *Ligeiro Grande*.

As 8h45, à direita, a barra do Rio Claro; às 9, a do Paciência.

Hora e meia depois, às 10h15, parou o vapor junto a um porto, no lugar denominado *Chapéu de Sol*, para tomar lenha, desembarcando todos nós e acolhidos com muita alegria pelos moradores de duas casinholas próximas, que ofereceram galinhas, ovos, leite, melancias, recebendo em retribuição dinheiro, doces e biscoitos.

Mora ali essa pobre gente em um recanto da zona de vagabundagem e correrias de indômitos bugres, a cujos assaltos estão sujeitos. O pai de uma rapariguinha e o marido de uma mulher, que ainda lá habitam, haviam sido, no ano passado, mortos a flechadas, quando trabalhavam nas roças; e suas sepulturas, amparadas por grandes cruces feitas de fresco, dão melancólica majestade à solitária barranca.

32 Vide a nota I.

Um quarto de légua adiante vive laborioso e enérgico brasileiro, um tal Valões, que parece prosperar bastante. Trabalha armado, sempre apercebido para qualquer investida, servindo, sem dúvida, e muito, a sua reputação de intrepidez de antemural a qualquer tentativa de agressão por parte desses índios, cujos hábitos de traição só são excedidos pelo receio de serem repelidos e acossados em regra.

E ali passam a existência, como imaginava Alencar em sua obra-prima *O Guarani*, duas singelas belezas, filhas de Valões, uma delas de formosura até notável, outra meiga e simpática, lembrando as heroínas do célebre e inspirado romancista brasileiro.

A esse ponto e porto a que o vapor tem obrigatoriamente de parar na ida e na volta, pois o Sr. Valões conseguiu isso da empresa fornecendo-lhe uns tantos metros cúbicos de lenha gratuitamente, deu o Senhor Líbero Braga, que conosco vinha desde a véspera, o nome de *Barão de Taunay*, em homenagem a meu pai, eminente pensador e artista, que ao Brasil consagrou longa e laboriosa vida é à natureza americana amor e admiração inexcusáveis.³³

A 1h30 da tarde costeávamos a formosa *Ilha dos Amores*, cujas praias alvíssimas e cheias de seixinhos rolados estavam então cobertas pelas águas.

Aproximava-se a boca do majestoso Timbó³⁴ e apareceu entre nós a idéia, logo aceita, de fazê-lo sulcar pelo vapor, pois até então fora sua corrente virgem de qualquer embarcação, ainda canoas, pelo terror que inspiram as margens, infestadas de índios bravios.

Assim, às 2 horas e 10 minutos, deixamos o Iguazu e entramos no Timbó, subindo ao ar por essa ocasião muitos foguetes, disparando-se as armas e soltando-se prolongados apitos, que acordavam estranhos ecos naquelas ínvias solidões. Se por perto andavam índios, deveriam ter-se posto em marcha acelerada, a procurarem mais seguro refúgio em recônditas brenhas.

E o vapor sulcou sereno e por dia esplêndido aquelas águas, por entre margens impolutas do machado, fazendo a cada momento voar, aí

³³ Vide a nota J.

³⁴ Vide a nota K

sim, muita caça e aves aquáticas, rodeado enfim de todos os sinais de que jamais havia sido essa região explorada.

Ao primeiro porto natural, ou enseada, dei o nome de *Beaurepaire-Rohan*, em honra ao sábio e ao viajante, que tanto estudou e conhece a província do Paraná.³⁵

Por delicada lembrança, que sem dúvida agradecerá àquele espírito elevado e filosófico, impus à grande volta, que aí começa, a denominação de *Sertanejo Lopes*,³⁶ ficando assim ligada na formosa natureza a recordação de dois nomes que lembram um o descendente da nobreza européia, outro o rude filho do deserto, que, só pela sua intrepidez, soube nessa mesma natureza abrir lugar histórico para si.

Mais adiante outra grande volta que ficou se chamando do *Barão de Antonina*,³⁷ pelo muito que também fez este brasileiro a bem do descobrimento de terras centrais, até o seu tempo ainda não devassadas.

Uma légua, pelo menos, fora vencida rio acima sem incidente.

Chegado o vapor a um porto, assinalado por gigantesca imbuia,³⁸ no começo da extensa reta formada pelo Timbó, porto que recebeu o nome de *Presidente Taunay*, para indicar o ponto último a que chegava essa primeira exploração, decidimos voltar, entrando novamente no rio Iguaçu às 3h15 da tarde.

Forma ali a confluência dos dois rios um espraído, aliás, de grande profundidade, de umas 600 braças de extensão, constituindo verdadeiro e larguíssimo lago, em que se refletem todas as mutações e cores da atmosfera e se espelham vivos o azul do céu e os contornos das nuvens.

O espetáculo era então da maior beleza, tinto o horizonte de cintilantes rubores, que punham chispas de fogo na fronde da mataria e na superfície lisa das águas.

35 Vide a nota L.

36 Vide a nota M.

37 Vide a nota N.

38 Vide a nota O.

A esse formoso ponto dei o nome de *Largo Basílio da Gama*, em homenagem ao épico brasileiro o imortal cantor do *Uruguai*, o criador de Lindóia.

Além, um quarto de légua após a embocadura do Várzea Grande, outro espraiado que recebeu a denominação de *Largo Santa Rita Durão*, o autor do poema brasileiro *Caramuru*.

Às 3 horas e 45 minutos, o porto de Manuel Estácio; cinco minutos depois, a barra do rio Macuco.

Às 4 horas, o ponto chamado Pinheiro Branco; meia hora além, a boca do rio do Pintado.

Afinal, às 5h15 chegávamos, com aguaceiro violento, embora houvesse sol, à barranca do porto da União da Vitória, onde, no meio de inúmeros foguetes, fomos recebidos com muitas provas de alegria pela população e pelos membros da comissão militar encarregada da estrada de Palmas.

*

A nascente povoação do porto União da Vitória está sendo edificada à margem esquerda do Iguaçu, em duas colinas bastante irregulares e ligadas por uma baixada, que infelizmente é, como todas as circunvizinhanças, inundada por ocasião das grandes cheias. A vista que se desfruta do alto desses outeiros, extensa e bastante interessante, domina várias curvas elegantes do rio e, do outro lado, bela perspectiva de pinheiral e mataria. Provém o seu nome do encontro, ou combinado ou ocasional e fortuito, de duas comissões de engenheiros e sertanistas que exploraram, há uns trinta e tantos anos, aquela região em procura de comunicação e caminho para a povoação e os campos de Palmas. Parece, contudo, que o ponto exato em que se fez essa junção fica abaixo, pois algumas voltas além demora o porto denominado Vitória, de maneira que não haverá inconveniente em crismar-se com denominação mais característica e concisa a povoação, quando tiver proporções para ser elevada a vila.

Passei o restante do dia 5 de março a visitar a localidade. Fui ao abarracamento do contingente do batalhão de engenheiros, encarregado da abertura da estrada de Palmas, e não achei boa a sua colocação em local

muito empantanado e úmido, mostrando haver pouco cuidado na conservação da limpeza geral com prejuízo da ordem e disciplina.

Em seguida, percorri a pé os poucos centos de metros abertos no contorneamento da povoação e com a largura com que deve ficar a estrada, e na volta examinei o perfil e mais trabalhos técnicos.

Hospedamo-nos em casa do Sr. Amazonas Marcondes, que assim continuava em terra a hospitalidade dada no vapor *Cruzeiro*, sobre as águas do Iguaçu.

No dia 6, às 6h30 da manhã, estávamos quase todos a cavalo para o exame das picadas feitas a bem do traçado definitivo da estrada. Depois de experimentadas três direções pela comissão, determinou ela seguir mais ou menos a estrada existente, melhorando declives, contornando banhados e divergindo só nas morrarias e ásperas subidas, como acontece, logo a duas léguas do porto, na serra da Areia.

Fomos até as primeiras e já abruptas encostas desta serra, tendo feito mais de duas léguas e atravessado o bairro dos Tocos, o riacho Passo Fundo e o rio da Areia.

O comandante da comissão militar, o Sr. Capitão Belarmino,³⁹ queixou-se não só da morosidade que qualquer transferência de oficiais e praças e outros fatos de caráter militar imprimem aos trabalhos, como do diminuto pessoal empregado nas obras de construção e sobretudo da falta de um médico, que de pronto acudisse aos enfermos. Prometi, apenas chegado a Curitiba, sanar essa falta tão sensível àquele destacamento já bastante numeroso, pois conta mais de 50 praças, e também à população civil, tanto mais quanto o estado sanitário nesses últimos tempos não havia sido muito bom.⁴⁰

Examinados ainda e com mais vagar os desenhos e instrumentos da comissão, voltamos à casa do Sr. Amazonas, donde saímos às 11 e 45 minutos, acompanhados de muitas pessoas, com destino ao porto, onde

39 Depois de substituído por algum tempo pelo Major Eugênio Guimarães, foi este mesmo oficial Belarmino reenviado em 1888 a prosseguir aquela comissão que teve mais ampliação.

40 Com efeito, nomeei o 2º cirurgião do Exército Dr. Caldas, que prestou bons serviços da sua profissão.

estava postada uma guarda de honra, despedindo-nos de todos os presentes, que nos saudavam com aclamações e vivas, enquanto o vapor descrevia as primeiras voltas para cortar águas acima o majestoso rio.

Eram então 12 horas e 20 minutos do dia 6 de março.

*

A viagem rio Iguazu acima durou 44 horas e 50 minutos, porquanto, partindo nós da União da Vitória às 12 horas e 20 minutos do dia 6 de março, chegamos ao porto Amazonas às 11 horas e 10 minutos de 8. Também para isso foi necessário viajar dia e noite, parando só a navegação algum tempo, a 6, por causa de espessa escuridão e, a 7, em razão de fortíssima trovoadas. Descontadas estas duas horas perdidas, pode-se calcular que com luar claro, na marcha que trouxemos ou pouco mais acelerada pelas circunstâncias favoráveis, far-se-á o trajeto de 43 a 46 horas.

A distância entre os dois pontos extremos é de 55,5 léguas, segundo os irmãos Keller, os primeiros que por ordem do Presidente Conselheiro Fleury exploraram o rio, e esta apreciação foi aceita pela comissão encarregada de estudar os limites entre as províncias do Paraná e Santa Catarina.

Os engenheiros militares da estrada de Palmas, acostumados a transitar por ali, calculam a distância em 53 a 54 léguas, ao passo que outros profissionais a julgam não superior a 52.

Como pelo número de horas pode-se fazer idéia das distâncias percorridas, daremos ainda notícia de algumas indicações colhidas no regresso e que completam as notas anteriormente tomadas.

Assim deixamos de apontar a barra do rio do Soldado, que deságua à margem esquerda e com cuja embocadura enfrentamos a $\frac{1}{4}$ hora. Corta terras do Sr. Amazonas, e logo após se vê a boca do rio do Bueno.

Às 3h30, outro rio que ficara em esquecimento, o do Macuco.

Às 5 horas, passávamos pela barra do rio Timbó. Assim, pois, leváramos duas horas para dali chegar ao porto da União e gastáramos 4 horas e 40 minutos a fim de lá voltarmos.

Pouco antes havíamos ainda uma vez admirado a placidez e solenidade do *Largo Basílio da Gama*, evocando esse nome no meio daquela

esplêndida natureza vivas reminiscências do seu belo poema, do qual se destaca pura e poética a imagem de Lindóia. Também tais eram os encantos e formosura que nas suas faces se transfigurava até a morte, inspirando ao poeta a sublime exclamação:

“Tanto era bela, no seu rosto, a morte.”

Para nós vinha a tarde descendo suave, fresca, serena, melancólica e ainda com restos do dia parou, às 7 horas, o vapor a fim de tomar lenha, no lugar denominado *Escada*.

Descemos então a terra.

De repente, bem distintamente ecoou prolongado, embora longínquo, som de uma buzina dentro da mata virgem, respondido logo à maior distância por outro. Eram avisos e sinais dos bugres; e, de descuidados que estávamos, tornamo-nos de pronto atentos, não que houvesse perigo real, mas pela novidade das impressões que recebíamos ali perto, em contato quase com a selvageria e indomável pertinácia do gentio, cujo rancor e ferocidade tinham tristonho atestado nas cruces erguidas à beira do rio.

Às 7h30 recomeçou a viagem, que se prolongou apesar da escura noite, quase sem interrupção, até a madrugada de 7.

Passamos, nesse dia, às 6h30 da manhã, em frente à barra do Potinga, do lado esquerdo, e notamos que desse ponto é que começam a aparecer os elegantes *salgueiros*, cuja folhagem tênue, ramos pendentes e cor verde-crê, dão tamanho realce e beleza às paisagens que se formam ao redor do Iguaçu.

Às 7 horas, a boca do rio Negro, e o começo da importante ilha Taunay, que tem mais de meia légua de extensão, e em cuja ponta ocidental se agrupam lindíssimos salgueiros. Às 7h15, terminação da ilha e embocadura do rio Negrinho.

Foi a 1 hora da tarde que chegamos a São Mateus, onde se estabeleceram em terras cedidas pelo Estado alguns alemães, no intuito de explorarem petróleo e substância hidrocarburetadas dos xistos betuminosos, tão abundantes em todos esses pontos. Contudo, os Srs. Thiem e Rodolpho Wolf já se mostram desanimados da empresa, e parecem dispostos a se de-

dicar à agricultura. Com eles estive ali conversando algum tempo, ouvindo depois várias pessoas, que apresentaram pretensões e requerimentos.

Às 2h15, continuou-se a viagem sem novidade alguma, parando só às 7h30 da noite para receber combustível em um porto, que chamamos do *Auxílio*, por terem os Srs. Dr. Ermelino e Carneiro se prestado engraçadamente a ajudarem o embarque da lenha.

Viajando toda a noite com interrupção de uma hora, apreciamos, já de pé, a madrugada de 8 de março, clara e límpida, e chegamos, às 11 horas e 10 minutos, ao porto Amazonas, concluindo assim com felicidade aquela rápida excursão.

Nesse mesmo dia poderíamos ter alcançado, às 11 horas da noite, Curitiba, caso não caísse, quando descíamos a Serrinha, violento temporal. Isto fez com que fôssemos obrigados a parar em Campo Largo,⁴¹ onde novamente nos acolhemos à hospitaleira vivenda do distinto Sr. João Ribeiro de Macedo e ali passamos a noite.

Às 10 horas da manhã seguinte de 9 de março chegamos todos à capital do Paraná,⁴² e no espírito de quantos haviam feito aquele rápido, mas longo passeio, decerto ficaram motivos para duradouras e agradáveis recordações.

41 Vide a nota P.

42 Vide a nota Q.

IMPRESSÕES E REMINISCÊNCIAS
DA COSTA SUL
E DE SANTA CATARINA

.....
*Impressões e reminiscências da costa sul e
de Santa Catarina*

I

AS BELEZAS DA COSTA MERIDIONAL BRASILEIRA. CABO FRIO.
CAMPOS. OPINIÕES DE D. PEDRO II. SUPERAGUI. GUILHERME
MICHAUD E SEUS DESENHOS. SIGWALT. O NÚCLEO DE
SUPERAGUI. MICHAUD, HOMEM DE REAL RELEVO.

DENTRE AS maravilhas que o nosso Brasil proporciona aos apaixonados da natureza colocam-se, certamente na primeira plana, as que ostenta a Costa de Santa Catarina, desde os limites do Paraná até as vizinhanças da Laguna, sempre que a serra do Mar corre próxima do oceano. Este litoral catarinense, indescritível freqüentemente em sua majestade, é o prolongamento da série de panoramas admiráveis que desde Cabo Frio, pelo menos desde a Guanabara, se oferecem aos olhos deslumbrados do viajante.

Nunca tive o ensejo de ir a Cabo Frio, mas de sua região ouvi arroubadas descrições. Meu bom amigo Mariano Alves de Vasconcelos gabava-me imenso as da zona campista, a beleza de seus lagos e das praias suas vizinhas, tanto e tanto que me decidi um dia a avistá-los. E realmente, em torno de Campos há coisas lindíssimas a ver. A lagoa de Cima, por exemplo, é simplesmente maravilhosa, a viagem ao longo do majestoso caudal, de S. Fidélis a S. João da Barra, verdadeiro encanto. Ouvi gabar

imenso as praias de Gruçaí de Gargaú e da Atafona, as margens da Lagoa Feia e a paisagem do cabo de S. Tomé, mas não pude vê-las. Um grande apaixonado das belezas de Campos era D. Pedro II, que por vezes a elas se referiu, comigo a conversar, de modo cheio de entusiasmo. Já no exílio, ao lhe mandar as impressões de minha excursão a Campos, escrevia-me de Paris, a 28 de outubro de 1891, pouco mais de um mês antes do fatal 5 de dezembro. – Que saudades me faz tudo o que de Campos me diz! – Era o excelso monarca um dos mais apaixonados admiradores de nossa natureza que sabia apreciar com verdadeira justeza. Lembro-me, sempre impressionado, das suas opiniões sobre o Paraná, cujos aspectos sobremodo o haviam extasiado. Quão exata a sua comparação sobre os Campos Gerais! “Uma bela mesa de mármore coberta de delgado pano verde!” Mas como ia dizendo, pensei diversas vezes ir a Cabo Frio para ver a lagoa de Araruama e as paisagens marinhas que em torno daquela velha cidade se desenrolam. Mas nunca se me proporcionou a ocasião e nem eram muito convidativos os meios de se atingir aquele ponto tão gabado de pessoas de fino gosto e seguro critério paisagístico.

Nas minhas diversas viagens ao Sul, ao pleitear as eleições de deputado por Santa Catarina, ou para assumir a presidência desta província e a do Paraná, ou ainda quando fui para a Campanha da Cordilheira e ao Rio Grande do Sul, visitar o meu querido amigo Azevedo Castro, então presidente desta província, tive o ensejo de diversas vezes observar as belezas de vários pontos de nossa costa sul. Jamais me esquecerei da grandiosidade de aspectos que apresentam os arredores de S. Sebastião. O Toque-toque é das mais lindas coisas do nosso litoral. Toda a costa norte de S. Paulo aliás, desde Santos à divisa do Rio de Janeiro, constitui uma sucessão infindável de maravilhosos panoramas. É o que também se dá em torno de Paranaguá. Da baía de Angra dos Reis conservo a impressão da sua grandiosidade, inapagavelmente.

Da minha excursão a Superagui guardo as mais fortes recordações. Que recanto formoso aquele da enorme e pouco profunda baía de Paranaguá! Que admiráveis golpes de vista oferecem aqueles pequenos sacos, aquelas praias tão calmas, aqueles fundos alterosos de serra! Ali mora, na colônia suíça, o meu amigo Guilherme Michaud, homem de talento, perdido naquele ermo, ainda tão distante da civilização. Desenhista exí-

mio, dotado de senso artístico realmente extraordinário, matava o tempo a desenhar paisagens soberbas, embevecido na contemplação daquelas paragens primitivas, mas cheias de encantos sem par. Mandou-me muitos dos seus primorosos desenhos, legítimas preciosidades. Tão baldo de recursos que freqüentemente não tinha papel próprio, para desenhar nem cores, de que o supri algumas vezes mandando-lhe do Rio de Janeiro material em troca de retribuição generosíssima: os seus lindíssimos desenhos. Em certa ocasião remeti-lhe um álbum, que me recambiou cheio de pinturas e que ciosamente conservo, porque tem real valia.

Como sabe representar a vegetação daqueles lugares e como os escolhe! São as suas palmeiras legítimas obras-primas, as grandes árvores dos primeiros planos perfeitamente apanhadas. E tudo isto feito com tão deficientes elementos, tintas de inferior qualidade, a cobrir um desenho impecável, traçado por mão de mestre. Em novembro de 1885, então presidente do Paraná, visitei a colônia de Superagui, fundação antiga de 1852, devida a Carlos Perret Gentil, Augusto Perret Gentil – este, se me não engano, genro do ilustre Senador Vergueiro – e Jorge Carlos Meily, numa pequena península à entrada da baía de Paranaguá. Ali encontrei três nobres tipos de antigos imigrantes: João Miguel Sigwalt, francês, Guilherme Michaud, suíço, e Rovedo, italiano. Deles pude dizer com a maior justiça “todos amando o Brasil de coração, embora não tenham tirado fruto algum do constante labor e dos maiores esforços no cultivo da terra”.

Quando estive em Superagui era Sigwalt o decano dos colonos; fiz-lhe um brinde, nesta ocasião, lembrando a sua já longa permanência no Brasil e os serviços prestados ao nosso país, o que muito o comoveu. Respondendo-me, leu pequeno manifesto dos seus conterrâneos, muito cordial, lembrando que pela primeira vez fora um presidente do Paraná a Superagui, “fato novo e sem precedentes nos anais deste pequeno centro de população”. Depois de me dirigir palavras generosas de aplauso pela minha ação imigracionista terminou com frases bem expressivas. “Faziam votos para que nunca me abandonassem o ânimo e energia a fim de poder vencer todos os obstáculos, não esquecendo nunca a tolerância devida às convicções tanto políticas, como religiosas.”

Havia nesta época em Superagui uns cinco ou seis dos primitivos colonos apenas. Quase todos eles com famílias patriarcais. Eram-lhes

os cafezais medíocres e definhavam até, mas já tinham dado alguma coisa e a estes inteligentes e trabalhadores colonos haviam consagrado certo bem-estar. O velho Sigwalt, ao notar a decadência da cultura cafeeira, principiara a cultivar a vinha e depois de muito trabalho e esforço perseverantes obtivera resultados profícuos de sua tentativa. Ainda existiam em terras do núcleo matas grandes à margem dos rios ou canais, de belo aspecto na sua vestimenta.

De Superagui, onde estive, a 14 de novembro de 1885 e onde fundei uma sociedade de imigração, guardo as mais agradáveis recordações. Naquele antigo núcleo de colonização suíça, mal escolhido no local de sua instalação, principiado com 13 famílias, cultivava-se algum café, fumo, cereais. Em 1856 tinha 64 estrangeiros, suíços quase todos (menos cinco franceses e dois alemães). Não podia prosperar, como não prosperou, situado na vizinhança de um centro de população tão pequeno como Paranaguá.

Era o bom Michaud professor de primeiras letras contratado para o bairro de Superagui. Ganhava a exorbitância de 300\$000 anuais! Mandei dar-lhe mais cem e o excelente homem ficou de tal modo grato que durante anos, depois que perdi a minha posição política, me tem dado contínuas provas de afeição e reconhecimento. Fiz-lhe justiça no meu relatório ao passar, a 3 de maio de 1886, a presidência do Paraná ao primeiro vice-presidente, Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, outro cavalheiro distinto, primorosamente educado, de quem guardo as mais agradáveis recordações. Assim me exprimi neste documento oficial: “Cumpro ponderar que naquele mal conhecido, embora muito interessante ponto da província, encontrei um verdadeiro mestre, rodeado de muitos alunos e, sem dúvida alguma, artista bastante notável. Com ele e com o distinto velho João Miguel Sigwalt, o mais prestigioso habitante daquela localidade, entretive, desde que os conheci, as mais gratas relações.”

Era um pouco de justiça para com aquele ignorado pioneiro da civilização perdido no recanto isolado da nossa costa para onde o lançou o destino.

Como é singular o fado a que estão certos homens submetidos! No primitivo e rústico Superagui vivia um homem cuja cultura, cujas instigações artísticas estavam em absoluta antinomia com o meio, a ele

tão inferior, obrigando-o a uma existência cheia de monotonia intensa, professor de primeiras letras, ganhando uma ninharia que pouco passava de mil réis diários! E no entanto podia este homem, tinha todos os direitos a aspirar uma posição distinta na sociedade. Inteligência, cultivo, ótimas maneiras, simpática presença, nada lhe faltava. Mas era um tímido e um reconcentrado. Comprazia-se na contemplação das belezas naturais extraordinárias que o rodeavam e vivia à moda do *sage*, desta feição para a qual a nossa língua portuguesa não tem a adjectivação precisa como o qualificativo francês. *Sage* não é sensato, nem sábio, nem sabedor, e não é bem o nosso justo. *Sage* é *sage*, intraduzível.

As ambições não o instigavam; com o talento, instrução e habilidade que o ornavam poderia alcançar no Rio de Janeiro boa posição nos meios do ensino e artísticos. Mas não queria sair de Superagui. *A quoi bon?*, pensaria de si para si, e deixava que os dias, os meses e os anos se lhe escoassem naquela uniformidade que não o entediava porque tinha a felicidade da vida interior que falta aos fúteis e tolos e lhes provoca a invencível displicência.

Faz-me lembrar o caso do bom Michaud, o de um grande viajante da América que, passando a noite no mais miserável dos albergues sertanejos de beira da estrada, despertou com os sons longínquos de violino, magistralmente ferido em suas cordas por alguém que o fazia emitir as vozes da mais funda expressividade. Extasiado não pôde continuar a dormir. Quem naquele deserto estaria a tocar daquele modo, com aquela alma repassada de saudades e soluços? Levantou-se cauteloso e surpreendeu o estalajadeiro, de rabeça em punho, a arrancar do instrumento aqueles tons maviosos e angustiados. Era um indivíduo de vulgar aspecto, concentrado, áspero mesmo, que peremptoriamente se esquivou aos cumprimentos do seu hóspede. E foi-se o viandante atônito do encontro que por acaso o pusera, naquelas solidões, em presença de um homem de aptidões superiores, exilado num ermo, passando uma vida tão diversa daquela para a qual a educação o talhara.

E por aí, por este mundo afora, quantos casos destes não haverá? Não é o do famoso arqueduke d'Áustria que, saturado das pompas de uma corte imperial, tudo abandonou para se refugiar num esconderijo,

selvagem e inatingível para os mais finos agentes das mais notáveis polícias do universo?

II

DIGRESSÕES. ANGRA DOS REIS E PARATI. GALDINO PINHEIRO. A BAÍA DE SÃO FRANCISCO DO SUL. OS PANORAMAS DA COSTA CATARINENSE. ITAPOCOROÍ. AS MINHAS VIAGENS PELO LITORAL DE SANTA CATARINA COM MANUEL MOREIRA DA SILVA E OUTROS AMIGOS POLÍTICOS. EPISÓDIOS ELEITORAIS. ABNEGAÇÃO INEXCEDÍVEL DE MOREIRA.

Mas quanta e quanta digressão, Santo Deus, estará a observar o leitor amável e condescendente a que distância estamos do assunto principal destas reminiscências, sobre a costa catarinense! Mas lá chegaremos! Estamos descendo devagarinho. Falamos do litoral fluminense, do paulista. Já atingimos o paranaense. Mas não! ainda queremos dizer umas palavras, antes de chegar a Santa Catarina, sobre as paisagens de um dos recantos mais admiráveis de toda esta região meridional. Não pude ver de perto as belezas da série de baías e portos que vão de Parati a Sepetiba, mas pelo que apreciei do conjunto, é a natureza ali absolutamente prodigiosa. Quanto seria desejável que se estabelecesse boa linha de navegação com vapores confortáveis entre o Rio de Janeiro e Santos, a fim de se poder ver, com vagar e comodidade, aquele desenrolar de perspectivas admiráveis que, sem solução de continuidade, vão desfilando perante os olhos do observador embevecido, desde a saída de nossa grande e incomparável baía até a entrada pitoresca e poética do porto paulista? O que vi de S. Sebastião, da ilha Grande me extasiou. Aquilo é para prender o viajante por muito tempo. Até a Marambaia com a sua restinga baixa, e as praias de Sernambetiba, têm aspectos surpreendentes. Quem me entretinha longamente a descrever as belezas desta região fluminense era o simpático amigo Galdino Pinheiro, angrense ou filho de Mangaratiba, apaixonado do seu recanto natal, dele falando com tanto calor, com tanto entusiasmo, pintando-lhe os encantos com tal vivacidade que me transportava em mente à contemplação daquelas maravilhas, os mares agitados da ponta do Caiuruçu, os espetáculos grandiosos do cabo de Juatinga, o aspecto selvagem da baía de Mangaratiba, em cujas águas altas montanhas projetavam sombras, a travessia da serra, na estrada de S. João do Príncipe, ao longo do rio da Lapa, etc.

De quantos mais acidentes de praia e de montanhas me falava!

Mas entre nós tudo isto é ainda quase inacessível, ou pelo menos se obtém a custo de muito esforço físico e muito desconforto. Quando o progresso do Brasil provocar a abertura de boas estradas pelas serras e o estabelecimento de cômodas linhas de navegação, aí os moradores do Rio de Janeiro e os turistas terão, ao alcance quase imediato, muitas das mais admiráveis perspectivas da Criação.

Mas é bem tempo de voltarmos a Santa Catarina.

Lembro-me, como se hoje fora, da impressão fortíssima recebida quando pela primeira vez entrei na baía de S. Francisco do Sul. Que panorama admirável! É um porto de incomparável beleza e nada mais atraente à vista do que a cidade, com seu casario branco e a sua matriz coberta por uma cúpula de azulejos, a destacar-se de um fundo lindíssimo de jacatirões e quaresmas, cobertos de flores alvas, cor-de-rosa, vermelho-avinhadadas, como as vi então.

Durante as minhas viagens de cabalista infatigável, a disputar voto por voto, em 1880 e 1885, a vitória aos contendores liberais, apoiados pelo prestígio do seu partido, dominante do poder, tive o ensejo de realizar algumas das mais lindas viagens de minha vida e de ver panoramas marítimos estupendos, inesquecíveis. De um então guardo a mais violenta impressão, o da ponta de Itapocoroí, junto à velha armação para a pesca da baleia, de que há restos ainda. Tentei descrevê-lo nos meus *Céus e Terras do Brasil*, mas quando releio as minhas páginas e comparo o que disse ao que vi, vem-me o sentimento da pequenez humana ante a grandeza divina. Que painel aquele! Quanta magnificência, serenidade e amplidão naqueles aspectos do oceano bravo, a açoitar os penhascos da Ponta Negra e da Vigia? E que contraste entre esta fúria das vagas e a moleza com que elas vêm morrer na curva infindável de uma praia protegida pelos dois promontórios, mar sereno, diáfano, esmeraldino, tão manso! Como o vi, cheio da luz de um dos mais admiráveis sóis que me foi jamais dado contemplar! E a moldura daquela praia! no primeiro plano colinas verdes, coroadas de palmeiras, nos últimos as montanhas aniladas de Itapocu e Jaraguá. Que panorama!

Mas, como dizia, os episódios das minhas agitadas campanhas eleitorais quando candidato conservador contra o partido dominante, pelo

primeiro distrito de Santa Catarina, levaram-me a ver muita cousa bela do litoral catarinense.

E se o fiz, manda-me a gratidão que o diga, devo-o ao querido e inolvidável amigo Manuel Moreira da Silva, homem cuja dedicação jamais poderei exprimir à altura dos serviços que me prestou.

Foi Moreira o meu inexcedível grande cabo eleitoral das três grandes campanhas de 1881, 1884 e 1886, homem de pequena instrução mas de larga inteligência natural, habilíssimo no perscrutar os sentimentos do meio em que vivia e admiravelmente conhecia. Já a seu respeito escrevendo, relatei, num dia de desfastio, as peripécias que acompanharam a minha entrada para o Senado do Império, tracei-lhe um perfil que me parece fiel e porque sobretudo me agrada como homenagem a este amigo incomparável, a quem imenso devo.

Há de o paciente e amável leitor surpreender-se das contínuas digressões enxertadas a esta desprentensiva série de reminiscências de viagens pela nossa costa meridional. Mas é como diz o provérbio: “uma mão lava a outra”. Voltando-me para o passado longínquo que me foi tão risinho e cheio de esperanças realizadas, distraio-me das tristezas do momento presente e das apreensões graves do futuro, num período em que a situação geral do país tão carregada está e tornou-se prenhe de ameaças de dias da mais funda e justificada tristeza.

Se me veio à mente falar em Manuel Moreira da Silva foi por lhe associar o nome amigo a algumas das mais admiráveis excursões marítimas que jamais fiz, quando, voto por voto, disputava a vitória aos meus adversários de 1881 a 1884, numa intensa campanha eleitoral que, se me custou imensa fadiga, fez-me conhecer belos tipos de amigos, envolveu-me em muitos episódios pitorescos e dá-me o ensejo de muita rememoração agradável.

Já pela imprensa tive a ocasião de relatar algumas das excursões marítimas a que aludo. Permita o leitor que aqui reproduza umas poucas destas páginas de reminiscências. Não são de todo destituídas de pitoresco.

Que esplêndido tipo de abnegação o do Moreira, velho e hercúleo marujo, na sua robustíssima constituição corpórea, fisionomia de poucos amigos, olhos apertados mas vivos, perfurantes, sempre inquietos e suspeitosos, cara larga, nariz pequeno, arrebicado, espírito inclinado à

violência e à teima, coração, porém, de imensa ternura e bondade, fogosamente pronto para defender os fracos, as crianças e os desprotegidos da sorte e correr em seu socorro! Pouco dado às leituras, por certo, mas quanto bom senso, quando, tendo mão em si – o seu maior e constante esforço –, não se deixava cegar pela paixão, pelas prevenções, ou pelo capricho? Aí não havia como fazê-lo recuar um passo, uma linha; preferia perder tudo, afeições, trabalho de longos anos, todos os cálculos e combinações, até a minha amizade, o seu bem supremo.

Sereno nas maiores dificuldade, crises e perigos, tornava-se terrível nos momentos de exaltação e furor, deixando bem à mostra a sua natureza indomável nos ímpetos, de que ele próprio falava com receio.

Conhecia eu bem o imenso valor desse homem, a sua grande elevação moral, e nele depositava a mais absoluta e incondicional confiança, o que não poucos ciúmes e zelos suscitou, por vezes, em outras pessoas preponderantes do partido conservador, também bons e leais companheiros de propaganda política e cabala.

Manuel Moreira foi, porém, de 1880 em diante, a alma, o centro de todo o movimento eleitoral de Santa Catharina, que, em quatro disputadíssimos comícios, duas vezes me levou à Câmara dos Deputados e, por fim, me deu uma cadeira no Senado.

E ele era capaz de esforços que para outros se tornavam de todo o ponto impossíveis, tanto mais quanto lhes faltavam a organização de ferro e a excepcional musculatura, que o caracterizava.

Uma feita, viajava ele sozinho, como tinha por costume, de Canavieiras, na ponta da ilha de Santa Catharina, para o Desterro. O cavalo afrouxou.

Era noite e chovia; mas como no dia seguinte deviam constituir-se as mesas eleitorais na capital, atirou-se, debaixo de copiosos aguaceiros, a vir a pé e venceu, com passo ligeiro, as nove léguas intermédias, carregando por cima à cabeça o selim e mais arreios do animal *abombado*, que deixou ficar por ali à solta!

O episódio que deixei contado lembra-me dois verdadeiros feitos, em que Manuel Moreira me envolveu, batendo-me o pé, levando-me à valentona e vencendo a pouca vontade de que lhe opus, antes de iniciá-los.

Será tudo isso, esta saudosa vista de olhos pelo passado, uma homenagem ao amigo excepcional que tive a dor de perder, a 6 de setembro de 1888, vítima de horrível desastre – a explosão de uma mina de pólvora e dinamite que ele ainda estava carregando para descobrir, nas imediações de Porto Belo, uma nascente de petróleo! Se, pelo menos, tivesse morrido logo! Mas não, com a sua organização de ferro, suportou seis dias de indizível martírio, o corpo todo queimado, o rosto uma só chaga! Meu pobre Moreira!

Antes, porém, pudera realizar a sua aspiração suprema, tantas, tantas vezes repetidas: “Hei de levá-lo ao Senado, doutor!”

III

CAMPANHA ELEITORAL DE 1881. CABALA FATIGANTÍSSIMA.
RECURSOS DOS ADVERSÁRIOS. VIAGEM INTERROMPIDA. TOMAMOS
UMA BALEEIRA. IMINÊNCIA DE NAUFRÁGIO. NA BARRA DE ITAJAÍ.
ESCAPAMOS À MORTE. IDA AOS GANCHOS. GRANDIOSIDADE DO
LITORAL CATARINENSE. DOÇURA DAS REMINISCÊNCIAS DESTAS
VIAGENS. POEMA DECANTADOR DA ÁSPERA CABALA.

Vamos, porém, às tais façanhas; dir-me-ão os leitores se os fatos realizados não são dignos de pomposa ampliação.

Voltávamos, na primeira eleição de 1881, a cavalo da excursão por todo o norte da província, tendo visitado São Francisco, Joinville, São Bento, Itapocu, Barra Velha, Itapocoroí, Itajaí, Camboriú, além de Gaspar e Blumenau, tudo com mil voltas e mil paradas, ora a fazer conferências populares, ora em solicitações pessoais de casa em casa de eleitor – enfim, uma canseira enorme! Vinha eu, sobretudo, de entre os mais companheiros de cabala, positivamente estrompado e ansioso pela viagem marítima que devíamos fazer de Itajaí ao Desterro, num manhoso vaporzinho da carreira entre a capital e São Francisco, de quinze em quinze dias, com escala pelo porto intermédio.

Terrível decepção nos esperava, porém. Por manobra eleitoral, os adversários, lançando mão não me lembro mais de que pretexto, haviam apressado de vinte e quatro horas a partida do tal vaporzinho. Que fizermos em tão penosa contingência, quando os dias estavam contados e nos apertavam com urgência?

Ficarmos à espera? – Impossível! Encetarmos a longa e penosa travessia terrestre de Itajaí a São Miguel e dali ao Desterro por péssimos caminhos e contínuas morrarias com os animais exaustos de fadiga? Outra impossibilidade.

Manuel Moreira, para quem se voltavam todos os olhares e todas as interrogações, estava de cara amarrada, sombrio e a cada instante saía da sala do mau hotelzinho em que nos achávamos e nela entrava agitado, frenético, mas silencioso.

Numa dessas passadas apareceu-nos radiante de alegria.

– Está tudo arranjado, exclamou; amanhã ou depois, quando muito, chegaremos todos ao Desterro.

Que boa peça pregada aos liberais!

– Mas como, Moreira? Indaguei surpreso.

– Nada mais simples. Acabo de alugar uma boa baleeira e vamos abrir a vela ao vento. Por desgraça é sudoeste... mas havemos de bordejar com jeito. Houve um só grito de impugnação, quase terror.

– Como sair da barra do Itajaí, navegar dias inteiros pelo mar alto?

– E que tem isto? Olhem, está até ameaçando temporal! Eu os aviso.

– Mas quem quer os fins, quer os meios. Fiquem em terra os medrosos, que daqui a pouco parto eu aí! Isto é certo: eu não fico em Itajaí...

Que fazer-se com um homem desses?

Não houve remédio, e dali a pouco, eu, o Coronel Domingos Costa, sempre engraçado e galhofeiro, o Capitão Amorim Caldas e Moreira, ao leme, como intrépido piloto, demandávamos a remos, com enorme risco, a barra do rio Itajaí, os céus plúmbeos, ameaçadores, negros!...

Estivemos ao transpô-la, quase a naufragar, todos nós de botas e esporas; mas a baleeira era valente, os quatro remadores peritos e destemidos, guiados pela voz segura e animadora do hábil timoneiro e afinal ganhamos o largo, o pleno oceano.

Que ondas, que vagalhões! A cada momento parecia que íamos ser tragados pelo elemento em fúria. Entretanto, gracejávamos, ainda que já molhados até os ossos, enquanto Moreira, Maneca Diabo, seu apelido de

longa data, assoviava ao leme. Em certo trecho, nos calamos. Complicara-se a situação. Temerosa nuvem pairava, como que sobre as nossas cabeças.

– Então, Sr. Moreira, há perigo? Perguntei.

– Boa dúvida, confirmou ele, mas que importa? Ninguém há de ficar nesta terra para semente.

Mal dissera estas *consoladoras* palavras arrebentou a nuvem num tremendo aguaceiro que alagou a mísera baleeira; não podia, contudo, ensopar-nos mais do que já estávamos.

Íamos a vela bordejando longa e morosamente com vento rijo contrário.

– De nada serve, disse por fim Moreira, estarmos a dar destas guinadas. Hoje não faremos nada. Mais vale tocar para a enseada de Camburiú.

Foi o que se fez, não sem custo, até alcançar-se suspirado abrigo, defendido contra os furores do sudoeste por um simples e prolongado promontório – disposição peculiar a outros pontos da costa de Santa Catarina – enseada do Brito, Garopaba, Imbituba, etc.

Também, que alegria, quando ali chegamos, deitando a poita em formoso recôncavo de mar sereno e hospitaleiro!

E como lá estava um iate carregado de arroz socado, metemo-nos até ao pescoço dentro do alvo cereal, enxugando assim em poucos minutos as roupas varadas d'água.

Que comemos naquela noite? Sardinhas de lata com umas roscas duras como calhaus, que Moreira – sempre o Moreira – fora buscar em terra e comprar numa vendinha, nem de propósito, de eleitor nosso, que lhe hipotecou o voto.

O certo é que dormi como um bem-aventurado!

De madrugada, mal luzia a primeira barra do dia, acordou-nos a voz triunfante do nosso piloto.

– Vento nordeste! exclamou. Às 6 horas estaremos desembarcados no Desterro. Ah! que boa peça pregamos aos liberais!

E, com efeito, lá fomos tangidos por favônio sopro, cortando, com rapidez de flecha, a superfície lisa dos mares acalmados.

Moreira, todo contente e ancho, apontava-me os menores cabos e pontas e ilhas e rochedos, que tudo aquilo conhecia ele como a palma da leal e rugosa mão.

– Repare nos Ganchos, disse-me em certo trecho; ali temos eleitores, fique sabendo. Vamos agora dar costas à ilha do Arvoredo, onde está o farol, e entrar no canal... Não há mais dúvida possível.

E repetia consigo mesmo:

– Que bela peça preparamos aos srs. liberais.

Com efeito, pouco antes até da hora por ele indicada, saltávamos na praia Rita Maria, por querermos guardar mistério sobre a nossa volta.

Não houve, porém, como, e com pasmo de todos, soube-se logo no Desterro da chegada dos intrépidos navegantes e valentes lidadores.

Fora Maneca Diabo quem tudo fizera!

Na outra proeza a que me forçou Manuel Moreira, não corri, por certo, tamanho risco, mas não foram pequenos os incômodos suportados.

Em certo dia, à noite, anunciou-me peremptoriamente.

– Vamos amanhã aos Ganchos.

Olhei-o estupefato.

– Aos Ganchos?

– Sim, àquela ponta que lhe mostrei, ao virmos de Itajaí. Há ali quinze eleitores do colégio de São Miguel, e é preciso fazê-los ir votar.

– Você, porém, não veio anteontem de lá?

– Por isso mesmo. Os homens não se querem incomodar, sem que o Dr. vá lá fazer uma *falação*, além de outro acordo...

– É uma loucura...

– Qual! Há outras bem piores.

Amanhã vento sul para nos tocar até lá e, mais que provavelmente, vento nordeste depois de amanhã, senão fresco, pelo menos banzeiro.

Fez-se o que ele determinara e ei-nos na madrugada seguinte, partidos do Desterro e viajando pelo canal, correndo para o norte. E foi o que fizemos o dia inteirinho, pois só chegamos aos Ganchos às 6 horas da tarde.

Leváramos foguetes e fomos os próprios que festejamos um tanto ruidosamente a nossa chegada e presença.

À praia, alguma gente, quanto havia no desolado agrupamento de casinhas e ranchos, morada de pobres e acaipirados pescadores.

Antes de jantar, restos da nossa matalotagem com mais uma grande pescada cozida na água e sal e que estava excelente, fiz a tal *falação*, conferência a que me referi, como de rigor, à grande naturalização e a outros assuntos que o auditório acolheu perfeitamente indiferente a tudo.

Os argumentos de Moreira os impressionavam muitíssimo mais.

No fim, houve, entretanto, suas palmas.

E fui dormir estrompadíssimo, embora toda a viagem não me tivesse mexido de cima de uma esteira.

Às 4 horas da manhã seguinte, acorda-me Moreira.

– Não lhe disse? exclamou; temos alguns nordestes, que lá pelas onze horas há de refrescar. Deus ajuda a quem trabalha.

E pouco depois das 6 da tarde, desembarcamos no Desterro.

Os eleitores dos Ganchos foram, com efeito, votar em São Miguel.

Quanto se me representa aos olhos esse formoso e variado panorama que se desdobrava de um e de outro lado do canal! E Moreira ia me apontando o que nele havia mais saliente.

“Olhe a Ponta Grossa, a velha fortaleza, o cabo de Canavieiras, a ilha de São Francisco; olhe, ali deságua o Biguaçu, aquilo é o morro da Cambirela”, e mais isto e mais aquilo, num enumerar sem fim.

Que céu, porém, tão límpido, translúcido no seu azul intenso! Que mar tão verde e achamalotado.

Passamos por tal modo perto de uma das ilhas Ratonas, que me chamaram às vistas, embelezando-as uns soberbos lírios, agarrados às rochas.

Parou-se para colhermos muitos pés de cebolas, que depois cheguei a cultivar no meu jardim do Rio de Janeiro. Degeneraram, porém. Lá eram soberbos, vermelhos, rajados de negro e por isto chamados *mantos do Diabo!* Apesar de todas as canseiras, que belos dias, que impressões para

todo o sempre! Ah! o passado, nas condições sobretudo do Brasil hodierno, tem tamanho prestígio para quem viu este belo país outro e bem diferente.

Com que segurança se encarava então o futuro! Lembra-me isto as palavras de Talleyrand a uns moços que lhe gabavam o prazer da vida: “Vocês nem imaginam quantos encantos tinha a existência de outrora. São coisas que não voltam mais e, em longos séculos, pertence a certos períodos da existência comum. Felizes os que puderam morrer dentro deles; felizes em parte aqueles que conheceram algo dessas épocas excepcionais e afortunadas!”

O mesmo diremos de não poucos decênios do fecundo e grandioso reinado de D. Pedro II.

Quanta recordação saudosa destes dias de agitação febril! Nem sentíamos as fadigas que nos estropiavam quase.

A propósito desta campanha escrevi, em dia de menos “afobação”, uns versos – se é possível assim designá-los –, que os bons companheiros leram com estrepitosos aplausos e boas gargalhadas. Muito vale a amizade!

IV

O PLEITO ELEITORAL DE JANEIRO DE 1886. COMPETIDOR TERRÍVEL. SOBRESSALTOS E ANSIEDADE. DIFICULDADES COM OS CORRELIGIONÁRIOS DURANTE A MINHA PRESIDÊNCIA DO PARANÁ. SINGULAR PROJETO DE REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. PALAVRAS DO BARÃO DO SERRO AZUL. SORDIDEZ DA POLITICAGEM DE ALDEIA. MANUEL EUFRÁSIO CORREIA. SUAS GRANDES QUALIDADES. AS IRAS PARTIDÁRIAS NO PARANÁ. DEDICAÇÃO DE MANUEL MOREIRA. O TRIUNFO DE 15 DE JANEIRO DE 1886. MORTE DO BARÃO DA LAGUNA. OS GRANDES MÉRITOS DESTES ILUSTRES SERVIDORES DO BRASIL. AMIZADE QUE ME CONSAGRAVA. TOCANTE PROVA DE AFEIÇÃO. A CAMPANHA SENATORIAL. A MORTE DE MANECA MOREIRA.

Em 1886 ocupava eu a presidência do Paraná e era ao mesmo tempo candidato à deputação geral pelo primeiro distrito de Santa Catarina. Estávamos na vigência de situação conservadora e eu dispunha de excelentes elementos de triunfo, mas o meu contendor conselheiro Francisco Antunes Maciel, antigo ministro de Estado, ministro do Império,

do Gabinete Lafaiete, de 24 de maio de 1883, pessoa distinta com bons dotes oratórios, figura de relevo do Partido Liberal rio-grandense, dava-me muito trabalho. Havendo desposado uma senhora viúva, possuidora de grande fortuna, gastava a mancheias em Santa Catarina, para me tomar a cadeira e no Rio Grande do Sul, em que pretendia fazer-se eleger pelo segundo distrito, contrapondo a influência à do distinto candidato conservador, Dr. Francisco da Silva Tavares, pertencente a uma das mais ilustres famílias da província, filho do fidelíssimo chefe legalista da guerra dos Farrapos, o Visconde do Cerro Alegre; irmão do General Joca Tavares, Barão de Itaquí, o tão conhecido chefe da revolução federalista de 1893, com ótimos serviços de guerra no Paraguai. E não fosse pela influência da família, numerosa, rica, contando grandes estancieiros, como o Barão de Santa Tecla, por si, já era o Dr. Francisco da Silva Tavares um competidor temível, sobremodo popular, influente, muito embora acontecesse no Rio Grande do Sul o que se dava na província do Rio com os liberais. Havia uma minoria muito pequena de conservadores em relação à grande massa de liberais, desproporção esta que permitira, na penúltima situação conservadora, a existência, numa Câmara quase unânime, de uma bancada numerosa, liberal, onde figuravam elementos de alto valor como Silveira Martins, o Conde de Porto Alegre e Florêncio de Abreu.

À larga espalhara o Conselheiro Maciel dinheiro pelos chefes liberais de Santa Catarina, com resultados contraproducentes, aliás. Nunca fora político na província, e este expediente, de gastar a valer, para levar os conservadores de vencida causou entre as pessoas refletidas desagradável impressão. Mas devo dizer que não deixou de me sobressaltar vivamente. Seria realmente terrível que me derrotasse, eu, conservador, amparado pela situação dominante, dispondo de prestígio afanosamente obtido em duas campanhas eleitorais trabalhosíssimas. Na primeira, em oposição e em segundo escrutínio levava de vencida o candidato liberal, alcançando 648 votos contra 627 obtidos pelo meu contendor, Dr. Pitanga. Em 1884, a 10 de dezembro, perdera, é verdade, a eleição, mas por vinte e um votos apenas, pois tivera o meu vencedor Dr. Duarte Paranhos Schutel 687 votos, e eu, 666.

Mas, como dizia, constou-me, e aos bons amigos de Santa Catarina, que o meu adversário espalhava grossas quantias para alcançar su-

frágios. Não me é dado, porém, afirmar da veracidade destes boatos, mas falou-se muito na província de diversos casos, entre os quais um se tornou sobremodo comentado, a velhacaria atribuída a três cabos eleitorais do Conselheiro Maciel, que em vez de empregarem os quinze contos de réis recebidos do candidato rio-grandense, para a campanha em prol de sua eleição, os repartiram irramente entre si, deixando outras influências, *in albis*, o que certamente as desapontou de modo singular.

Uma derrota em janeiro de 1886 seria de funestas conseqüências, quiçá irremediável desastre para a minha carreira política. Assim quanto momento desagradável de sobressalto e ansiedade tive de curtir no gabinete presidencial do modestíssimo palácio de Curitiba! Fosse eu vencido, com que satisfação não celebrariam os liberais do Paraná este fracasso do presidente conservador!? Bem injustos, aliás, em seu desforço, pois primeiro presidente da província, na situação vencedora, a 20 de agosto de 1885, com o Gabinete Cotegipe, a consciência jamais me exprobou um único ato, por pequeno que fosse, de perseguição sequer, de malquerença ao partido apeado do poder. E nem sempre me foi fácil sopitar as instigações rancorosas dos chefes conservadores provinciais, sequiosos de desforra, após sete anos de ostracismo do poder. Apenas desembarcado em Paranaguá, nem sequer empossado da presidência da província ainda, já me vira às voltas com um dos mais influentes chefes conservadores que me apresentara interessantíssimo plano de *reforma da instrução primária provincial*. Era apenas uma completa contradança de professores públicos. Simples troca de lugar, ditada pelos rancores partidários. A professora A. seria transferida da Lapa para o ermo que era Açungui, B. de Paranaguá para Guarapuava, no alto sertão, C. de Curitiba para algum lugarejo como Guaraqueçava, e assim por diante. Explicava o autor deste pomposo “projeto de reforma” que o marido da primeira, liberal energúmeno, precisava de severo castigo; ao da segunda, ximango atrevidíssimo, devia-se-lhe “quebrar a castanha” e “mostrar-lhe que o trunfo agora era paus”, e assim por diante.

Também sem o menor circunlóquio fui logo declarando ao meu correligionário rancoroso: a ninguém removeria por questões de partidatismo, frase que o escandalizou, provocando murmurações contra o meu *loyalism* conservador, por parte de diversos chefes de prestígio e diretores do partido *casculo*.

Era o que faltava se eu consagrasse o meu tempo a examinar estas questiúnculas! *J'avais bien d'autres chats à fouetter*” ao assumir a presidência do Paraná! onde a consciência me diz que procurei servir; bem ou mal, os pósteros me julgarão, a causa do Brasil e da civilização.

Foi com verdadeiro desvanecimento e legítima sensação de amor-próprio reconhecido que do infelicíssimo amigo Ildefonso Correia, o malgrado e hoje célebre Barão do Serro Azul, ouvi, em público, as afirmações de que na presidência do Paraná agira eu: “como o semeador do Evangelho, atirando ao vento idéias e mais idéias, caíssem ou não na rocha, estéril ou na terra fecunda”. Pobre Ildefonso Correia! tão inteligente e bom! vilmente assassinado nos horrores da hedionda chacina do quilômetro 65! Paz à sua memória honesta de patriota e cidadão exemplar!

Nem sempre me foi possível manter-me sem dificuldades nesta linha de respeito aos adversários destituídos do poder. Tive-as sérias, até com um dos meus melhores amigos, o sempre saudoso Manuel Eufrásio Correia, um dos homens a quem mais quis. Era uma inteligência de primeira água, possuía dotes tribunícios elevadíssimos e um caráter sem jaça. Vi-o com a maior mágoa desaparecer a 4 de fevereiro de 1888, quando, com verdadeira elevação, presidia a província de Pernambuco.

Mas era filho do Paraná, chefe da maior e mais justa influência, sofrera longo período de ostracismo, valentemente batendo-se pela causa conservadora, com uma dedicação sem par, sem desfalecimentos, enérgico, animado, confiante. Deputado de 1872 a 1878 e tendo perdido a cadeira com a queda da situação, não lograra a vitória no primeiro pleito da eleição direta, em 1881, mas nem por isto se abatera. Às voltas com as mil e uma intrigas da politicagem provinciana, furiosa, exasperada, cheia das mais sórdidas mesquinhezas, conseguira afinal, em 1884, vencer o partido dominante, fazendo-se eleger deputado geral pelo primeiro distrito da província, em primeiro escrutínio, por 540 votos num total de 1.054 votantes.

Durante os últimos anos sofrera muitas picuinhas das presidências liberais e se, generoso como era, não sabia guardar rancores, nem perseguir adversários vencidos, tinha de atender a chefetes do seu partido que não compartilhavam destes sentimentos elevados. E assim me trazia suas

queixas e ecos de desforço, pondo-me por vezes em verdadeiros apuros, pois acima de tudo lhe prezava a amizade leal, forte, antiga de vinte anos.

Quanta mesquinhez pratica a ira partidária e politiqueira! É inacreditável como os ditames de um partidarismo estreito e tolo sobrepujam as considerações de interesse geral!

Ainda no Paraná certa vez tive o ensejo de o comprovar. Numa das muitas viagens que pela província empreendi, para ajuizar das estradas, conhecer as diversas localidades e entrar em relações com as personalidades mais distintas das diversas zonas, fossem elas conservadoras ou não, certa vez característico e curioso caso sucedeu-me. Soube da queda de uma ponte, dando acesso à fazenda importante de prestigioso liberal e ouvi que este se gabara de só a ver reconstruída quando o “partido” subisse de novo ao poder, pois nada podia esperar de *casquados*. Mandeí chamá-lo e anunciei-lhe que lhe faria reconstruir a ponte, logo. Era um homem seccarrão, mas atencioso. Pareceu duvidar da realização da promessa do chefe atual dos *casquados* da província. Despediu-se polido, mas um tanto impertinente. Ordenei que lhe fizessem a ponte logo e tempos depois veio ver-me todo efusivo e até certo ponto enfiado agradecer-me o favor. Notei que positivamente estava assombrado do que se lhe fizera.

Estes modos de proceder influíram muito para que o órgão liberal da província, o *Dezenove de Dezembro*, que por dever de ofício me atacava, usasse sempre de comedimento, vendo que pelo menos eu procurava servir com consciência o cargo confiado pela Coroa, não me poupando a fadigas, por vezes bem penosas, a fim de conhecer as necessidades da província. Mas se era esta a feição da luta partidária: o ataque perene, desabrido, a ignorância do salutar princípio do *hodie mihi!* Havia bem pouco tinham os liberais exercido o poder com bastante pouco caso dos direitos de seus adversários, daí o sentimento de desforra, tão humano que os vencidos de ontem e dominadores de hoje queriam a cada passo fazer prevalecer.

Voltemos, porém, ao caso de minha eleição pelo primeiro distrito de Santa Catarina, que devia realizar-se a 15 de janeiro de 1886. Qual seria o seu resultado? Tinha eu as melhores esperanças, mas não me considerava eleito pela certa. Longe disto!

Manuel Moreira da Silva, o meu valente braço direito, habilmente se aproveitava dos menores incidentes, queixas, desenganos e projetos de vingança, enquanto eu me ralava de impaciência e inquietação na minha presidência do Paraná.

Momentos houve, e muitos, em que me supus, sem remissão, perdido, derrotado! O que seria então da minha carreira confirmado o *insucesso* do ano anterior, arredado, talvez para sempre, da Câmara enfraquecida, cada vez mais, a minha força moral perante o meu círculo e aos olhos dos chefes do Rio de Janeiro! E, como sempre acontece em ocasiões destas, choviam cartas e telegramas desanimadores, propositadamente ou não, terrificantes.

O meu impertérito cabalista era o único que me alentava as esperanças. Aliás, escrevia pouco, mas passava-me telegramas, que não acabavam mais. Um deles, bem me recordo, custou mais de cento e cinquenta mil réis, pois a linha do governo não lhe merecia confiança e só se servia do telégrafo inglês, submarino.

Em contínuas viagens, incansável, indiferente às intempéries, fazia prodígios de atividade, atento a todos os sintomas de esmorecimentos ou calculada frouxidão nos meus eleitores e acudindo ao caso com admirável energia e argumentos de toda sorte, de que não eram excluídas as ameaças de desforço pessoal.

No pleito de janeiro de 1886 desenvolveu a sua costumeira atividade, e muito; graças a ele obtive assinalado triunfo sobre o poderoso adversário que ao mesmo tempo perdia a eleição pelo quarto distrito do Rio Grande do Sul. E pior, perdeu os dois pleitos em primeiro escrutínio, pois o Chico Tavares também obteve uma bela vitória, sufragado por 1.143 votos num eleitorado de 2.112.

Num total de 1.383 votantes consegui 748 sufrágios quando me teriam bastado 692 para me assegurar a vitória em primeiro escrutínio. Alcançara o Conselheiro Maciel 557 votos, que lhe custaram, segundo se disse na época, dezenas de contos de réis. Neste mesmo dia tivera eu a grande satisfação de ver vitorioso, em primeiro escrutínio, pelo primeiro distrito do Paraná, o meu querido amigo Manuel Eufrásio Correia, vencedor por muitos votos do Dr. Generoso Marques, liberal. E nem se diga que houvera pressão por parte da presidência da província. No segundo

distrito foi o candidato conservador, o simpático engenheiro Dr. Francisco Terésio Porto, vencido, também em primeiro escrutínio, pelo seu competidor liberal Conselheiro Manuel Alves de Araújo. E ainda na eleição provincial, naquele mesmo dia 15 de janeiro ou imediato haviam sido eleitos em primeiro escrutínio quatro liberais e cinco conservadores pelo primeiro distrito. No segundo distrito em primeiro escrutínio só foram eleitos três conservadores, chegando a obter um lugar na Assembléia o republicano Vicente Machado, que é hoje o “dono” do Paraná e governa o infeliz estado há pouco tão experimentado pelos horrores da guerra civil e as crueldades da repressão legalista, como legítima feitoria sua, bastante à feição dos inúmeros tiranetes hispano-americanos nossos conhecidos, *hélas!*

Enfim estava eleito! Antes de voltar à Câmara ocorrera o falecimento de meu nobre e distintíssimo amigo, o Barão da Laguna, em 16 de fevereiro de 1886. E os meus correligionários catarinenses, ainda em muitos colégios instigados pelo zelo, a afeição, a dedicação extraordinária do bom Moreira, haveriam de dar-me esplêndida votação no pleito de 14 de junho desse mesmo ano de 1886. Nele me apresentei candidato a um lugar na lista tríplice de onde o monarca deveria escolher um substituto para a vaga, no Senado, do dedicadíssimo servidor do país, que fora o Barão da Laguna, tipo de caráter impoluto, que tanto honrara a Marinha brasileira, sobretudo como inspetor do Arsenal da Marinha numa época difícilíssima da vida nacional, como esta do período indeciso da Guerra do Paraguai. Ainda não se lhe fez talvez inteira justiça, que os serviços por este homem prestado ao Brasil foram relevantes.

Tinha muito espírito natural; inclinado a certa brejeirice e grande vivacidade. Não era certamente dado às letras, mas à falta de instrução supriam a inteligência vivaz, a ponderação e a prudência. Entre os chefes do Partido Conservador, a que pertencia, gozava do mais merecido prestígio, pois bem lhe conheciam a lealdade e o critério. Consultavam-no e ouviam-no com atenção.

Diziam os faladores e adversários políticos que nascera em Portugal, mas esta intrigazinha ridícula, a que dava certos visos de verdade o aspecto físico do “Chefe Lamego” como tanto era conhecido na classe que sempre e tanto honrara, fundava-se numa inverdade. Nascera na Laguna, realmente, e tinha a aparência de um homem de forte e perfeita saúde,

possante, maçudo, claro, rosado, excelente tez, nariz adunco, olhos claros muito vivos. Tinha sotaque português, o que não era de admirar, pois na costa de Santa Catarina, povoada por descendentes de colonos açorianos, muito se fala cantado e “agalegado”. Nas minhas viagens pelo litoral, a cada passo ouvia eu referências ao “vento súli” e nem era o *v* bem explícito; nele havia como que uma transição para o *b*; às vezes qualquer coisa como *bvento*, no gênero daquele som intermédio do *r* e do *l*, que tanto me divertia entre os caipiras de São Paulo ao pronunciarem *arlma*, *carlgueiro*, *senhorl*, ou melhor *nhórl*, etc.

E um ou outro destes praianos, com características atávicas mais fortes, pronunciava *bento súli*. Cantando, raros eram então os que não falavam.

Foi o próprio Barão de Laguna, como já o contei alhures, aliás, quem, escrevendo-me poucas semanas antes de falecer, ao relatar-me quanto sentia a iminência da morte, dizia-me com uma coragem de estóico e a singeleza da alma bem formada que não viveria muito tempo e que como bom *barriga-verde* desejava imenso que eu ocupasse a sua cadeira no Senado do Império.

Correspondeu o eleitorado de Santa Catarina aos desejos dos últimos dias do venerando e ilustre almirante.

Apesar das manobras da Câmara Municipal de Desterro, toda ela liberal, no sentido de deslocar a terceira candidatura conservadora, o meu dedicado amigo Nicolau Malburg, alemão nato, brasileiro naturalizado, negociante em Itajaí, e chefe de merecida e larga influência na zona colonial da província, para dar o terceiro lugar ao Conselheiro João Silveira de Sousa, liberal; apesar de suas manobras, confessou esta junta parcial, apuradora, que eu obtivera, em toda a província, 1.358 votos, cabendo o segundo lugar ao Coronel João Ribeiro da Silva, chefe conservador, prestigioso, do segundo distrito, com 1.235 votos.

A 6 de setembro de 1886 escolhia-me o Sr. D. Pedro II Senador pela província de Santa Catarina. Tinha eu atingido o vértice de minha carreira política parlamentar...

Isto graças aos bons e dedicadíssimos amigos da bela província que me honraram com o seu amparo e simpatia. Nos distritos coloniais

como Itajaí, Blumenau, Joinville, Gaspar, os alemães, quase em peso e com o maior desinteresse, me distinguiram sempre com os seus sufrágios.

Pôde o meu bom Maneca Moreira ver cumprida a sua profecia. Pouco depois, desaparecia do mundo, exatamente quando fazia dois anos de minha escolha pelo Imperador para o Senado! Eis porque, sempre que me recordo daquelas admiráveis paisagens marítimas de Santa Catarina, estas reminiscências tão gratas se me empanam de tristeza. Não posso re-memorá-las sem ver aquela fisionomia leal, aberta, inteligente, animada, desse amigo extraordinário, aqueles olhos fuzilantes que, a 6 de setembro de 1888, para todo o sempre se cerraram....

V

O MORRO DO ANTÃO. PANORAMA ADMIRÁVEL QUE DO SEU CUME SE DESFRUTA.

Há nas vizinhanças do Desterro o “morro do Antão”, eminência bastante elevada, de onde se domina lindo panorama, realmente notável, no conjunto daquelas estupendas belezas que da ilha de Santa Catarina, e suas vizinhanças, fazem uma das mais belas regiões marítimas do mundo.

Apaixonado daquelas suntuosidades naturais que tanto me fizera conhecer a faina da cabala eleitoral, era um dos meus mais vivos desejos subir ao alto daquela eminência, excursão que todos me diziam sobremodo incômoda e cansativa, mas que de sobra devia desforrar-me de todos os sacrifícios por ela exigidos.

Como estivéssemos no verão e os dias corressem quentes, saímos muito cedo, pelas cinco da manhã, trilhando o pitoresco caminho que se dirige à freguesia da Santíssima Trindade, montanhoso, íngreme, pedregoso, cheio de caldeirões e de mato, extraordinariamente maltratado então, desde que tomando a esquerda, deixáramos a um lado a direção da freguesia. No fim de uma hora de marcha, atingíamos pequena esplanada, onde existia uma casinha de sinais semafóricos e de onde se ostenta a mais linda das perspectivas. Na fralda do morro, no primeiro plano, víamos o Desterro, esparsa e extensa cidadezinha, que então teria seus oito a dez mil habitantes, quando muito, obedecendo a um plano irregular imposto pela topografia local, mas muito pitoresco, variado e racional. Na praia extensa, que vai da Figueira a Santa Bárbara e destas às fraldas do morro, há uma

baixada que não podia deixar de ser aproveitada para a edificação da parte principal da cidade, no seio do recôncavo do *Porto* outrora fundeadouro de primeira ordem, dado o pequeno calado dos navios, abrigado, seguro.

O casario do Desterro, espalhado, pouco cerrado, a não ser nos quarteirões contíguos ao Largo do Palácio, era então modesto, mas visto do alto, rodeado da bela vegetação dos quintais, dava graça especial à paisagem.

Voltando-nos um pouco, tínhamos sob os olhos os lindos arrabaldes da capital catarinense, Mato Grosso, Olarias e sobretudo a lindíssima praia de Fora, sobre a baía do Norte, trecho da costa absolutamente encantador que será um dia, quando o Desterro se converter numa grande cidade, uma das mais belas praias brasileiras. É litoral da Bahia do Norte, como se sabe, e termina na base do promontório onde há o *Estreito*, passagem com os seus quatrocentos metros de largo, no ponto mais apertado, que comunica as duas baías entre si, a do Norte e a do Sul, divisando-se logo a ilha dos Ratos à entrada do porto de Desterro, desde que se cruza tal passagem. Na praia de Fora e nas Olarias, já na época havia algumas chácaras bem cuidadas quase sempre pitorescas, como as do Sr. Fernando Hackradt, esta com excelente casa, Gauthier, Ebel, Boaventura Vinhas, dando para a rua de São Sebastião.

É linda a praia de Fora! Como aliás quase todas as praias da ilha de Santa Catharina e as do continente que se lhe defronta. De certo ponto em diante cessava completamente o arruamento, desde as vizinhanças de uma estrada ou caminho que, aliás, chamavam rua de São Marcos.

Caminhando em direção ao Norte passava-se por umas olarias pouco distantes do mar até as vizinhanças de uns curtumes, onde a estrada começava a subir para passar atrás do morro do Sinal em direção à ponta setentrional da ilha.

De cima do morro do Antão, todos estes lindos arrabaldes do Desterro, Mato Grosso, Olarias, praia de Fora tinham encantador aspecto com as suas casas e casinhas brancas, cercadas de vegetação, rodeadas de verdejantes pomares e sebes vivas, pequenos cafezais, poteiros, tudo isto formando o mais agradável contraste de cores.

O porto movimentado pelo número considerável de navios fundeados era do maior pitoresco o contraste entre os vapores já de certo viso e os veleiros, sem contar que numerosas embarcações de pesca se ocupa-

vam na faina que tinham, velejando em diversas direções daqueles mares piscosíssimos.

No segundo plano divisávamos o Estreito que separa as águas das duas baías de Santa Catarina, a grande planície que se acha entre a praia dos Barreiros e a praia Comprida, de areias alvíssimas, arraial do Estreito, a cidade de São José, as pequenas vilas de São Miguel e Biguaçu, as freguesias de Santo Antônio e Ribeirão. E o que àquela paisagem dilatada dava o maior encanto era surgirem ao norte, ao sul, a oeste, em todas as direções, uma infinidade de casinhas brancas, beirando o mar, cercadas pelo verde-escuro dos cafezais e dos laranjais.

E os recortes do litoral? Que rendilhado variado magnífico!

Em todas as direções os sacos e as enseadas, onde o mar esmeraldino se abonçava então; aqui e acolá pontas e pontais interrompendo-as revelando na brancura da espumarada das águas a presença das suas fragas. De vez em quando um riacho soluciona a linha contínua da praia.

Levantava eu os olhos enlevados a contemplar a moldura de tão risonho quadro; para oeste um nunca acabar de imponentes serras e montanhas isoladas. A serra do Tabuleiro, por trás da qual corre o Cubatão, a do Cambirela, mais ao longe a de Boavista, já no caminho de Lajes. Para o sul, os morros em destaque dos Cavalos e de Siriú, as baixadas de Araçatuba e Maçambu, para o norte as serras de São Miguel e da Caieira; mais ao longe a Armação da Piedade, Palmas, Macucos, as serras do Zimbro e Tijucas Grande. Deste ponto a Garopava, de norte a sul, abrangia-se um conjunto duma extensão de suas sessenta milhas! Era como se estivéssemos colocados numa encosta de fundo vale de rio, que este simulavam as águas plácidas do canal, separando a ilha de Santa Catarina da terra firme, pontoadas de ilhotas, a defrontar a outra encosta grandiosa nas suas serras e píncaros. Poucas paisagens se oferecerão no Universo realizando um conjunto como o que se desfruta do ponto de onde a observava eu, tendo ao lado o mais versado dos cicerones, a quem não escapava um único acidente daquelas admiráveis paragens. A todos nomeava um por um, praias, ilhotas, morros, serras, riachos, capelinhas, arraiais.

Voltando-me para leste e a custo despregando os olhos de tão grandioso cenário, outro espetáculo me esperava, bem diverso agora, mas não menos pitoresco, embora menos grandioso, por lhe faltar o fundo

do quadro incomparável que se ergue do lado do oeste. Vêem-se agora as terras da nesga estreita da ilha de Santa Catarina, a freguesia da Trindade, as três pontes, o Saco dos Limões, o Saco Grande, Pirajubaé, Itacurubi, o morro da Cruz e ao longe o Atlântico, muito azul, intensamente azul, espumante, a arrebentar de encontro aos penhascos e à orla das praias do rio Tavares e da Armação.

Quantas belezas reunidas ali! Daquela plataforma tínhamos, sob os olhos, uma das maiores demonstrações da prodigalidade com que o Criador adornara aquela região edênica, que é o litoral catarinense e onde a mancheias...

VI

A PROPÓSITO DA CAMPANHA ELEITORAL DE 1884

OUTUBRO DE 1890

Carta de pêsames à viúva Trompowsky, do Desterro. Pobre Júlio Melchior! Com que alegria viajamos em novembro de 1884. Muito me ri com o episódio da chegada ao Itapocu, a casa do Lopezinho. O Lídio Livramento bufou! Como de costume o Moreira enfarruscou-se. Só o José Feliciano tratou do seu aconchegozinho. Todos os quatro hoje debaixo da terra! Quantos acontecimentos se desdobraram nestes seis anos supervenientes!

Creio que foi no Itapocu que escrevi o começo dos versos em que pretendia decantar a campanha eleitoral desse ano de 1884, que eu supunha, como todos supunham, ganha por mais de 100 votos, quando ela, entretanto, terminou pela vitória do Schutel, devido à defecção do Agostinho Flores no Colégio do Gaspar (Itajaí). Se não me falha a memória, perdi por 18 ou 20 votos. Acabo de achar a seguinte nota, que aqui deixo transcrita:

Eleições de 1881 e 1884				
	<i>Taunay</i>	<i>Pitanga</i>	<i>Taunay</i>	<i>Schutel</i>
<i>Capital</i>	154	176	140	190
<i>Trindade</i>	16	15	16	17
<i>Lagoa</i>	16	14	12	18
A transportar	186	205	168	225

Eleições de 1881 e 1884				
	<i>Taunay</i>	<i>Pitanga</i>	<i>Taunay</i>	<i>Schutel</i>
Transporte	186	205	168	225
<i>Canavieiras</i>	17	5	10	12
<i>Ribeirão</i>	9	15	14	13
<i>Santo Antônio</i>	10	16	14	22
<i>Rio Vermelho</i>	11	7	8	6
<i>S. João Batista</i>	14	15	13	19
<i>Porto Belo</i>	15	20	21	24
<i>Tijucas</i>	52	48	54	48
<i>Camboriú</i>	17	30	31	16
<i>Itajaí</i>	53	34	54	35
<i>Penha</i>	21	9	21	13
<i>Blumenau</i>	10	6	16	7
<i>Brusque</i>	5	7	7	10
<i>Barra Velha</i>	6	30	19	26
<i>Parati</i>	40	19	29	22
<i>São Francisco</i>	39	44	34	53
<i>Saí</i>	5	4	6	7
<i>Gaspar</i>	25	5	17	15
<i>Joinville</i>	71	37	90	48
<i>São Miguel</i>	42	71	40	66
Totais.	648	627	666	687

Que dias terríveis 1º e 2 de dezembro de 1884! Que dias penosos, longos, intermináveis até que pude embarcar para o Rio no vapor *Rio Grande* a 7 daquele mês!

Em Paranaguá embarcou triunfante o Manuel Eufrásio. Com ele vinha o Tadeu, que nos fez bem boa companhia.

Em Santos li com legítimo prazer o belo e generoso trecho de crônica que Ferreira de Araújo consagrou à minha derrota.

Lembro-me bem! Eis os versos a que aludi e que deixo aqui transcritos como mera curiosidade e reminiscência dos tempos alegres que não voltam mais nunca, jamais, nunca, jamais:

De célebre campanha eleitoral
Que no ano da graça oitenta e quatro
Em reboliço pôs o povo todo
Do belo litoral catarinense
Eu canto as peripécias e façanhas
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Do José Brito eu canto a macieza,
O *savoir faire*, a elegância inata.
Do Lídio Livramento o comodismo,
Do Trompowsky a contínua distração
Os olhos azulados do Hackradt
Do Moreira a suprema direção.

Esforçados heróis por toda a parte
Ou de dia, ou de noite, a toda hora
Molhados pelas chuvas como pintos
Ou sofrendo sem queixas ardentes sóis
Valentes cabalavam o eleitorado
Com penas de pavão⁴³ armados todos.

Oh! Quanta valentia demonstraram
Debaixo dessa ação estimulante!
Batalhavam, conquistavam, derrotavam
E, cumprindo o dever que a pátria impõe,
Com seus roncos medonhos abalavam
As casas em que iam se hospedar.

⁴³ Alusão a uma anedota que circulava na Câmara dos Deputados e em que figurara o Ratisbona.

Que valente apetite! Quantos brindes!
Quanta historia engraçada, que pilhérias!
Ao Taunay respondia o José Brito
E no Itapocu, qual tigre ingente
Urrava sem cessar o João Sami.
Aterrando o Mingote em sua toca!

Qual vítima pacata e inocente,
Com tímidos gemidos abafados
O Lídio Livramento se queixava
Dos trancos e pinotes do cavalo
E zeloso lavava com cachaça
As carnes anafadas e moídas.

Alegrias, porém, soube fruir
Ao perceber do Júlio as ovações
Foguetes, flores, vivas e discursos
Pão-de-ló, bolachinhas e mães-bentas
Com que o esperavam em Barra Velha
O Trompowsky e mais manifestantes.

O Taunay candidato d'alta popa
La à frente de todos, sempre ovante
E fazendo valer a imigração
Meetingando nos matos e choupanas,
Tomava para si os bons cavalos
E comia por três ou mais ainda⁴⁴.

44 Encontro num dos diários íntimos de meu pai, no caderno que lhe serviu para apontamentos de 28 de setembro de 1890 a 29 de fevereiro de 1892 as linhas transcritas neste capítulo que formam como o complemento do que pouco atrás viu o leitor ao se lhe deparar a referência a um poemeto heróico-cômico não terminado. (A. de E.T.)

AS CALDAS DA IMPERATRIZ
ÁGUAS TERMAIS
DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

.....

As caldas da Imperatriz

Q

I

UANDO presidente da província de Santa Catarina, desejoso de conhecer as riquezas naturais e particularidades mais curiosas daquela interessante parte do Império, empreende, em princípios de agosto do ano de 1876, uma série de excursões, das quais se estendeu a primeira até aos pontos de Santa Isabel e Teresópolis e à colônia nacional Angelina, passando também pelo lugar chamado Caldas da Imperatriz, onde existe um estabelecimento balneário que, durante algum tempo, gozou de tal ou qual reputação terapêutica, quer na província, quer fora dela.

Saindo, pois, da cidade do Desterro na manhã de 3 de agosto, transpusemos, eu e vários amigos que obsequiosamente me acompanhavam, o estreito que separa a ilha do continente e tomando do outro lado descansadas cavalgadas, chegamos, com légua e quarto de bom caminho, quase todo ao longo da costa, à cidade de São José, cujo arrabalde mais importante é denominado Praia Comprida, e se dilata por quase meia légua em terreno arenoso que denuncia a imediata proximidade do mar.

Cercada em distância de elevadas montanhas, dentre as quais se avanta a Cambirela, e dominando uma enseada larga, mas de pouca profundidade, é a situação da cidade bastante pitoresca pelo vasto e desassombrado horizonte que descortina, ficando fronteira à Barra do Sul, isto

é, ao augusto canal formado pela ponta dos Náufragos, mais meridional da ilha de Santa Catarina, e a terra firme.

Desta disposição resulta ser em extremo açoitada dos rijos ventos daquele quadrante, os quais, encanando-se entre as serras que se erguem de ambos os lados, quer na ilha, quer defronte, ali sopram quase constantemente, inconveniente partilhado aliás pela cidade do Desterro que ainda mais sofre os embates do nordeste, menos violento, sem dúvida, mas também muito menos saudável.

Como no geral de todos os pontos da província, com exceção da ilha em que há poucos mananciais de boa qualidade, são as águas de São José puras e gratas ao paladar. Delas fiz com vagar alguns ensaios, encontrando diminutíssima porção de calcário.

A matriz, embora falta de arquitetura, é regular e tem boas proporções. Há poucas casas de sobrado, mas o aspecto da cidade é aseado e não denota a incúria e pobreza que em outras localidades nossas contrista o coração do viajante. Pareceu-me a população em extremo amável e hospitaleira.

De São José a Palhoça, local que se vai rapidamente povoando, há uma légua escassa de bom e enxuto caminho. Pouco antes do povoado, alteia-se um aterro de não pequena extensão, que atravessa um pantanal mais ou menos alagado conforme o volume das marés; obra feita por ocasião da viagem do Imperador às Caldas e por iniciativa do Coronel Gaspar Neves, que, reunindo povo e dando-lhe sustento, conseguiu tornar transitável o que antes era de péssima e quase impossível viação. Ficou, pois, esse vestígio proveitoso da viagem imperial.

Da Palhoça começa a estrada chamada do Cubatão e que é o trecho mais tolerável de Lajes.

Entretanto, mal caíam algumas chuvas, cessando por poucos dias a ação benéfica do sol, que, na frase espirituosa e verdadeira do povo, é o melhor engenheiro dos caminhos do Brasil, oferece essa mesma porção importantes tropeços ao trânsito. Pontes caídas, extensos atoleiros, rios caudalosos e transbordados constituem graves embaraços, que com pouco se transformam em perigos reais para a vida do viajante.

Entretanto, com a reparação e mais ainda a conservação dessa estrada, tão útil ao litoral e à cidade do Desterro, desempenharia o governo

geral, na carência absoluta dos meios pecuniários do tesouro provincial, dever de caridade, dando ao mesmo tempo algum remédio à injustiça clamorosa que em 1869 praticou sem o menor escrúpulo nem consideração a compromissos sérios que ficaram postergados e para sempre esquecidos.

Por essa estrada, com efeito, é que transitam os moradores dos núcleos de Teresópolis e Santa Isabel, emancipados naquele citado ano, do modo mais precipitado e inopinado, com evidente menos preço da fé prometida aos colonos ali localizados e que subitamente se viram privados do imprescindível amparo com que deviam contar.

Depois de curto, mas doloroso período de desânimo e vacilações, cobrou essa desprotegida gente coragem; abandonou quase todas as péssimas terras em que havia sido colocada; internou-se pelos férteis vales do Capivari e do Cedro, trabalhou com afinco e resolução e, sujeitando-se aos extraordinários incômodos da viação que existe para levar os frutos da sua atividade ao mercado da capital, conseguiu, depois de muitos esforços, organizar hoje um sistema de vida árduo sempre, mas independente de qualquer tutela.

Quanta perseverança, quanta força de vontade, quanta energia não lhe custou, porém, esse resultado?!

Causa dó e admiração ver por esses caminhos mal traçados, atirados por sobre o dorso de altaneiros morros, resvalosos e peçados de pedras, ver aqueles alemães, homens e mulheres, uns carregando aos ombros e às costas pesados fardos, outros tangendo cargueiros, a fazerem periódicas viagens para levarem aos consumidores leite, manteiga fresca, queijos, banha e hortaliça com que, às terças e sextas-feiras de cada semana, abastecem a cidade do Desterro.

Quando se despende tanto dinheiro com colônias que já poderiam no seu todo ou em parte viver sobre si, quando se desperdiçam somas enormes por erros palmares de administração, não era muito buscar ajudar com pequenas quantias aquela população, que vê frustradas todas as esperanças fagueiras com que se embalava, mas que hoje resignada só pede um caminho suportável para poder dar saída aos produtos de seu constante e penoso lidar.

A este respeito fiz oficialmente reiteradas reclamações, mas nada se conseguiu, pelo menos enquanto lá estive; nem sequer autorização para

mandar construir uma ponte, do valor de três a quatro contos de réis, sobre o rio dos Porcos, e que é indispensável, para comunicar com mais segurança o vale do Capivari ao de Teresópolis, pois a violência das águas, em leito inçado de grandes pedras, tem já arrebatado a vida a mulheres e crianças que o quiseram transpor em ocasião de cheias.

Debalde também muito instei por minguido auxílio a bem da ereção de um templo católico em Santa Isabel, ficando, pois, sem efeito a quase certeza que eu dera àqueles habitantes do bom êxito de tão justo pedido.

Por essa estrada do Cubatão é que se vai da Palhoça a Santo Amaro, freguesia de pouca importância, sita a umas duas e meia léguas. O terreno é bastante acidentado, constituído das lombas da primeira e mais baixa cadeia de montanhas que corta a estrada de Lajes, formando como que o mais avançado contraforte do grande planalto da região central.

Uma observação que fiz desde o começo da digressão, e daí por diante vi confirmada em muitos pontos da província, é que os morros mais elevados têm a forma predominante e característica de um triângulo isósceles, cujos lados são perfeita e regularmente marcados, disposição que se torna, ao cair da tarde, ainda mais saliente, pois, com a suavidade da luz crepuscular, ressaltam como traços firmes ruas em retas sobre o fundo esbatido e vaporoso dos céus.

Saindo de Santo Amaro às três horas da tarde, daí a meia légua atravessamos o rio Cubatão, cujas águas são límpidas e puras, e começamos a galgar terreno montuoso e coberto de vegetação, um tanto alto e de aspecto agradável, mas todo ele evidentemente pouco produtivo. De lado e doutro da estrada vêem-se aqui e ali, quase comumente no alto de outeirozinhos, míseras choupanas, abertas às intempéries e rodeadas de raquílicas plantações de milho e feijão, que só podem contentar as necessidades de quem vive entregue à ação letal da índole e da apatia.

O clima é, contudo, em extremo saudável, do que dão prova evidente as cores e robustez das crianças, embora sujeitas à péssima e parca alimentação que naturalmente lhes é proporcionada pela fleumática indiferença dos pais.

Vê logo o observador que ainda não entrou na zona povoada por gente européia ou próxima a ela, e portanto influenciada por benéfico estí-

mulo. Sem dúvida alguma na colonização é que está a nossa grande escola do trabalho, em que se perderão as péssimas tradições de ócio e inércia que tanto nos têm prejudicado. Misturem-se nacionais com colonos estrangeiros; entreguem-se-lhes terras e lotes medidos e o exemplo, o amor-próprio, o desejo de também progredir produzirão inesperados resultados, como se verifica já em Blumenau, Angelina e Joinvile.

Com o crepúsculo a se fundir em noite, e depois de transpormos o ribeirão das Águas Claras, que corre junto do estabelecimento de banhos, lá chegamos, com légua e pouco a contar de Santo Amaro.

O vale das Caldas da Imperatriz é apertadíssimo e todo cercado de umbrosas montanhas, menos do lado de SSO, onde se abre uma como que garganta, pela qual é a entrada.

Consiste o estabelecimento em uma casa de proporções algum tanto vastas e de bastante comodidade para os visitantes. Colocada na direção de ENE a OSO, tem de comprimento total na frente 31m39, dos quais 3m80 pertencem a um saguão à esquerda, de largura de 12m69. Internamente é dividida por um corredor central, no qual abrem doze aposentos espaçosos, cada qual com uma janela, destinados a hóspedes e doentes, e que vai findar numa sala de jantar de dimensões correspondentes às do saguão da sala oposta.

Dos compartimentos balneários e de uma cozinha que se liga por uma passagem coberta de telha e de chão cimentado, constam as dependências. Seis são os quartos de banho, sendo o do fundo reservado para os morféuticos, munidos todos de ótimas banheiras de mármore branco de 1m79 de comprimento sobre 0,70 de largo e 0,58 de profundidade, e que recebem a água quente vinda do reservatório comum em canos de chumbo. As grandes e sólidas torneiras de cobre que as enchem mostram perfeita conservação.

Esta parte do edifício, a mais importante sem dúvida, é que se acha bastante estragada, tendo sido em janeiro de 1874 danificada, de modo grave, por uma grande enchente do ribeirão das Águas Claras, que corre a poucos passos de distância.

A corrente, transbordando e carregando enorme madeiro que fez vezes de formidável aríete, derrubou paredes, arrancou portas e divisões e destruiu quase completamente o que havia sido arranjado para maior benefício dos enfermos que procuram o uso daquelas águas.

Hoje o que existe é simples tapume de tábuas de pinho que deixa por largos interstícios circular livremente o ar exterior, de modo que deve ser verdadeiramente perigoso tomar banho desses na temperatura de 40°, sujeitando-se quem nela entra ao risco, principalmente em más condições de saúde, de receber repentinamente uma corrente de ar frio, depois de ter por tal forma aquecido o corpo. Foi na realidade o que se deu com diversas pessoas da minha comitiva, que indo, imprudentemente, banhar-se, acharam-se, logo ao saírem d'água, indispostas e indeflexadas, o menos que neste caso lhes podia ter acontecido.

Proporcionou-nos isto um episódio cômico que, por não ter tido conseqüências de maior gravidade, foi motivo de boas gargalhadas durante a viagem toda. Um dos companheiros, deleitando-se com a cálida temperatura da água, deixou-se ficar numa banheira perto de uma hora. Quando se decidiu a sair, circulava já o ar frio da noite, de modo que recebendo em cheio no peito um golfão, sentiu-se subitamente resfriado, com a respiração opressa, a pele seca, a cabeça em fogo; teve uma síncope e só se pôde vestir com o auxílio de quem o foi ajudar em tão apertada conjuntura. O susto que se apoderou do seu espírito dava-lhe um tipo tão extraordinário e estrambótico, que quase impossível era encará-lo sem ter vontade de rir, principalmente depois que o embrulharam em quantos *cache-nez*, manta e capote havia disponível. Bebeu com sofreguidão xícaras de chá umas após outras, e quanto mais bebia, mais pedia, até que, afinal, caindo em abundante transpiração, sentiu-se aliviado e foi, ainda com dois sobretudos e *cache-nez* e no meio de gostosas risadas, às quais de boamente se associava então, tomar também parte na refeição que a todos nós reunira pressurosos em torno da mesa de jantar.

II

As águas que alimentam os banheiros são intituladas do sul, por existir outra fonte também termal daí a légua e meia, ao norte, e perto de um afluente do rio Cubatão. Surdem no chão, por trás do edifício, e no meio de um reservatório de pedra e cal que as distribui, por meio de canos de chumbo aos diferentes aposentos balneários, formando o excedente um regato abundante que daí a sessenta passos se perde no próximo ribeirão,

em cujas margens notei lagrimais em geral cheios de limo e com calor proximamente igual ao do reservatório.

Observei que o agrião cresce com viço nesse regato cálido, no qual, contudo, não cai um animalzinho sem que quase imediatamente morra escaldado, fato que em São Paulo, no lugar chamado *Águas Quentes*, eu já notara, e não sei se vem indicado em ciência.

O grau de temperatura da água no reservatório é, como já disse, de 40°C. Na tarde do dia 3 de agosto de 1876, sendo o ar ambiente 20°, apenas mergulhei o termômetro, subiu o mercúrio a 40° e parou. Na manhã seguinte, às seis horas, novamente marcou 40°, sendo então a temperatura atmosférica de quase 14°.

A uma consideração bastante interessante presta-se esta observação.

Em junho de 1883, o Exm^o Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim, achando-se nas Caldas da Imperatriz, procedeu a esse mesmo exame e achou o grau 40°C para a temperatura das águas, o que quer dizer que no intervalo de quarenta e três anos elas não sofreram diminuição alguma de seu poder térmico.

Que virtudes, porém, poderão ter? Podendo só uma análise qualitativa e quantitativa cuidadosa dar resposta cabal à pergunta, cuidei logo de mandar encher alguns garraões, que foram remetidos ao Sr. Ministro do Império para o detido estudo dos profissionais.

Ali mesmo procedi aos ligeiros exames que estava em condições de fazer, verificando que dissolvem com facilidade o sabão, cozinham bem legumes e tornam-se perfeitamente potáveis depois de frias, sem sabor nenhum particular, parecendo somente um tanto pesadas.

O Dr. Martins Jobim, depois de declarar que nessas águas não encontrara substância alguma mineral de grande atividade terapêutica, acrescenta:

“Nunca diremos, porém, que sejam destituídas de utilidade, não só pelo que ouvimos contar de suas virtudes, como porque é possível que contenham princípios preciosos, embora inapreciáveis por meio dos reagentes químicos. Nós sabemos que muitas águas termais, parecendo idênticas ao químico, são, contudo, muito diferentes pelas suas virtudes, e que aquelas em que tem sido possível determinar os princípios existentes e suas

proporções nunca podem ser exatamente imitadas pela arte, o que prova que nelas existem muitas vezes substâncias que se tornam sumamente vantajosas na sua aplicação na Medicina, e que não podem ser conhecidas.”

Não me deu resultado algum notável a perfunctória análise que fiz das águas das Caldas. Não se turvam com o clorureto de ouro, o que indica que não contêm quantidade sensível de matérias orgânicas; não alteram a cor das tintas de turnessol, cúrcuma e campeche; com o nitrato de prata ficam enevoadas e um pouquinho azuladas, depositando com umas gotas de amoníaco um precipitado esbranquiçado e flocoso que se desfaz inteiramente; com o acetato de chumbo dão um depósito branco que desaparece com umas gotas de ácido nítrico.

A água de cal, ácido oxálico, amoníaco e sulfidrato de amônia não as perturbam. Com o ácido sulfúrico desenvolvem, segundo o Dr. Jobim, ligeira efervescência, vapores brancos e cheios de cloro, mas, apesar de algum cuidado, não vi essa reação.

Reunidas todas estas circunstâncias, pareceria que tais águas fossem simplesmente termais e sem importância médica se não tivessem cunho de exatidão as palavras acima referidas do Dr. Jobim.

Apesar de toda a cautela empregada, é a análise das águas mineiras delicadíssima e, como mostram Mérat e Delers, há sempre diferença entre os resultados da investigação do gabinete científico e a verdade da natureza.

Debaixo do ponto de vista terapêutico, só depois de longa série de meticolosas observações é que os químicos em muitas delas poderão reconhecer a presença não só de substâncias orgânicas como a baregina, matérias extrato-resinosas e até plantas microscópicas, mas também de elementos minerais de natureza muito especiais como iodo, bromo, irídio, céσιο e outros elementos raros.

Cumpr-me dizer que o engenheiro Dr. Pereira do Lago, que comigo foi às Caldas, falava com insistência na impressão peculiar e como que de resina que recebia ao mergulhar a mão no reservatório.

Resta-me ponderar ainda nesta parte de caráter mais ou menos científico que as banheiras de mármore colocadas no estabelecimento em 1847, isto é, há vinte e nove anos, não apresentam o menor sinal de terem sido corroídas por substância alguma de ação constante.

III

As Caldas da Imperatriz tiveram já em outros tempos bastante reputação. Muitas pessoas atacadas de reumatismos, moléstias de pele e até morféia acudiam a experimentar os seus benéficos efeitos, mas pouco a pouco foi lavrando a descrença, e hoje o hospital jaz quase abandonado de enfermos.

Anualmente aparece nos *Relatórios* dos presidentes da província um mapa do movimento, no qual figuram sempre de trinta a quarenta doentes, dos quais uns quinze enchem a casa dos curados e doze são declarados quase restabelecidos; mas, pedindo eu os livros de frequência do estabelecimento, reconheci o nenhum cuidado que havia nos lançamentos, as imensas lacunas e o completo descuido que de longa data presidiram esses rudimentares trabalhos de estatística.

Por um livrinho de notas que parecia de uso particular do administrador, verifiquei que os doentes do ano anterior, quase todos atacados de reumatismo, haviam tomado um único banho, e se retirado, declarando-se bons e melhorados, ou então poucos dias se haviam demorado sem modificação sensível em seu estado mórbido.

No ano de 1875 viera do Rio de Janeiro uma família a fim de experimentar o efeito dessas águas; estivera meses seguidos, mas saíra da localidade sem que os enfermos que haviam trazido experimentassem benefícios de vulto em seus sofrimentos.

Citarei textualmente algumas indicações curiosas que achei no caderno de apontamentos do administrador:

“Antônio Bento de Camargo entrou a 27 de janeiro de 1876 sofrendo de reumatismo agudo; retirou-se no dia seguinte com muito proveito.

“Domingos de Sousa Pereira e Tomé Machado Coelho entraram a 7 de março sofrendo de reumatismo; saíram a 18 do mesmo mês completamente bons.

“Manuel Adolfo Pereira entrou no dia 13; saiu a 17 com muitas melhoras.

“Manuel Jacinto Pereira entrou a 1º de maio; saiu a 2 com muitas melhoras.

“Mariano Alexandre Pinto entrou a 5 e saiu a 10, restabelecido.

“Anselmo Antônio Tavares entrou a 14 e saiu a 15 com sensíveis melhoras.

“D. Leonor Maria do Carmo entrou a 19 e saiu a 20 quase boa.”

E assim por diante.

Será possível que o reumatismo, moléstia de sua natureza tenaz, possa experimentar quase repentina modificação em consequência de um único banho nas Caldas da Imperatriz?

É lícito duvidar.

Curto e sem significação é o histórico do hospital das Caldas da Imperatriz.

Por Lei Provincial nº 16, de 12 de maio de 1835, foi a Câmara Municipal de São José, em cuja órbita administrativa se achava a localidade, autorizada a mandar construir, quer nas caldas do sul, quer nas do norte, um estabelecimento com doze quartos para agasalho de enfermos, mas, ficando sem execução esse ato, em dias de março de 1842, a presidência da província fez levantar o edifício que atualmente existe e que, sucessivamente aumentado e reparado, veio a importar em perto de 50:000\$, soma que sobe a muito mais com as necessidades da manutenção, calculadas anualmente em 1:140\$000.

Tendo em consideração que para os minguados cofres provinciais já avultavam as despesas, sendo ainda mais urgentes reparações orçadas em 4:000\$, sem que daí proviesse compensação devidamente provada, ponderei ao governo imperial que, de conformidade com Aviso Circular de 5 de novembro de 1874, devia o hospital ser transferido para a administração geral, o que na realidade foi aprovado por Aviso de 21 de dezembro do ano de 1876, ficando, pois, desde essa data, eliminada do modesto orçamento da província de Santa Catarina aquela fonte de dispêndio verdadeiramente improfícuo pelo modo por que continuava a ser feito.

IV

Chegamos agora ao ponto mais importante desta perfunctória notícia. É a publicação da análise das águas das Caldas a que procedeu no

laboratório químico do bem conhecido professor Guignet, o respectivo preparador, Dr. Augusto Carlos da Silva Teles, um dos mais distintos e esperançosos representantes da geração que começa a aparecer. Ei-la:

Tratada pelos reativos ordinários, apresenta a água das Caldas os seguintes caracteres:

- Pelo *cloreto de bário*, nenhuma reação.
- Pelo *azotato de prata*, leve reação sem formação do precipitado sensível.
- Pela mistura de *amoníaco e cloreto de cálcio*, nenhum precipitado.

O que denota que a água contém pequena quantidade de cloro no estado de cloretos e é isenta de sulfatos e carbonatos.

Seguindo o método do frasco para a determinação da densidade, encontra-se:

	gramas
Peso do frasco vazio	12,289
Peso do frasco com água termal	72,780
Peso do frasco com água destilada	72,585

Ou antes em volumes iguais e a 27°C, e na pressão de 762^m/_m.

	gramas
Água termal	60,491
Água destilada	60,296

Densidade =	60,491	= 1,0032
	60,296	

Evaporando-se a seco um litro de água e recolhendo o resíduo numa cápsula de platina, acha-se:

Peso da cápsula vazia	13,686
Peso da cápsula e resíduo	13,774
Peso do resíduo	0,088

Tratado por *ácido clorídrico*, não se manifestou efervescência alguma, o que mostra ainda não haver carbonatos.

O ácido um pouco diluído dissolveu uma parte do resíduo formada por alguns sais solúveis, deixando um depósito branco insolúvel, apresentando todos os caracteres da *sílica*.

Separada por filtração a sílica pelo amoníaco, obtém-se um precipitado pouco abundante de *alumina* e *óxido de ferro*.

Pela evaporação a seco e calcinação do resíduo, acha-se por diferença, em um litro de água, 0,008 gramas de *matérias orgânicas*.

A proporção dos gases dissolvidos na água por litro é de 27°C e na pressão de 762^m/_m a seguinte:

Gás carbônico	2 , 89
Gás oxigênio	6 , 01
Gás azoto e talvez outros	13 , 88
Total	22 , 88

Tais são os resultados científicos a que chegou o inteligente e estudioso químico.

NOTAS

.....

A

O Dr. Manuel Eufrásio Correia

Nascido a 16 de agosto de 1839 na cidade de Paranaguá, província do Paraná, naquela época ainda simples comarca de Paranaguá e Curitiba sujeita à jurisdição administrativa de São Paulo, recebeu Manuel Eufrásio dos seus extremosos pais o Tenente-Coronel Manuel Francisco Correia e D. Maria de Assunção Correia educação primária bastante cuidada. Depois de terminar, em 1857, o curso de Humanidades, foi para São Paulo, onde se formou na Faculdade de Direito com 23 anos de idade, deixando na Academia reputação de distinto estudante, valente e leal companheiro, pronto para todas as empresas e apaixonado adepto das lides políticas. Ao voltar ao Paraná, casou-se com D. Maria Ermelina Correia Pereira, sua parenta próxima, e logo se atirou com ardor aos azares e embates das lutas partidárias, em que conquistou, sem contestação de ninguém, já pela decisão de planos e energia de execução, já pelas perseguições de que se tornou alvo, lugar saliente entre os correligionários, tomando em breve a direção contestada de toda a família conservadora na província. Nomeado, em 1871, chefe de polícia de Santa Catarina, por pouco tempo exerceu esse elevado cargo, que lhe valeu fundas simpatias, ainda hoje vivazes, e regressou ao Paraná para pleitear a cadeira de deputado geral, a qual logrou alcançar depois de grandes esforços em fins de 1872, conseguindo igualmente a reeleição nos comícios de dezembro de 1876. Dissolvida, em começos de 1878, a Câmara temporária por ocasião da queda da situação conservadora, fez-se, sem demora, de partida, a província, a que prestara, como seu representante, relevantes serviços e, tomando atitude de combate, dedicou-se desde então de corpo e alma à defesa dos interesses do partido decaído, sustentando com a maior coragem e sem um momento de desfalecimento, dia por dia, hora por hora, a terrível e esterilizadora batalha da política provinciana. Daí lhe provieram imensas dedicações, mas também pungentes dissabores e acerbos desgostos, além de gastos superiores às forças da sua fortuna particular. A decretação da lei de eleição direta, a 9 de janeiro de 1881, infundiu-lhe grandes esperanças e estimulou

de modo extraordinário a sua atividade; mas, contra todas as previsões e cálculos, viu-se derrotado perante as urnas, e essa foi – por vezes assim me asseverou – uma das mais angustiosas peripécias da sua agitada existência. Longe, porém, de desanimar, redobrou de empenho e, na segunda prova daquele processo eleitoral, em 1884, obteve a mais brilhante vitória, voltando a ocupar, em oposição ao governo liberal, o seu lugar no Parlamento. Reeleito em 1886, apoiou com a maior dedicação o gabinete Cotegipe, do qual mereceu, em fins de 1887, altíssima prova de confiança na nomeação de presidente da província de Pernambuco. Seguiu rumo da morte, que, com efeito ali o colheu, aos 49 anos incompletos, após curta, mas brilhantíssima administração, em que patenteou os mais peregrinos dotes de lealdade e firmeza de vistas e granjeou aplausos não só dos homens sinceros e imparciais, mas de todos os partidos políticos.

De constituição atlética e compleição sangüínea, foi a 4 de fevereiro de 1888 que se deu essa lamentável ocorrência, devida a um acesso erisipelatoso, achaque de que sofria e que por vezes pusera a sua vida em perigo, depois de uma queda de carro em tempos de cabala eleitoral e na maior efervescência do pleito de 1884. O mal complicou-se em Pernambuco de febre palustre e por fim de gangrena contra a qual foram impotentes os recursos da ciência médica, que tudo empenhou para salvá-lo. Fatal coincidência! Simultaneamente, e da mesma enfermidade fora atacada a adorada esposa, D. Alice Guimarães Correia, sua segunda mulher, com quem casara em 1877, de modo que ao agonizante lutador faltaram os derradeiros carinhos e o conforto, que só podem ser ministrados pela presença e pelo amor dos entes que mais estremecemos.

Dotado de proeminentes qualidades tribunícias, que os seus mais decididos antagonistas não lhe podiam contestar, e usando sempre da palavra com fogo e notável dutilidade, no espontâneo ímpeto de quem nascera orador, deixou Manuel Eufrásio Correia inscritos nos jornais do seu partido, durante anos e anos, os sinais da sua imensa atividade literária, no campo da política. Em separado e formando folhetos, há dele dois opúsculos bastante apreciáveis; um, publicado em 1882 e que se intitula *Justificação da administração conservadora*, convincente e animada defesa dos atos dos presidentes daquela feição e, ao mesmo tempo, interessantíssimo repositório de valiosas informações sobre fatos e coisas do Paraná;

outro, de 71 páginas, dedicado à sustentação do *Casamento Civil*, medida social, cuja conveniência sempre apregoara calorosamente, discutindo o assunto com argumentos de incontestável peso e grande proficiência jurídica. Há ali páginas da maior concisão e que sempre serão lidas com proveito e aplauso.

Resumindo tudo quanto se possa dizer do seu caráter, índole, nobreza de intuítos e sinceridade de sentimentos, com eloquência escreveu um dos seus bons amigos, o Dr. G. Rebelo, as seguintes e comoventes palavras: “Dominava-o sobretudo o amor da pátria. O meu Paraná, exclamava com desvanecimento. O seu Paraná era uma região paradisíaca; os seus amigos impecáveis, os seus mesmos adversários, leais na luta e generosos, quando vencedores. Ao ouvi-lo, tinha-se desejo de buscar refúgio nesse Éden, inacessível às más paixões! Sublime amor da pátria, quantos te hão sentido tão intenso, tão acendrado!”

B

O engenheiro Monteiro Tourinho

Como a província do Paraná deve reais e importantes serviços a esse servidor do Estado, não podemos deixar de mencionar aqui os escasos traços biográficos que a seu respeito coligimos. O Capitão do Estado-Maior de 1ª Classe, Francisco Antônio Monteiro Tourinho, nasceu a 9 de dezembro de 1883 e assentou praça no Exército a 30 de março de 1857 e recebendo confirmação do posto de alferes a 31 de março de 1860. Tenente a 2 de dezembro de 1861, teve acesso ao posto de capitão a 22 de janeiro de 1866, em cuja graduação veio a falecer no dia 22 de maio de 1885, com pouco menos de 30 anos no serviço das armas. Nomeado, depois de comissões de menos vulto, encarregado das obras militares da província do Paraná a 16 de outubro de 1880, ali esteve até 9 de maio de 1882, sendo posteriormente nomeado a 17 de dezembro de 1883 para inspecionar as colônias militares daquela província e recolhendo-se à Corte, por ordem datada de 3 de novembro de 1884. Reenviado a 30 de abril de 1885 ao Paraná, para ficar à disposição da Presidência, ali faleceu a 22 de maio, conforme já deixamos dito.

É o seu nome ainda hoje popular em toda a província, tendo ficado assinalado em várias obras de importância, das quais a de mais vulto é a bela ponte sobre o rio dos Papagaios, nos Campos Gerais. Na estrada chamada de Mato Grosso e sobretudo na da Graciosa, dispensando-lhe Manuel Eufrásio Correia, no seu interessantíssimo opúsculo *Bosquejo Histórico*, elevados e merecidos elogios. Essa estrada da Graciosa custou aos cofres públicos 823:320\$864 e aos provinciais 842:466\$053 ou ao todo 1.665:786\$917, ao passo que fora avaliada a sua construção, na média dos orçamentos apresentados por muitos engenheiros, em 250 contos de réis! Fazendo justiça ao muito que deixou no Paraná o engenheiro Monteiro Tourinho, indicaremos, por espírito de imparcialidade, como vinda dele, a péssima prática de se atirar, a título da *mac-adam*, pedras simplesmente britadas no leito das estradas, para que sejam trituradas e acalmadas pelo trânsito das carroças, sem preparo do leito, nela outros cuidados prévios.

C

O rio Ivaí

É o Ivaí o rio mais falado da província. O engenheiro Antônio Rebouças dele deu poética descrição. Com evidente exagero, diz o Sr. Sebastião Paraná: “Suas águas precipitam-se ora rápidas, ora menos aceleradas, por um estirado leito de mármore que contém preciosidades, etc.” Dizem que, incluindo o rio dos Patos, cujas nascentes jazem na serra da Esperança, tem percurso de 130 léguas, com fundo variável de 30 palmos a 600 metros. Na barra, a largura é de 300 metros. A freguesia de Teresina sita a 90 léguas e meia acima da foz, e fundada pelo infeliz Dr. Faivre, um dos visionários do Ivaí, tem ultimamente progredido algum tanto. O mais importante confluente do Ivaí é o Corumbataí, que despeja à margem esquerda.

No relatório do Dr. André Augusto de Pádua Fleury, de 1865, encontramos algumas indicações curiosas. Incumbidos os engenheiros José e Francisco Keller da sua exploração, despacharam, antes de estudá-lo, por sua vez, Gustavo Rumbelsberg, que o viajou de 28 de setembro a 21 de dezembro de 1864. Segundo informou, tem o rio 76 léguas e 200 braças até confluir no Paraná; destas, 38 léguas e 2.450 braças de Teresina às ruínas da Vila Rica do Espírito Santo e daí 37 léguas e 750 braças.

Verificada a profundidade em muitos pontos, e destruído o salto das Bananeiras, pode contar a província do Paraná com 37,5 léguas navegáveis a vapores de seis palmos de calado.

D

O rio Iguaçu

Nasce o rio Iguaçu, segundo Aires do Casal, perto de Curitiba, sendo a sua principal cabeceira o riacho de São José. Conhecido, a princípio, pelo nome já esquecido de rio de Curitiba, é um dos seus primeiros e mais importantes afluentes o rio Negro, o qual vem da serra do Mar, no município de São Francisco, província de Santa Catarina e tem cerca de 230 quilômetros próprios à navegação. A direção normal do Iguaçu é de L para O, seguindo o paralelo – o que constitui um dos argumentos de força na tão falada e ainda não decidida questão de limites entre as duas zonas do Paraná e de Santa Catarina. A primeira cachoeira grande é denominada *Caiacanga*. Tem, porém, grandes trechos de esplêndida navegabilidade. Depois de um curso de mais de 1.200 quilômetros e de receber muitos e grossos tributários, deságua no Paraná pela margem esquerda, apresentando, no momento da confluência, mais de 400 metros de largura e oito de fundo, em tempo de águas baixas. Dista a embocadura do rio Jaguaré, para o Norte, 18 léguas e do Salto de Sete Quedas, 30. Recebe pela margem direita os rios *Baregui*, *Poçaúna*, *Várzea*, *Turvo*, *Potinga*, *Claro*, *Palmital*, *Jordão*, que tem belíssima catarata, a cinco léguas de Guarapuava, *Verde*, *Cavernoso*, *Camava*, *Sinimbu*, *Tibúrcio* e *Deodoro* e, pela esquerda, *Negro*, *Anta Gorda*, *Paciência*, *Barra Grande*, *Ojeriza*, *Escada*, *Batatal*, *Timbó*, *Lança*, *Cachoeira*, *Pintado*, *Areia*, *Jangadas*, *Chopim* e *Santo Antônio*. Acima da foz do Chopim, fica o salto Osório. A embocadura no Paraná demora aos 25°24' de latitude S e 11°26' longitude O Rio de Janeiro.

E

A colonização russa no Paraná

As malversações que se deram por ocasião da chamada colonização russa foram extraordinárias. Parece que a despesa total para os cofres públicos subiu a 6.400:000\$000! O opúsculo do sempre lembrado Lame-

nha Lins é precioso resumo dos desmandos que se praticaram e das queixas que eles provocaram. A primeira entrada dos russos foi de 1.366 pessoas a 31 de dezembro da 1878, começando desde aí os abusos. Uma fazenda ajustada por três réis a braça quadrada, foi posteriormente paga a seis réis. Amontoados na vila da Palmeira, sem possibilidade de se mexerem dali, pois lhes eram negados os meios de locomoção, levantaram-se afinal e exigiram repatriação, porquanto as terras que se lhes impunham eram impraticáveis e más, conforme haviam verificado com instrumentos de sondagem e reagentes químicos. E por isso se viam acoimados de *refratários à civilização, selvagens e brutos*, em documento oficial e tratados a coice d'arma, para voltarem à Palmeira! Custa a crer! Segundo o relatório do ex-Presidente Dr. Brasília Machado, as compras daquelas malsinadas terras subiram ao elevado algarismo de 1.089:868\$620 (vide *Gazeta Paranaense* nº 40, de 20 de fevereiro de 1886), figurando entre outras a célebre fazenda *Capão da Anta* por 97:000\$. Foi aí que o Imperador, depois de mandar o capitão comandante do piquete enterrar no solo a espada e verificando que só se encontrava pedregulho, exclamou: "Os russos tiveram razão." A muito custo foram localizadas, depois de enormes despesas de alimentação, 928 famílias, das quais só ficaram 235, ou pouco mais de 800 pessoas. Houve necessidade de sustentar à custa do tesouro público milhares de bocas inutilmente por dois meses inteiros e fretarem-se, afinal, vapores para levar toda essa gente a Hamburgo. Depois de outras peripécias, foi ela ter aos Estados Unidos, onde fundou, no Estado de Nevada, florescente colônia a qual conta hoje mais de 50.000 habitantes! Eis o que o Paraná perdeu, e disto tem pleno conhecimento, porquanto os russos que lá ficaram em número inferior a 1.000 tornaram-se causa de prosperidade para os Campos Gerais e estão todos mais ou menos abastados com o seu trabalho e seus hábitos de atividade.

F

Árvores florestais do Paraná

Cambuim, cabuí ou *cambuizeiro* mirtácea, que dá um frutozinho saboroso, ora roxo-negro (*myrtus sylvestris*) ora amarelo-avermelhado (*myrtus rubra*), ora amarelo (*myrtus alva*).

O angico, bela leguminosa muito freqüente em todo o Brasil (*piptadenia colubrina* de Benth; *acacia angino* de Martius), madeira muito empregada nas construções civis e navais. A casca contém muito tanino e é muito usada nos curtumes. Dá uma goma que Aires do Casal denomina alambreada. No Paraguai abunda também, e é conhecido por *curupau*. Há angicos preto e amarelo, este amarelo listrado de vermelho.

Tarumã (*vitex taruman*, *v. montevidensis*). Verbenácea arbórea, de que há esplêndidos exemplares em Mato Grosso. Dizem que a infusão das folhas muito aproveita nos engurgitamentos do fígado.

Cedrella brasiliensis – muito espalhada em toda a América Meridional. Foi o cheiro do cerne que lhe deu por extensão o nome sânscrito de *kádru*, a célere conífera, empregada na construção do templo de Jerusalém.

Jerivá. No Paraná não são variadas as espécies de palmeira. Em compensação, é abundantíssimo o *jerivá* (*cocos martiana* – dendê e glaziou). Na província do Rio de Janeiro, chamam-no *baba-de-boi*, *jarivi*, *jerivá* e *jeruvá*.

Os *pinheirais*. O Paraná é a zona por excelência dos pinheiros. Aliás, Curitiba lhe deve o nome (*curu*, pinhão – *tiba* ou *tuba*, lugar de abundância). Apenas se entra, pela estrada de ferro, nos campos de Curitiba, de todos os lados se ostentam belíssimos grupos. Piracuara os tem lindos. No sertão de Guarapuava os há de dimensões colossais de 1m76 de diâmetro e mais de 33 de altura. Por enquanto, a indústria, apesar das tentativas, não tem sabido aproveitar essa riqueza. O pinho do Paraná, excelente como é, tirado para climas frios, no Rio de Janeiro e em região quente cria depressa bicho ou fermenta, por não ser exportado bastante seco.

G

O Presidente Lamenha Lins

É sem dúvida alguma um dos mais notáveis administradores que tem tido a província do Paraná que prestou assinalados serviços, o mais relevante dos quais foi a organização de quase todos os belos centros imigrantistas que circundam a cidade de Curitiba. Quando ele assumiu a presidência, a 8 de maio de 1875, havia tão-somente a colônia do Açun-

gui e os núcleos *Venâncio*, *Pilarzinho* e *Abranches*, além de dois ou três no litoral e em pouco tempo criou mais oito ou dez que logo mostraram o maior desenvolvimento. Exonerado em meados de 1877, foi a 29 de agosto nomeado inspetor especial de terras e colonização do Paraná, lugar que exerceu quatro meses incompletos, pois foi exonerado a 27 de dezembro daquele ano de 1877. Lamenha Lins deixou nome ainda hoje popularíssimo em toda aquela zona. Assim pudessem tais exemplos frutificar!

H

Biguás

Palmide do gênero *carbo* (*c. brasiliensis*), ave de vôo muito rápido e trêfego em todos os seus movimentos. É considerada verdadeira peste do porto da Laguna, e tal o estrago que faz ao pescado, que a Câmara Municipal paga para a sua destruição. É sabido o comércio que aquela cidade fazia de *bagres salgados*, indústria que foi quase aniquilada pela concorrência dos *biguás*, incansáveis na pesca daqueles peixes. A princípio não sabiam quebrar os ferrões que estes têm nas barbatanas e os prudenciavam nos seus ataques; pela evolução, porém, e confirmando as brilhantes teorias de Darwin, hoje são todos sobremaneira destros nisso e procuram, portanto, com avidez aquele repasto.

I

Visconde de Guarapuava

Esse venerando ancião, morador da cidade de Guarapuava há longuíssimos anos, merece de toda a província do Paraná o maior e mais justo respeito. Sempre que apelei para a sua generosidade como presidente daquela grande zona, encontrei-o pronto para concorrer com valiosos doativos a bem de benefícios morais e materiais. Dei por isto à sala de honra da Biblioteca Pública o seu nome. Conhecido por inúmeros atos de virtude, modesto, retraído e superior a todas as vaidades do mundo, tem sido esse ilustre cidadão incansável em promover o adiantamento da cidade que habita e que deve ufanar-se de ter em seu seio tão distinta e nobre personalidade. O Visconde de Guarapuava é um brasileiro que honra o Brasil

inteiro. Com a mais viva satisfação aqui lhe é prestada esta homenagem de elevadíssimo apreço e admiração. O seu nome é Antônio de Sá Camargo.

J

Barão de Taunay

Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay, nasceu em Montmorency (França) a 1º de março de 1795. Filho do afamado pintor da escola francesa e membro do Instituto de França, Nicolau Antônio Taunay, veio com sua família para o Brasil em 1816, chegando ao Rio de Janeiro a 26 de março. Dedicando-se à literatura em que se tornou insigne, possuindo a fundo o grego e o latim, e à pintura, foi eleito, a 12 de dezembro de 1834, diretor da Academia das Belas-Artes do Rio de Janeiro e nesse cargo prestou àquele estabelecimento até 1851 serviços que ainda não foram excedidos. Deixou diversos quadros notáveis, sendo a sua obra-prima a *Morte de Turenne*, tela que parece Wouvermans, ou dos mais célebres pintores de batalha. Foi professor de D. Pedro II e desde 1835 entreteve com o Monarca as mais cordiais relações de amizade. Desposou, em 1840, D. Gabriela de Escragnolle, filha do conde e da condessa de Escragnolle, nascida no Rio de Janeiro e teve três filhos, o autor, o Dr. Luís Gofredo d'Escragnolle Taunay e D. Adelaide, casada com o General Chagas Dória. Depois de longos padecimentos, por haver cegado e quebrado o colo do fêmur, faleceu a 10 de abril de 1881, tendo completado 86 anos de idade e 65 de residência no Brasil. Nunca se quis naturalizar cidadão brasileiro por exigir a grande naturalização. Devido a isto, preferiu jubilar-se e perder o lugar de diretor da Academia das Belas-Artes a praticar um ato que não julgava à altura da sua dignidade. Compôs o seu epitáfio, que resume a sua bela e agitada existência, sempre dedicada à honra e as mais alevantadas das virtudes:

Philologue, à demi-poète,
Spétateur éternel du beau,
Je perdis mon temps à sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau!

Deixou muitas obras inéditas e entre elas uma belíssima tradução em versos franceses das odes do grande Píndaro, das bucólicas de Teócrito

e das elegantes sátiras de Pérsio. Impressos, há dele os *Idílios brasileiros*, tradução dos versos latinos do seu irmão Teodoro Taunay e *L'Astronomie du Jeune Age*, anotada pelo eminente Liais. Tinha em mão um longo poema em 24 cantos *La Bataille de Poitiers*. As últimas palavras que pronunciou foram: “Eis a morte: devo descobrir-me”, e procurou tirar um gorrozinho de seda que trazia à cabeça.

K

O rio Timbó

Nasce na serra do Espigão, atravessa-a em seu prolongamento de O e, depois de parecer dirigir-se para S, desce a cair no rio Iguaçu, pouco acima do Porto da União. Durante muito tempo houve dúvidas se era afluente do Pelotas ou do Iguaçu. Explorado pela comissão Ourique Jacques em 1883, é por ele proposto para linha média divisória entre o Paraná e Santa Catarina. Esse rio quase todo encachoeirado não se presta à navegação. O nome que tem provém da planta timbó (*paullinia pinnata* de Lineu), bastante venenosa e empregada na pescaria pelos índios. As cataplasmas de timbó são muito usadas na terapêutica contra engurgitamentos do fígado e baço. Em algumas províncias, há proibição de se usar do timbó nos rios.

L

Visconde de Beaurepaire-Rohan

Meu ilustre primo e amigo Visconde de Beaurepaire-Rohan nasceu a 12 de maio de 1812 em Sete Pontes, perto de São Domingos e Niterói, província do Rio de Janeiro. Formado em Matemáticas, engenheiro militar, preencheu muitas comissões da sua especialidade e percorreu quase todas as províncias do Brasil. Como major do corpo de engenheiros, foi nomeado, em 1848, chefe da comissão encarregada da abertura de uma estrada entre Guarapuava e o rio Paraná (*Revista do IHGB*. Tomo 28, págs. 5 a 31). Vice-presidente em exercício da província do Paraná, ocupou a cadeira presidencial em 1855, concorrendo para ativar as obras da estrada da Graciosa, de que foi engenheiro e cujo orçamento total calculou em 250:000\$000 (*Manuel Eufrásio* – Estrada da Graciosa) – págs. 78 e 94).

Beaurepaire-Rohan deixou no Paraná, como aliás em toda a parte onde esteve, nome muito estimado. O parentesco que nos liga provém do casamento do meu avô paterno, Conde de Escragnolle, com a Condessa de Beaurepaire, irmã do Conde de Beaurepaire, pai do atual visconde. Escreveu muitos opúsculos, todos dignos de apreço, sob assuntos científicos e filológicos. A sua obra mais valiosa é, sem dúvida, o *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, que será sempre consultada com vantagem e se tornará clássica.

M

Sertanejo Lopes

Joaquim Francisco Lopes, irmão do lendário guia da expedição de Mato Grosso José Francisco Lopes, igualmente impertérrito explorador de sertões bravios. O seu nome figura por vezes na *Revista do Instituto Histórico*. No tomo 13, pág. 153, há uma interessante memória sua, relativa a trabalhos de exploração feitos em 1844 e 1848 por ordem do Barão de Antonina para estabelecer comunicação entre as províncias de São Paulo e Mato Grosso. Em 1868, Joaquim Lopes foi por duas vezes à zona contestada para catequizar índios e em 1877 organizou o núcleo indígena de São Tomás de Papanduva, cinco léguas distante da vila do rio Negro, que, pouco depois de criado, se dissolveu. Acerca do irmão José Francisco Lopes vide *Retirada da Laguna*.

N

Barão de Antonina

João da Silva Machado, Barão de Antonina, era natural da província do Rio Grande do Sul. Estabelecido na cidade de que teve o título, foi o grande instigador das explorações que, desde os começos do decênio de 1840 a 1850, se fizeram para abrir relações entre o Paraná e Mato Grosso. Escolhido senador do Império pela nascente província que tão bem servira a 3 de agosto de 1854, tomou assento a 3 de agosto daquele ano, falecendo a 19 de março de 1875. O seu lugar foi preenchido pelo conselheiro Manuel Francisco Correia, o 2º senador da província do Paraná.

O

Embuias

Há três qualidades, rosa, preta e amarela. Querem alguns que a embuia seja a canela das mais províncias, havendo em outras dúvidas sérias. Parece que é uma *nectandra*, aproximava à espécie conhecida no Norte do Brasil por *itaúba*. São árvores corpulentas que dão esplêndida madeira, ganhando muito quando envernizada. Presta-se para todas as obras finas. Na Misericórdia de Curitiba há na capela um revestimento de *embuia* de curiosíssimo achamotado, semelhante casca de tartaruga. A abundância dessa árvore é extrema no Paraná. Com ela e o *cipó-florão* (*baubinia*) fazem-se lindos trabalhos de marcenaria. São árvores de serra acima. O tronco engrossa muito e esgalha a pouca altura. Será um *acrodiclidium*?

P

Campo Largo

Fundada em terras do Capitão José Antônio da Costa, começou a prosperar em princípios de 1814. Construiu-se a igreja matriz em 1821. Elevada a vila em 1870 e a cidade em 1882. Dista 38 quilômetros de Curitiba. Tem um clube literário fundado em 1875 e uma sociedade de imigração, que lá criei a 24 de dezembro de 1885.

É cabeça de comarca desde 1874.

Q

Curitiba

O singelo e admirável Saint-Hilaire, na sua *Viagem às províncias de São Paulo e Santa Catarina*, dá-nos elementos seguros e dignos de toda a fé, como são quantos nos ministra em suas conscienciosas obras, para julgarmos o que era Curitiba no ano de 1820. Compunha-se, nesse ano, de 220 casas quase todas térreas, mas de pedra e cobertas de telhas. Mostrava ruas largas e regulares, algumas calçadas. Tinha três igrejas. A comarca, quinta das de São Paulo, compreendia 36.186 habitantes, dos quais 10.652 pertenciam ao distrito; quase todos gente livre, em geral branca. O milho vendia-se a 160 réis o alqueire (40 litros), o arroz duas patacas, o

feijão um cruzado. O distrito, que se estendia até o município do Castro de um lado e a serra e do outro até São Francisco do Sul e Lapa, patenteou em 20 anos a seguinte diferença de população:

1818	
Branços dos dois sexos	6.140
Mulatos livres	3.036
Negros livres	251
Homens livres	9.427
Mulatos escravos	544
Negros escravos	1.043
Total	11.014

1838	
Branços dos dois sexos	9.806
Mulatos livres	4.119
Negros livres	289
População livre	14.214
Mulatos escravos	704
Negros escravos	1.237
Total	16.155

O mesmo Saint-Hilaire, referindo opinião de Francisco de Paula e Silva Gomes, reproduzida por Sigaud (*Anuário do Brasil*), diz que desde 1822 os curitibanos pediam a sua separação de São Paulo.

A altitude de Curitiba é de 895 metros acima do mar. Entretanto, o Capitão King, citado pelo Marechal Daniel Pedro Müller, diz que essa altura é simplesmente de 183 braças (402,6)! É raro descer a temperatura abaixo de zero, mas freqüentíssimo o termômetro centígrado marcar quatro graus e menos ainda. O frio é seco e agradável. Pela má disposição das fossas de despejo e poços de água potável têm por vezes aparecido epidemias de tifo. Urge tratar da canalização das águas do rio Baregui, embora não sejam bastante copiosas para as necessidades da população de Curitiba, cada vez mais crescente. Os rios, como o Ivo e outros, estão hoje quase secos. O Belém, que corria para um espraído e era causa de pestilencial pân-

tano foi canalizado e hoje percorre em elegantíssimas voltas mais de 800 metros dentro do formoso Passeio Público, que consegui delinear como presidente da província e inaugurei, no dia 2 de maio de 1886, graças ao valiosíssimo auxílio do ilustre e ativo cidadão Francisco Fasce Fontana, um dos homens mais inteligentes e bem intencionados de Curitiba.

.....
Índice onomástico
.....

A

ABREU, Florêncio de – 72
ADELAIDE (dona) – 111
AGOSTINHO MARIA – 27
ALMEIDA (capitão) – 33
AMORIM CALDAS (capitão) – 67
ANTONINA (barão de) – 113
ARAÚJO, Manuel Alves de – 77
AZEVEDO CASTRO – 58

B

BARANDIER – 36
BEAUREPAIRE (conde de) – 113
BEAUREPAIRE (condessa de) – 113
BEAUREPAIRE-ROHAN (visconde de)
– 19, 42, 112, 113
BELARMINO (capitão) – 51
BENTH – 109
BRAGA, Líbero – 48
BRAGA, Nivaldo – 18, 20, 22
BRITO, José – 84, 85
BUFFON – 46
BUHRES, Conrado – 37, 39, 40
BUTIN – 36, 37

C

CALDAS (doutor) – 51
CAMARGO, Antônio Bento de – 97
CAMARGO, Antônio de Sá – 111
CAPANEMA (barão de) – 34
CARMO, Leonor Maria do (dona) – 98
CARNEIRO, Inácio – 36, 54

CARVALHO (presidente) – 41
CASAL, Aires do – 41, 107, 109
CERRO ALEGRE (visconde do) – 72
CHAGAS DÓRIA (general) – 111
CHEFE LAMEGO (alrunha do barão de
Laguna) – Ver LAGUNA (barão de)
CHICO TAVARES – Ver TAVARES,
Francisco da Silva
COELHO (major) – 43
COELHO, Tomé Machado – 97
CORDEIRO – 47
CORREIA, Alice Guimarães (dona)
– 104
CORREIA, Ildefonso – 74
CORREIA, Manuel Eufrásio – 17, 71,
74, 76, 83, 103, 104, 106, 113
CORREIA, Manuel Francisco – 103, 113
CORREIA, Maria de Assunção – 103
COSTA, José Antônio da (capitão) – 114
COSTA, Manuel Moreira – 67, 68, 69,
70, 71, 77, 79, 84
COTEGIPE (barão de) – 73, 104

D

DAIREAUX – 38
DARWIN [Charles] – 110
DAVI – 32, 33
DELERS – 96
DOMINGOS (coronel) – 67
DUBOIS (madame) – 39

E

EBEL – 80
ERX-LEBEN – 46

118 Visconde de Taunay

ESCRAGNOLLE (conde de) – 111, 113
ESCRAGNOLLE (condessa de) – 111
ESCRAGNOLLE, Gabriela de – 111

F

FAIVRE – 39
FELICIANO, José – 82
FERREIRA DE ARAÚJO – 83
FLEURY, André Augusto de Pádua – 52,
106
FLORES, Agostinho – 82
FONTANA, Francisco Fasce – 116

G

GAUTHIER – 80
GENTIL, Augusto Perret – 59
GENTIL, Carlos Perret – 59
GOMES, Francisco de Paula e Silva – 115
GUARAPUAVA (visconde de) – 32,
110
GUARAÚNA (barão de) – 20
GUIGNET – 99
GUIMARÃES, Eugênio (major) – 51

H

HACKRADT, Fernando – 80, 84

I

ITAQUI (barão de) – 72

J

JOBIM, José Martins da Cruz – 95, 96
JÚLIO – 85

K

KALIKMANN (engenheiro) – 32
KELLER (os) – 52
KELLER, Francisco – 106
KING (capitão) – 115

L

LAFAIETE – 72
LAGUNA (barão de) – 71, 77
LEÃO, Agostinho Ermelindo de – 29,
36, 44, 46, 54
LAMENHA LINS – 37, 107-108, 109
LIAIS – 112
LINEU – 112
LIVRAMENTO, Lídio – 82, 84, 85
LOPES, Joaquim Francisco – 113
LOPES, José Francisco – 113
LOPEZINHO – 82

M

MACEDO, Antônio Ribeiro de (coronel) – 36
MACEDO, João Ribeiro de – 36, 54
MACHADO, Brasílio – 108
MACHADO, João da Silva – Ver ANTONINA (barão de)
MACHADO, Vicente –
MACIEL, Francisco Antunes (conselheiro) – 71, 72, 73, 76
MADUREIRA, Sebastião José de – 23,
24
MALBURG, Nicolau – 78
MANECA DIABO (alcunha de Manuel Moreira Costa) – Ver COSTA, Manuel Moreira
MARCONDES, Amazonas – 36, 40, 41,
46, 51, 52
MARQUES, Generoso – 76
MARTIUS – 109
MEILY, Jorge Carlos – 59
MEIRELES, Vítor – 36
MELCHIOR, Júlio – 82
MÉRAT – 96
MICHAUD, Guilherme – 57, 58, 59,
60, 61

MINGOTE – 85
MOREAU – 36
MOREIRA – Ver COSTA, Manuel Moreira
MOTA – 36
MÜLLER, Daniel Pedro (marechal) – 115

N

NATEL – 36
NEVES, Gaspar (coronel) – 90

O

ODEBRECHT – 34
OPPERMANN – 30
OURIQUE JACQUES – 112

P

PALLIÈRE – 36
PARANÁ, Sebastião – 23, 32, 106
PEDRO II (dom) – 57, 58, 71, 78, 111
PENTEADO, Luís Antônio – 33
PERDIGÃO – 21
PEREIRA DO LAGO (doutor) – 96
PEREIRA, Domingos de Sousa – 97
PEREIRA, Manuel Adolfo – 97
PEREIRA, Manuel Jacinto – 97
PEREIRA, Maria Ermelina Correia (dona) – 103
PERSIO – 112
PÍNDARO – 111
PINHEIRO, Galdino – 62
PINTO, Domingos Ferreira – 20
PINTO, Mariano Alexandre – 98
PITANGA (doutor) – 72
PORTO ALEGRE (conde de) – Ver SILVEIRA MARTINS
PORTO, Francisco Terésio – 77

R

RATISBONA – 84
REBELO, G. (doutor) – 105
REBOUÇAS, Antônio – 106
RIBAS (os) – 23
RIBAS, Domingos – 22
ROVEDO – 59
RUGENDAS – 36
RUMBELSBURG, Gustavo – 106

S

SAINT-HILAIRE, [Auguste de] – 114
SAMI, João – 85
SANTA TECLA (barão de) – 72
SCHOELER (barão) – 34
SCHUTEL, Duarte Paranhos – 72, 82
SERRO AZUL (barão do) – 71, 74
SIGAUD – 115
SIGWALT, João Miguel – 59, 60
SILVA, João Ribeiro da (coronel) – 78
SILVA, Manuel Moreira da – 62, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 76
SILVEIRA MARTINS – 72
SOBRINHO, Joaquim de Almeida Faria – 60
SOUSA, João Silveira de (conselheiro) – 78

T

TADEU – 83
TALLEYRAND – 71
TAUNAY (barão de) – 36, 111
TAUNAY, Félix Emílio – Ver TAUNAY (Barão de)
TAUNAY, Luís Godofredo d'Escragnole – 111
TAUNAY, Nicolau Antônio – 36, 85, 111
TAUNAY, Teodoro – 112

120 Visconde de Taunay

TAVARES, Anselmo Antônio – 98

TAVARES, Francisco da Silva – 72, 76

TAVARES, Joca (general) – 72

TELES, Augusto Carlos da Silva – 99

TEÓCRITO – 111

TOURINHO, Francisco Antônio Monteiro – 30, 37, 105, 106

TROMPOWSKY – 82, 84, 85

V

VALÕES – 48

VASCONCELOS, Mariano Alves de – 57

VERGUEIRO (senador) – 59

VINET – 36

VINHAS, Boaventura – 80

W

WEISS – 34

WIELAND – 37

WOLF, Rodolpho – 53

WOLF, Thiem – 53

WOUVERMANS – 111

Z

ZACARIAS (senador [Zacarias de Góis e Vasconcelos]) – 22

Paisagens Brasileiras,

de Visconde de Taunay, foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em abril de 2009, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.